

Paula Ferreira Vermeersch

O escudo de Perseu: sobre os textos de Theodor W. Adorno em *The Authoritarian Personality*

Dissertação de mestrado apresentada ao
Departamento de Sociologia do
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Estadual de
Campinas sob a orientação do Prof. Dr.
Josué Pereira da Silva

Este exemplar corresponde à redação
final da dissertação defendida e aprovada
pela Comissão Julgadora em 20/02/2001

BANCA

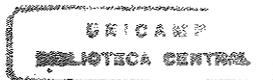
Prof. Dr. Josué Pereira da Silva (orientador)

Prof. Dr. Fernando Antônio Lourenço

Prof. Dr. Gabriel Cohn

Prof. Dr. Marcelo Siqueira Ridenti (suplente)

FEVEREIRO/2001



UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL...
SEÇÃO CIRCULANT

1001-11-01

UNIDADE BC
N.º CHAMADA:
TUNICAMP
V59 e
V. _____ Ex. _____
TOMBO BC/ 44538
PROC. 16-392101
C D
PREC. R\$ 11,00
DATA 18/03/01
N.º CPD _____

ii

CM00156303-1

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

V59 e Vermeersch, Paula Ferreira
O escudo de Perseu: sobre os textos de Theodor W. Adorno em
The Authoritarian Personality/ Paula Ferreira Vermeersch. - - Campinas,
SP: [s.n.], 2001.

Orientador: Josué Pereira da Silva.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Adorno, Theodor W. 1903 - 1969. 2. Teoria social. 3. Autoritarismo. I. Silva, Josué Pereira da. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Ao professor Fernando Lourenço, amigo e mestre

When everything is bad it must be good to know the worst
F. H Bradley, epígrafe para a segunda parte de Minima Moralia, de Theodor W. Adorno

Resumo: Este trabalho trata dos textos de Theodor W. Adorno na obra coletiva *The Authoritarian Personality*, escrita durante os anos de exílio do filósofo nos EUA. Adorno nestes textos se debruçou sobre temas fundamentais da Teoria Social, como ação individual, ideologia, educação, preconceito, religião, política.

Abstract: This work discuss the Theodor W. Adorno's texts in the coletive research *The Authoritarian Personality*, written during the philosopher's exile in USA. Adorno, in these texts, speaks about fundamental subjects of Social Theory,, like individual action, ideology, education, prejudice, religion, prejudice, politics.

Agradecimentos

Esta página foi, com certeza, a que mais me preocupou, na hora da escrita. Não queria cometer nenhuma injustiça às muitas pessoas queridas que fizeram com que o meu sonho de escrever um texto sobre Adorno se tornasse realidade. Antes de tudo, agradeço ao programa de bolsas do CNPq e ao professor Marcelo Ridenti, cujo auxílio foi fundamental.

Em primeiro lugar, agradeço ao professor Josué Pereira da Silva, o orientador perfeito, com quem aprendi em todos os momentos. Aos mestres e amigos indispensáveis Fernando Lourenço e Marcos Nobre. A Luciano Migliaccio e Marcos Tognon, apesar da História da Arte não estar aqui. Aos professores Sérgio Silva, Luiz Orlandi e Walquíria Leão Rego. E ao prof. Gabriel Cohn.

Agradeço muito, demais, à Maria Luísa, Elaine e Érica, que dividiram comigo os dramas de todo final de mestrado e me deram carinho, ajuda e alegria. E, sem que a ordem seja de importância, milhões de obrigadas vão para Aniky, Fabiana, Eriquinha “da Filosofia”, Graziela, Raquel, Mariana, Nancy, Ana Paula, Cássio, Ângela, Letícia, Ângela Lazagna, Alex PC, Rodolfo, Vítor, Cristina, Valéria, Celsinho e Cris, Lili, Cíntia, Renato Brolezzi, Ary, Felipe, Bicudo, Giordano, Luzia, Nilza, D. Neiva, Zezé, Nara, Marcelo Marotta, Daniel X, Marcelo Nobre, Armando, Osvaldo, Luciana. Um carinho especial para Danielle Debrun e sua mãe, Solange, e para toda a família da Camille, Dona Evany, seu Camilo e Júlia, além da própria. Aos pais do Guilherme, seu Andrade e dona Cláudia, pela hospitalidade carinhosa no Rio. À dra. Vanda. Aos meus colegas no mestrado da Sociologia, em especial Marcelo, Sílvio e Marco Antônio. À Priscila, porque a livraria do IFCH é “o lugar”. Ao pessoal do xerox do seu Luís (Benê, Benezinho, Miltão e Dete, além do próprio), ao Nilsão, “porque a gente é pobre mas se diverte”, ao Rodrigo e todo povo da cantina da Bete.

Por último, ao Daniel, porque a Marcenaria e a Música formam uma parceria divertida com a Sociologia e a História da Arte, e porque sem os marceneiros os títulos das dissertações em Sociologia saíam errados! Ao Gui e à Ju, vocês são incríveis...À minha mãe, com o meu mais intenso amor. Esse trabalho foi escrito sob a dolorosa saudade de meu pai. Sem você, pai, a vida perdeu muito da cor; mas a lembrança do amor incondicional me conforta, e me redime.

Índice:)

- 1) Introdução: Um problema complexo, o surgimento da personalidade autoritária ou como olhar a face da Górgona?
 - 1-a) Apresentação- pg. 1
 - 1-b) *The Authoritarian Personality*- pg. 5
- 2) As personalidades autoritárias, por Theodor W. Adorno- pg. 11
 - 2-a) A Introdução de *The Authoritarian Personality*- pg. 13
 - 2-b) A medição do potencial fascista: a escala F- pg. 25
 - 2-c) Os estudos qualitativos de ideologia: preconceito, política, economia, religião- pg. 35
 - 2-d) Tipos e síndromes- pg. 67
- 3) Theodor W. Adorno nos EUA- pg. 73
- 4) Questões e conclusões: Polindo o escudo de Perseu- pg. 89
- 5) Anexos
 - 5-a) Nota sobre tradução- pg. 103
 - 5-b) Lista dos entrevistados citados por Adorno- pg. 105
 - 5-c) Glossário- pg. 115
- 6) Bibliografia- pg. 119

1)Introdução: Um problema complexo, o surgimento da personalidade autoritária, ou como olhar a face da Górgona?

1-a)Apresentação

Esta dissertação é um estudo sobre os textos de Theodor Wiesegrund-Adorno na obra *The Authoritarian Personality*¹, fruto do esforço conjunto do filósofo e de uma equipe multidisciplinar de pesquisadores da Universidade de Berkeley, Califórnia, escrita nos últimos anos da década de 40 e publicada em 1951.

A dissertação tem como objetivos: primeiro, demonstrar a especificidade dos textos de Adorno no conjunto da obra coletiva; segundo, apresentar em linhas gerais como essa especificidade se coloca; terceiro, compreender algumas das contribuições do filósofo para o desenvolvimento da Teoria Social, tanto no que diz respeito à metodologia por ele utilizada quanto pelas discussões sobre o material das entrevistas e questionários aplicados em 2099 membros da classe média branca norte-americana.

Na segunda parte de nossa “Introdução”, iremos começar a expor o problema principal da dissertação, o estudo dos textos de Theodor Wiesengrund-Adorno em *The Authoritarian Personality*, através de uma contextualização desses textos no conjunto da obra coletiva; tal necessidade faz com que uma referência precisa sobre o livro abra o trabalho. Foi preciso uma leitura atenta dos prefácios gerais e uma revisão cuidadosa de toda *The Authoritarian Personality* para que pudéssemos produzir considerações gerais sobre esse marco da pesquisa nas Ciências Sociais. A “Introdução” tem por objetivo apresentar, em linhas gerais, os pontos discutidos pela obra, como preconceito, ascensão do nazifascismo, tendências anti-democráticas, entre outros.

O capítulo 1 discute, especificamente, os textos de Adorno em *The Authoritarian Personality* passo por passo, resgatando as principais hipóteses do filósofo sobre tópicos de política, religião e economia nas entrevistas realizadas, bem como a construção da tipologia das síndromes encontradas entre os entrevistados.

¹ADORNO, Theodor et alli: *The Authoritarian Personality*. Nova York, Science Editions, 1951 (reimpressão em 1964). Nas notas seguintes, TAP; na edição *Gesammelte Schriften*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1975, vol. 8, os capítulos escritos por Adorno ou pelo filósofo e colaboradores estão reunidos com o nome de “Studies in Authoritarian Personality”, e são a Introdução, o cap. VII do vol. 1, e toda a parte IV do vol.2; são estes os nossos objetos de investigação.

As discussões de Adorno com os outros integrantes da pesquisa interdisciplinar fez surgir problemas como a construção da famosa escala F e a necessidade do estabelecimento de conceitos básicos para o estudo dos perturbadores acontecimentos sócio-políticos da contemporaneidade, como personalidade, ideologia, conservadorismo. Assim, começaremos a ter vislumbres de uma visão precisa de algumas das contribuições de Adorno para a Teoria Social.

O capítulo 2 traz considerações sobre o período do exílio norte-americano de Adorno, importantes para tentarmos situar os problemas enfrentados pelo filósofo quando da redação de *The Authoritarian Personality*: suas discussões com a tradição das Ciências Sociais nos EUA, a guinada que seu pensamento sofreu quando defrontado com as questões que atormentam a Teoria Sociológica (o par de conceitos indivíduo- sociedade, as conseqüências dos avanços tecnológicos no cotidiano das massas, a urgência em pensar ligações com as obras de clássicos como Max Weber, Émile Durkheim, Sigmund Freud), enfim, questões relevantes para nossa exposição no terceiro e último capítulo.

Encerrando a dissertação, retomamos certas discussões e conceitos dos textos de Adorno numa primeira problematização, utilizando certos referenciais teóricos clássicos e contemporâneos, como o de Jürgen Habermas. Longe de encerrar o debate, nossas conclusões apenas querem ser uma pequena introdução aos problemas teóricos enfrentados por Adorno em *The Authoritarian Personality*.

Por último, a dissertação apresenta um “Apêndice”, formado por complementos que se mostraram necessários no decorrer das pesquisas (trata-se de uma lista completa dos entrevistados citados por Adorno, uma nota sobre tradução e um pequeno “Glossário”). A idéia era construir ferramentas básicas para aproximar o leitor brasileiro desta obra tão importante na história das Ciências Sociais e no percurso de Adorno, ainda não traduzida para o português

A escolha dos textos de Adorno em *The Authoritarian Personality* se baseou em vários fatores: em primeiro lugar, a inegável importância deste livro na história das Ciências Humanas da segunda metade do século XX, importância esta que podemos observar nas inovações metodológicas e avanços teóricos obtidos, utilizados na maior parte da literatura que utilizamos hoje²; segundo, e este é o ponto mais importante para nós, é o estudo das contribuições de Adorno à Teoria Sociológica, através de um dos textos centrais do autor nessa que foi uma das áreas mais privilegiadas por ele.

² por exemplo, podemos observar a relevância desta obra quando consultamos referências como o *Dicionário de Política*, de Norberto Bobbio. Brasília, Ed. UnB, 1992, verbete “Autoritarismo”

Outro ponto que em muito pesou na escolha foi o fato de que o livro não está traduzido para o português, e apesar da crucial relevância de muitos dos temas por ele abordados na compreensão da sociedade brasileira, os textos de comentadores nacionais ainda são pouquíssimos (a bibliografia apresentada traz o que encontramos até agora).

² por exemplo, podemos observar a relevância desta obra quando consultamos referências como o *Dicionário de Política*, de Norberto Bobbio. Brasília, Ed. UnB, 1992, verbete “Autoritarismo”

1-b) *The Authoritarian Personality*

Em maio de 1944, o “American Jewish Committee” convidou vários especialistas dos diversos ramos das Ciências Humanas para um seminário de dois dias sobre preconceito religioso e social. Nessa reunião, um programa de pesquisa foi definido para o estudo desses problemas cruciais nos EUA. Era necessário averiguar se os emigrados europeus, fugidos dos horrores da Segunda Grande Guerra, encontrariam segurança no país; e, mais ainda, evitar que tragédias como o Holocausto acontecessem novamente. Dentre estes especialistas, encontravam-se dois nomes em ascensão das Ciências Sociais norte-americanas, Talcott Parsons e Margareth Mead³.

Ficou decidido que seriam publicados títulos sobre assuntos relacionados ao preconceito, numa série denominada *Studies in prejudice*; as pesquisas seriam custeadas pelo “American Jewish Committee”. Foi escolhido, para coordenador geral dessas atividades, um filósofo alemão judeu exilado, Max Horkheimer. Horkheimer era o diretor do Instituto de Pesquisa de Frankfurt, que se encontrava nos EUA na ocasião⁴. O Instituto havia realizado, na Alemanha dos anos 30, estudos pioneiros sobre o comportamento político das classes trabalhadoras européias no período entre-guerras⁵.

Da série *Studies in Prejudice*, a maior empreitada- e a que ficou célebre- foi *The Authoritarian Personality*, que ficou sob a responsabilidade de pesquisadores da Universidade de Berkeley, mais

³ Parsons e Mead trocaram cartas sobre as propostas de pesquisa elaboradas neste simpósio; sobre isso, consultar GERHARDT, Uta: *Talcott Parsons on nacional socialism*. Nova York, Aldine de Gruyter, 1993

⁴ Algumas das histórias mais completas do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt são JAY, Martin: *The dialectical imagination*, Londres, Heineman, 1973 e WIGGERSHAUS, Rolf: *The Frankfurt School*. Cambridge, Massachussets, MIT Press, 1995.

⁵ O Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt surgiu em 1933, fundado pelo herdeiro de um latifundiário alemão que possuía terras na Argentina, Félix Weil. Weil concebeu um centro de pesquisas que fosse independente da Universidade de Frankfurt e que se dedicasse a estudos relacionados com os últimos avanços das Ciências Humanas e do marxismo. Na revista editada pelo Instituto, *Zeitschrift für Sozialforschung* (nos EUA, *Studies in Philosophy and Social Science*), reuniam-se textos dos integrantes do Instituto e colaboradores a respeito dos mais diversos temas, como questões sobre os desenvolvimentos contemporâneos do capitalismo e do Estado, a natureza das ciências, o estatuto da Arte na sociedade moderna, novas perspectivas teóricas para as Ciências Sociais, entre outros. Friedrich Pollock, Franz Neumann, Otto Kirchheimer, Walter Benjamin, Leo Lowenthal, Erich Fromm, Herbert Marcuse e Horkheimer eram alguns dos nomes que participavam dos debates do Instituto. Fromm e Horkheimer dirigiram um projeto de pesquisa que procurava averiguar as idéias e práticas dos trabalhadores a respeito da sexualidade, da família, da relação com autoridade, unindo os referenciais marxistas aos da Psicanálise. Em português, temos o “Prefácio” de Horkheimer aos *Estudos sobre Autoridade e Família*, publicados em 1936 em Paris: HORKHEIMER, Max: *Autoridade e Família*. Lisboa, Àpáginastantas, 1983

especificamente do Instituto de Opinião Pública, e de um dos integrantes mais jovens do Instituto, Theodor Wiesengrund-Adorno. A pesquisa para o livro foi realizada entre 1945 e 49, e a publicação surgiu em 1951, quando o Instituto, e Adorno, já haviam retornado à Alemanha.

O volume 1 de *The Authoritarian Personality* se inicia com um Prefácio que é geral para toda a série “Estudos sobre preconceito”, assinado pelos dois diretores dos trabalhos científicos do “American Jewish Committee”: o primeiro, Max Horkheimer, e o segundo, Samuel H. Flowerman. No final da grande tragédia da Segunda Grande Guerra, os autores vêem que o anti-semitismo não está se manifestando em toda a sua capacidade destrutiva, conhecida nos anos anteriores. Mas o que denominam de doença social, o preconceito contra os judeus e de maneira mais ampla contra todas as minorias, atravessa um período de incubação, e, assim como os biólogos e os médicos fazem em relação a moléstias, pode-se estudar e prevenir os efeitos ou reduzir os malefícios de seu próximo surgimento.

No momento em que os autores escrevem, ou seja, a partir de 45, a principal pergunta é: como foi possível a perseguição e o extermínio de milhões de pessoas no seio da civilização ocidental, na cultura da “lei, da ordem e da razão”? Como explicar essa sobrevivência de antigos ódios raciais e religiosos? Mais especificamente: “What tissues in the life of our modern society remain cancerous, and despite our assumed enlightenment show the incongruous atavism of ancient peoples?”⁶

Estas perguntas precisam ser respondidas, nem que de maneira parcial e não-definitiva, afirmam Horkheimer e Flowerman, porque a humanidade já pagou um preço muito alto por sua fé ingênua nos efeitos do tempo. O preconceito, dizem os autores, é um dos assuntos sobre os quais todos têm suas teorias mas ninguém tem nenhuma resposta. Todos os homens acreditam que são seus próprios cientistas sociais; mas o progresso da ciência só é possível quando se supera os postulados do senso comum a respeito dos fenômenos.

Dois níveis de pesquisa foram definidos: um, relativo aos problemas da educação e avaliação da influência da propaganda (resolvidos com estudos pequenos) e uma pesquisa básica, um grande estudo. Esses níveis são chamados, e aqui os autores afirmam que isso se dá de maneira inapropriada, de “short-range” e “long-range”⁷. Nos dois, de qualquer maneira, é necessário uma abordagem inter-disciplinar. O *American*

⁶ TAP, vol. 1, pg. V- “Quais os tecidos na vida da sociedade moderna mantêm-se cancerosos, e a despeito de nosso assumido esclarecimento mostram o atavismo incongruente dos povos antigos?”

⁷ os autores fazem referência a Robert Merton, sociólogo norte-americano. Seu “Sobre as teorias sociológicas de médio alcance” foi publicado no volume *Sociologia: teoria e estrutura*, em 1949. Merton era do Departamento de Pesquisa Social Aplicada, da Universidade de Colúmbia, colega de Paul Lazarsfeld. Este

Jewish Committee estabeleceu um Departamento de Pesquisa Científica, que deveria iniciar uma série de trabalhos. Os cinco primeiros livros formam uma unidade; cada um ilumina um aspecto do problema do anti-semitismo.

À pergunta: existem mecanismos psicológicos que fazem com que as pessoas sejam preconceituosas ou não, *The Authoritarian Personality* apresenta alguns dados, retirados de diferentes estratos da população. Já *Dynamics of prejudice*, de Bruno Bettelheim e Morris Janovitz, considera a relação entre traços da personalidade e preconceito entre veteranos de guerra. *Anti-semitism and emotional disorder*, de Nathan Ackerman e Marie Jahoda, é baseado em casos clínicos de intensiva psicoterapia.

Dando conta dos aspectos sociológicos da ascensão do nazi-fascismo, Paul Massing escreve *Reversal for destruction*, que reconstrói a trajetória histórica do anti-semitismo nazista. E, finalmente, centrando no papel do agitador político, Leo Lowenthal e Norbert Guterman elaboram *Prophets of Deceit*. O agitador político, concluem os autores, transforma preconceitos já existentes em condutas para a ação. O objetivo dos cinco livros, afirmam Horkheimer e Flowerman⁸, não é descrever o preconceito, mas explicá-lo, pensando em sua erradicação. Tal objetivo só pode ser alcançado com reeducação cientificamente planejada, baseada num conhecimento profundo entre a relação indivíduo-sociedade. Mas o exame dessa relação, nos *Estudos sobre preconceito*, é sempre tomada de um ponto de vista sociológico.

O “Prefácio” específico de *The Authoritarian Personality* é assinado apenas por Horkheimer⁹, e se inicia com a seguinte afirmação: o livro é sobre a discriminação social, mas o propósito não é simplesmente adicionar mais achados empíricos sobre o tema. O ponto central é novo: trata-se do surgimento de um tipo “antropológico”, chamado o “tipo autoritário de homem”. Explica Horkheimer que numa sociedade altamente industrializada, existem crenças irracionais ou anti-rationais. O homem moderno é ao mesmo tempo iluminista e supersticioso, orgulhoso de seu individualismo e com o medo constante de não ser como os outros, cioso de sua independência e propenso a seguir cegamente o poder e a autoridade. Essas forças

texto de Merton era uma resposta às posições de Talcott Parsons na “American Sociological Society” em 1947. MERTON, Robert: *Sociologia: Teoria e Estrutura*. São Paulo, Mestre Jou, 1970

⁸ BETTELHEIM, Bruno, e JANOWITZ, Morris: *Dynamics of prejudice*; ACKERMAN, Nathan, e JAHODA, Marie: *Anti-semitism and emotional disorder*; LOWENTHAL, Leo, e GUTERMAN, Norbert: *Prophets of deceit*; e MASSING, Paul: *Rehearsal for Destruction*. Todos os livros foram editados em Nova York, pela Harper Editions, em 1949 e 1950.

⁹ HORKHEIMER, Max: “Preface”, in TAP, vol. 1, pgs. ix a xv.

conflitantes já chamaram a atenção de muitos filósofos e pensadores. *The Authoritarian Personality* aproxima a discussão desses problemas nos termos de uma pesquisa sócio-psicológica.

As implicações do estudo de *The Authoritarian Personality* são práticas e teóricas. Não existe, para os autores, diferença entre a pesquisa teórica e a empírica. As contribuições das Ciências Humanas podem alterar o clima cultural onde o preconceito surge; tal convicção, porém, não pode ser confundida com uma ilusão otimista, porque as relações entre o trabalho intelectual e outras instâncias da sociedade são complexas. Horkheimer cita dois exemplos: o impacto do racionalismo cartesiano, decisivo na destruição da antiga crença na magia, nos séculos 17 e 18, e a influência decisiva da obra de Sigmund Freud na cultura moderna. A constatação, realizada pela Psicanálise, a respeito da importância dos acontecimentos da primeira infância, modificou a visão sobre a educação e trouxe uma revolução nas relações entre pais e filhos, que seria impensável um século antes.

Talvez, acredita o filósofo, *The Authoritarian Personality* possa encontrar um lugar na história da interdependência entre a ciência e o clima cultural. Seu objetivo último é abrir novas fronteiras de pesquisa, além de ter uma significação prática. A obra busca um entendimento dos fatores sócio-psicológicos que tornaram possível o surgimento do tipo autoritário de homem, no lugar do individualista e democrático que o precedeu na história da civilização ocidental, e baseia-se na idéia de um estudo mais sistemático dos mecanismos da discriminação, não só na experiência contemporânea como no contexto do desenvolvimento das Ciências Sociais. Esforços consideráveis e bem-sucedidos de diversas disciplinas estão tornando possível uma maior cooperação interdisciplinar nos estudos do homem, assim como existe nas Ciências Naturais.

The Authoritarian Personality, segundo Horkheimer, é resultado do cruzamento fértil entre a Psicologia, as Ciências Sociais e a Estatística. *Experts* nas três áreas testam seus conhecimentos e experiência na compreensão dos dados, e reúnem seus esforços para construir os elementos de uma teoria do tipo autoritário de homem na sociedade moderna. Lembra Horkheimer que os autores não são os primeiros a estudar esses fenômenos, e que reconhecem suas dívidas aos perfis psicológicos de indivíduos preconceituosos realizados por Sigmund Freud, Maurice Samuel, Otto Fenichel e outros. Tais trabalhos traziam *insights* brilhantes que são pré-requisitos indispensáveis na integração metodológica e organização da pesquisa de *The Authoritarian Personality*.

Institucionalmente, o livro foi uma parceria entre o Instituto de Estudo de Opinião Pública da Universidade de Berkeley e o Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, então no exílio. O primeiro é responsável pelos estudos de Psicologia Social, que enfocam as relações entre traços da personalidade e preconceito (o surgimento, nas pessoas, de uma natureza nihilista e uma ideologia pessimista e irracional de intolerância). Já o segundo dedica-se, desde seus primeiros dias na Alemanha, à busca de uma interação teórica e metodológica, publicando estudos diversos. Nos já citados *Estudos sobre autoridade e família*, surgiu o conceito de “personalidade autoritária”, para dar conta da ligação entre características psicológicas e tendências políticas. Em 1939, o Instituto formulou e publicou um projeto de pesquisa sobre o anti-semitismo, que é a base de *Authoritarian Personality*, dirigida por quatro membros *senior* das duas instituições: R. Nevitt Sanford, Adorno, Brunswick e Daniel Levinson.

Todos se consideram autores e responsáveis pelo livro, apesar de terem dividido entre si algumas tarefas. Sanford ficou responsável pela procura de um meio de combinar as várias técnicas de pesquisa utilizadas, além dos estudos detalhados de dois casos específicos, onde a dinâmica da personalidade preconceituosa aparece minuciosamente. Já Adorno introduziu as dimensões sociológicas relacionadas com fatores da personalidade e do autoritarismo; suas análises das entrevistas foram feitas através do uso de categorias da Teoria Social. Brunswick elaborou algumas das primeiras variáveis a partir das quais a personalidade é estudada, e, baseando-se em seus trabalhos anteriores, sistematizou e orientou a categorização e quantificação do material das entrevistas. Finalmente, Levinson elaborou as Escalas A-S, E e PEC¹⁰, correspondendo com a investigação da ideologia em termos psicológicos, e organizou todos os procedimentos estatísticos.

The Authoritarian Personality também traz três capítulos monográficos, uma apresentação geral da metodologia e resultados de uma das técnicas principais, escritos pelos colaboradores Betty Aron, Maria Levinson e William Morrow. Entre os agradecimentos, constam os nomes de Horkheimer, Flowerman, Frederick Pollock, Leo Lowenthal e Felix Weil.

¹⁰ As escalas A-S (anti-semitismo), E (etnocentrismo), PEC (conservadorismo político-econômico) e F (fascismo) foram compostas por frases apresentadas aos entrevistados, que, ao concordarem ou discordarem delas, alcançavam índices, baixos, altos ou médios. Para uma descrição detalhada dessas grandes inovações trazidas por TAP, ver o Glossário, que consta no Anexo deste texto.

2) As personalidades autoritárias, por Theodor Adorno

Bárbara Freitag, em *Teoria Crítica ontem e hoje*¹¹, resume *The Authoritarian Personality* como resultado da reunião de psicólogos, psicanalistas e pesquisadores empíricos, além de um filósofo, que buscavam refletir sobre a interação existente entre a dinâmica psíquica do indivíduo e as condições sócio-políticas. A autora é da opinião que apesar de sua sofisticação metodológica e empírica, *The Authoritarian Personality* traz a marca dos estudos realizados por Erich Fromm e Max Horkheimer e compilados em *Estudos sobre autoridade e família*, publicado em 1936 em Paris, antes da imigração.

Nesse sentido, a hipótese da autora é que os textos de Adorno, em *The Authoritarian Personality*, representam uma continuação teórica dos trabalhos realizados pelo Instituto até então, guiados por uma orientação freudo-marxista. O que era caráter, em Fromm e Horkheimer, é personalidade em Adorno (os dois conceitos dizem respeito ao conjunto de forças mais ou menos estáveis no indivíduo). Como Wilhelm Reich e Fromm, a personalidade é vista por Adorno como uma instância entre a base econômica e a ideologia nas sociedades capitalistas contemporâneas. Não há divergência teórica entre o filósofo e seus antecessores, segundo Freitag: ele ampliou a tipologia introduzida por Reich (caráter neurótico e genital) e Fromm (caráter individual e social). É interessante observar se essa hipótese de Freitag está correta. Adorno não estava diretamente ligado ao Instituto na época dos estudos de Fromm e Horkheimer. Os *Estudos sobre autoridade e família* foram alguns dos trabalhos mais significativos do Instituto antes da ascensão do regime nazista, e tinham por objetivo observar, de maneira empírica, a estrutura da personalidade na classe operária de diversos países europeus; uma das conclusões do estudo foi a de que esta classe havia perdido a sua consciência, e estava pronta a apoiar regimes não-democráticos.

No dia em que Hitler subiu ao poder, Adorno publicou seu trabalho sobre Kierkegaard; ele acreditava que os nazistas eram um fenômeno passageiro. Ficou na Europa até quando pôde, diferentemente de Horkheimer, que logo começou a transferir o Instituto de país em país. Mesmo em Oxford, regressava à Alemanha constantemente, para visitar sua noiva Gretel, ignorando os riscos que corria, por ser de ascendência judia e intelectual de esquerda.

¹¹ FREITAG, Bárbara: *Teoria Crítica ontem e hoje*. São Paulo, Brasiliense, 1992

Mas a noção de personalidade sado-masquista, desenvolvida por Fromm no período, foi inserida no pensamento adorniano no ensaio sobre Wagner, apesar de suas discussões estarem inteiramente voltadas ao debate com o mestre e amigo Walter Benjamin. Podemos afirmar, portanto, que *The Authoritarian Personality* se insere no conjunto de produções do Instituto da época da imigração, bem como *Dialética do Esclarecimento* e todos os artigos da *Zeitschrift*. E que, apesar de Fromm ter se desligado do Instituto em Nova York, suas contribuições continuaram sendo um modelo para Adorno.

Para melhor compreender os pontos discutidos pelo filósofo em *The Authoritarian Personality*, dividiremos nosso texto em considerações sobre cada uma das partes em que Adorno colaborou, trazendo assim o foco para mais perto.

2-a)A “Introdução” de *The Authoritarian Personality*

Todos os autores de *The Authoritarian Personality* escrevem, na “Introdução”¹², que a pesquisa do livro foi guiada pela seguinte hipótese: de que as convicções políticas econômicas e sociais de um indivíduo formam um padrão coerente, uma “mentalidade” ou “espírito”, e que esse padrão é a expressão de traços profundos da personalidade. O tema principal é o potencial fascista que existe nos indivíduos, a estrutura que deixa as pessoas suscetíveis à propaganda anti-democrática. Os autores dizem “potencial” porque não estudaram líderes ou participantes de organizações reconhecidamente fascistas. Depois do final da guerra, não seria possível aos investigadores encontrar sujeitos abertamente identificados com o fascismo; mas não houve dificuldade em encontrar entrevistados que aceitariam o fascismo se este se tornasse um movimento forte, como ocorreu na Alemanha e na Itália.

Concentrando-se no potencial fascista, os autores não sugerem que todos os padrões de personalidade e ideologia sejam considerados da mesma maneira. Mas é importante ressaltar, para eles, que ao se lutar contra o fascismo, na maioria das vezes não se dá muita importância ao potencial anti-fascista, que, para os autores, também não se constitui como um padrão único. Um dos maiores achados de *The Authoritarian Personality* é que os indivíduos extremamente suscetíveis à propaganda fascista possuem muitos traços em comum. Eles exibem inúmeras características que juntas formam uma síndrome (as análises de Adorno justamente apresentam essas síndromes). Existem também algumas variações típicas nas quais este padrão pode ser distinguido; por outro lado, pode-se perceber alguns tipos de estrutura de personalidade que parecem ser particularmente resistentes às idéias anti-democráticas. A pergunta principal é: “If a potentially fascist individual exists, what, precisely, is he like?”¹³.

A noção de que o potencial anti-democrático individual é uma totalidade é a hipótese a ser confirmada ou não pela pesquisa de *The Authoritarian Personality*. Para que as análises fossem realizadas, foram utilizados dois conceitos: o de ideologia e o de necessidades básicas do indivíduo.

Ideologia, em *The Authoritarian Personality*, é utilizada no sentido usual da literatura sociológica: como a organização de opiniões, atitudes e valores, a maneira pela qual os homens se pensam e pensam a

¹² TAP, vol. 1, pgs. 1 a 27

¹³ TAP, vol. 1, pg.2- “Se um indivíduo potencialmente fascista existe, como precisamente ele é?”

sociedade onde vivem. Pode-se falar numa ideologia total de um indivíduo ou de sua ideologia em relação a assuntos específicos: política, economia, religião, minorias, ou seja, em padrões de pensamento.

O objeto mais específico do livro é observar a natureza do potencial fascista individual a partir de um ponto na ideologia: o anti-semitismo. Os autores, assim como outros cientistas sociais, acreditam que o anti-semitismo não está ligado a características dos judeus que trazem à tona ódios, e a possíveis ligações dessas características com a experiência de vida do indivíduo anti-semita.

Apesar da ênfase no fenômeno da personalidade, não é possível entender a existência do anti-semitismo apenas em termos psicológicos. A divisão de elementos sociológicos históricos e psicológicos é artificial, e esse é o pressuposto para se compreender a existência de idéias anti-semitas na nossa sociedade. A questão primordial é: por que algumas pessoas aceitam essas idéias enquanto outras não?

Da obra como um todo, é possível afirmar que, resumidamente, *The Authoritarian Personality* compreende o anti-semitismo como um sintoma de uma “doença” social, a formação de um novo tipo antropológico, o *homo autoritarius*, no seio da sociedade contemporânea. Essa formação tem diversos aspectos, e para compreendê-los foi necessário um esforço conjunto de instrumentais vindos da Sociologia, da Filosofia, da Psicologia, da Antropologia e da Estatística.

Os trabalhos da equipe foram guiados por duas hipóteses: primeira, a de que o anti-semitismo não seria um fenômeno isolado e específico, mas que faria parte de uma estrutura ideológica mais ampla; e segunda, a de que a suscetibilidade a essa estrutura ideológica dependeria de necessidades psíquicas profundas vivenciadas pelos indivíduos.

Por isso, escrevem os autores, uma investigação exaustiva do individual é necessária. As hipóteses sobre o indivíduo anti-democrático devem ser analisadas cuidadosamente em muitas instâncias por métodos quantitativos e qualitativos, antes de serem tomadas como conclusões, numa união de todos os esforços empreendidos até então pela Teoria Social para responder a esta indagação básica: “How can one say that opinions, attitudes, and values found in groups of people go together to form patterns, some of which are more common than others?”¹⁴. Os autores chamam esse procedimento de “medição de ideologia”, e pressupõem que o investigador, nesse momento do trabalho, deve realizar algum tipo de seleção, restringindo-

¹⁴ TAP, vol. 1, pg.3- “Como se pode dizer que as opiniões, atitudes, e valores encontrados em grupos sociais estão juntos na formação de padrões, alguns mais comuns do que outros?”

se ao mais significativo, e tendo em vista que julgamentos de valor estão apenas na base do pensamento que vai elaborar.

Em relação à junção de trabalho teórico- trabalho de pesquisa, os autores avisam que as teorias, que são as leis da mecânica celeste que guiam a galáxia *The Authoritarian Personality*, serão apresentadas quando forem referência para as análises.

Um fator fundamental a ser observado é que existem opiniões, atitudes, valores que estão psicologicamente “na superfície”. Existe uma discrepância entre o que o indivíduo diz e o que ele realmente pensa, e para anular essa discrepância existem técnicas utilizadas pelos psicanalistas e psicólogos. Pensamentos inconscientes e semi-conscientes também são outro fenômeno que merece atenção, assim como os discursos que o indivíduo não consegue expressar com palavras. Às vezes, os indivíduos podem viver numa situação de extrema desigualdade entre o pensamento e a fala; no caso, isso contribui para a constituição de diferentes suscetibilidades à propaganda anti-democrática.

Uma questão fundamental da Teoria Social perpassa *The Authoritarian Personality*: a referente aos graus de relacionamento entre ideologia e ação. O fato de que um indivíduo expressa idéias anti-democráticas pode levar ou não à realização de ações para que tais idéias sejam postas em prática. A constatação dessa incerteza faz com que a busca de respostas para essa questão seja parte de um estudo da ideologia como um todo que os indivíduos possuem e suas potencialidades específicas para guiar ações.

Esquemáticamente, a receptividade ideológica causada por inúmeros fatores (psicológicos e sociais) produz uma certa ideologia expressa em palavras que guia ações, sendo que tal processo encontra variações de intensidade nos indivíduos. O que o sujeito diz, o que diz quando está em público, e o que ele pensa e o que sente são fenômenos da mesma estrutura, que pode apresentar inconsistências, mas que está organizada de diferentes maneiras.

Para se compreender essa estrutura, é necessária uma teoria total da personalidade, escrevem os autores. A teoria que guia *The Authoritarian Personality* tem por princípio que “personality is a more or less enduring organization of forces within the individual”¹⁵. As forças que constituem a personalidade determinam as respostas frente às situações, dando consistência ao comportamento. Mas quais são exatamente essas forças que compõem a personalidade, e quais são os processos que as organizam? Para a composição

¹⁵ TAP, vol.1, pg. 5- “personalidade é uma organização de forças mais ou menos duráveis no indivíduo”

dessa teoria que guia os trabalhos de pesquisa do livro, os autores se referiram aos trabalhos de Sigmund Freud e à sistematização mais ou menos formulada das observações dos aspectos mensuráveis da personalidade, realizadas pela Psicologia desde seus primórdios como ciência.

Sendo assim, as forças que formam a personalidade são as necessidades (desejos, impulsos emocionais), que variam de um indivíduo para o outro em suas qualidades, intensidades, modos de gratificação e de seus objetos de satisfação, e que interagem entre si em padrões harmoniosos ou conflitantes. Podem ser “primitivas”, que entram em confronto com os ideais do grupo social, ou “secundárias”, que mantêm a integração do “self”.

Opiniões, atitudes e valores dependem de necessidades, e a personalidade é essencialmente organização de necessidades; portanto, a personalidade pode ser considerada como uma determinante na escolha de preferências ideológicas. Não se deve cair no erro de hipostasiar este fator num “determinante em última instância”; longe de ser algo dado ‘a priori’, a personalidade sofre o impacto do meio social e nunca pode ser isolada da totalidade onde ocorre. De acordo com os autores de *The Authoritarian Personality*, as forças do meio social moldando a personalidade são, em geral, profundas, e ocorrem desde o início da história de vida do indivíduo. Por exemplo, a família é uma instituição fundamental para a compreensão do fenômeno da formação da personalidade. Cada família lida com suas crianças através de procedimentos étnicos, religiosos, morais e econômicos, que variam enormemente de caso em caso.

A pesquisa do livro pretende elucidar as correlações entre ideologia e fatores sociológicos que operaram no passado do indivíduo- e se esses fatores continuam operando no presente: “(...) the general approach being to consider personality as an agency through which sociological influences upon ideology are mediated”¹⁶. As relações entre personalidade e meio são dinâmicas: a primeira não é um mero objeto que se forma no segundo: são estruturas que interagem; isso explica porque pessoas do mesmo estrato social pensam, sentem e agem de maneiras diferentes. E mais: essa idéia de que a personalidade é uma estrutura construída vai frontalmente contra a idéia nazi-fascista de que existem traços naturais, biológicos que seriam os elementos fundamentais no caráter de um indivíduo, de que o comportamento humano é algo fixo.

¹⁶ TAP, vol.1, pg.6- “a abordagem geral é considerar personalidade como uma agência através da qual influências sociológicas sobre a ideologia são mediadas”

As doenças psíquicas, identificadas pelos autores de *The Authoritarian Personality* como “psicoses”, são respostas dessa estrutura dinâmica que é a personalidade aos estímulos do momento; o que é patológico hoje pode acarretar mudanças sociais que o transformem na tendência dominante de amanhã.

Personalidade é antes de tudo um potencial. A estrutura da personalidade pode apresentar traços que levem à suscetibilidade do indivíduo frente à propaganda anti-democrática, mas a resposta final desse processo não se encontra na personalidade individual, e sim no que ocorre na sociedade como um todo: “It seems well understood today that whether or not antidemocratic propaganda is to become a dominant force in this country depends primarily upon the situation of the most powerful economic interests, upon whether they, by conscious design or not, make use of this device for maintaining their dominant status. This is a matter about which the great majority of people would have little to say”¹⁷.

The Authoritarian Personality, limitada ao estudo dos aspectos psicológicos do fascismo, não entra na questão da produção da propaganda anti-democrática; o livro foca sua atenção no consumidor, no indivíduo a quem essa propaganda é destinada. Nesse ponto podemos perceber uma marca de Adorno: em seus esforços no Radio Research Project, o filósofo buscou as bases para o estabelecimento de uma Sociologia da recepção.

Sobre a recepção da propaganda fascista, é importante observar, segundo os autores, que não só a estrutura psicológica do indivíduo mas sua situação objetiva de vida conta muito para a aceitação ou resistência dos ideais anti-democráticos. As pessoas em geral aceitam programas políticos e sociais desde que estes não entrem em oposição aos seus interesses econômicos definidos em termos sociológicos. Uma parte importante da pesquisa do livro foi dedicada a descobrir como padrões de fatores sócio- econômicos são associados à receptividade ou resistência à propaganda anti-democrática.

Ao mesmo tempo, porém, *The Authoritarian Personality* parte do pressuposto de que os fatores econômicos na conduta individual não ocupam o papel dominante ou crucial que freqüentemente lhes é atribuído. Se os interesses econômicos fossem determinantes na formação da opinião, era de se esperar que pessoas do mesmo *status* sócio- econômico tivessem opiniões muito similares, e que as idéias variassem de acordo com os grupos que formam a estratificação social. Os resultados porém não dão muito suporte a essa

¹⁷ TAP, vol.1, pg.7-“Parece ser bem compreendido hoje que se a propaganda anti-democrática vai se tornar ou não uma força dominante nesse país, isso dependerá primordialmente da situação dos mais poderosos

idéia; para explicar porque pessoas do mesmo *status* tem ideologias diferentes, e pessoas de grupos diferentes pensamentos iguais, é necessário levar em consideração uma galáxia de outros fatores.

Em algumas ocasiões, os indivíduos podem agir de maneira contrária aos seus interesses econômicos imediatos; as ações podem ser determinadas por outros fatores que não os racionais. Essas tendências não racionais existem com frequência nas relações do mundo social. Quando um homem afirma que é contra os imigrantes judeus porque são seus concorrentes no mercado de trabalho, está sendo racional em alguma medida; mas não é isso que ocorre: a pessoa preconceituosa odeia judeus por causa “dos seus cabelos, do seu nariz, do seu cheiro, porque eles mataram Jesus Cristo”, e por aí vai. Seu pensamento está totalmente marcado por sentimentos ilógicos: a hostilidade contra grupos determinados é criada por frustrações reais em alguns casos, mas o preconceito é irracional porque faz com que esta frustração seja projetada em estereótipos. O preconceito, resumidamente, para os autores, é um falso mecanismo de generalização.

Para os autores, o livro demonstra que uma pessoa que apresenta hostilidade contra um determinado grupo é muito comumente hostil a uma série de outros. Não há uma base racional na generalização que produz o preconceito; na maior parte dos casos, nem uma experiência frustrante existe; o que ocorre é uma série irracional de fatos psíquicos: sonhos, fantasias, mal-entendidos do que o mundo apresentou, ligados a necessidades profundas da personalidade.

Outro aspecto que deve ser investigado quando se observa a receptividade ideológica do indivíduo é sua condição enquanto membro de grupos diversos- ocupacionais, religiosos, familiares, desportivos, etc. Por motivos sociológicos e históricos, esses grupos escolhem, oficialmente ou não, diferentes padrões de idéias. Muitas vezes os indivíduos se identificam, com diferentes intensidades com esses padrões dos grupos a que fazem parte, e esses grupos podem ser receptivos à propaganda anti-democrática ou não. A pesquisa de *The Authoritarian Personality* investiga uma variedade de “group memberships” com variadas tendências de pensamento.

É necessário reconhecer que a relação entre os “group memberships” e ideologia tem diferentes tipos de determinação em diferentes indivíduos. Em alguns casos, os sujeitos apenas repetem as opiniões aceitas no seu “milieu” social e não tem motivos para duvidar dessas opiniões. Outras vezes, o sujeito escolhe esses grupos justamente por ter simpatia por seus ideais. Na sociedade moderna, é raro que uma pessoa seja

interesses econômicos, estando eles, por desejo consciente ou não, utilizando desse mecanismo para manter

submetida a um único padrão de idéias; alguma seleção é feita, (e essa é uma das hipóteses do livro) , segundo as necessidades da personalidade. Mesmo quando a pessoa é submetida durante os anos de sua formação exclusivamente a um padrão único, fechado, de idéias políticas, econômicas, sociais e religiosas, pode tanto se conformar quanto se rebelar, e os fatores da personalidade aqui possuem a diferença decisiva. A abordagem mais precisa parece ser a que leva em conta, na determinação da ideologia os fatores situacionais e os fatores da personalidade, um tratamento cuidadoso na identificação do papel de cada campo.

Os fatores situacionais, como a condição econômica e os “group memberships” tem sido estudados intensivamente, dizem os autores, por pesquisas de opinião e atitude; fatores mais individuais também precisam ser colocados em questão. Para eles, é importante ressaltar que “fascism, in order to be successful as a political movement, must have a mass basis. It must secure not only the frightened submission but the active cooperation of the great majority of people”¹⁸

O grande apelo da propaganda fascista não se encontra no interesse racional, mas nas necessidades emocionais- na maior parte, nos mais primitivos e irracionais desejos e medos. Se pensamos que a propaganda fascista engana as pessoas, a questão surge: porque todos são tão facilmente enganados, como os ratinhos na história do flautista de Hamelin¹⁹? A resposta se encontra na estrutura das personalidades, nos já há muito tempo estabelecidos padrões de aspirações e desejos, medos e ansiedades que fazem com que os indivíduos estejam dispostos a aceitar certas crenças e ser refratários a outras.

Escrevem os autores: “the task of fascist propaganda, in other words, is rendered easier to the degree that antidemocratic potentials already exist in the great mass of people. It may be granted that in Germany economic conflicts and dislocations within the society were such that for this reason alone the triumph of fascism was sooner or later inevitable; but the Nazi leaders did not act as if they believed this to be so; instead they acted as if it were necessary at every moment to take into the psychology of the people”²⁰.

seu *status* dominante. Esse é um problema sobre o qual a grande maioria das pessoas tem pouco a dizer”.

¹⁸ TAP, vol.1, pg.10- “o fascismo, para ser um movimento político bem sucedido, deve ter uma base de massa. Deve assegurar não só a submissão medrosa mas a cooperação ativa da grande maioria das pessoas”.

¹⁹ A história do flautista de Hamelin, um antigo conto popular alemão, é a seguinte: a cidade de Hamelin estava infestada de ratos. Um flautista forasteiro conseguiu atraí-los para o campo com sua música; mas diante da ingratidão dos habitantes da cidade, que não queriam pagar o combinado pelo seu serviço, o flautista atraiu para longe as mulheres e crianças. Os habitantes, assustados, cederam.

²⁰TAP, *idem*, *ibidem*-“o objetivo da propaganda fascista, em outras palavras, é realimentar o nível de potenciais anti-democráticos que já existem na grande massa do povo. É quase certo que os conflitos econômicos e as tormentas sociais iriam fazer com que o triunfo do fascismo na Alemanha fosse cedo ou

Se o fascismo um dia triunfar nos EUA ou em qualquer outro país, será por conta do potencial já existente na massa. Nesse ponto, é preciso observar não só a suscetibilidade à propaganda mas também a resistência a ela. Os autores acreditam ser uma decisão de todos o fato de um país tornar-se ou não fascista, e nisso um pressuposto importante é que o conhecimento da natureza e extensão dos potenciais anti-democráticos indicará linhas para programas de ação democrática. Tais programas não se destinariam à manipulação ideológica, mas ao crescimento da auto-estima e da auto-determinação, que fazem com que qualquer tipo de manipulação seja impossível.

Como filosofias, ideologias provindas de campos não- racionais podem guiar a mente dos indivíduos? Mesmo o sistema racional de um homem culto e objetivo não é algo separado da personalidade- esse sistema também tem sua raiz na motivação. Pode-se dizer, afirmam os autores, que uma personalidade madura está mais próxima de um sistema racional de pensamento do que uma imatura; mas uma personalidade não é menos dinâmica e menos organizada se for imatura, e o objetivo ao descrever essa personalidade não é diferente do que o que existe na descrição de qualquer outra: “According to theory, the personality variables w`ich have most to do with determining the objectivity and rationality of an ideology and those which belong to the ego”²¹.

A pesquisa de *The Authoritarian Personality* sempre foi citada pelas inovações metodológicas que trouxe para as Ciências Humanas, em especial para a Psicologia Social. As características gerais desses métodos inovadores são descritos na segunda parte da Introdução. Para lidar com os problemas apresentados pela ascensão de regimes e ideologias anti-democráticos, os autores chegaram à conclusão que seria necessário o uso de métodos de descrição e medição de tendências ideológicas, e técnicas que exponham a personalidade, a situação histórica e o “background” social.

O desafio então era construir ferramentas que permitissem a identificação de diferentes níveis, tanto na personalidade quanto no meio social. Por exemplo, como seria possível distinguir opiniões, atitudes, valores que estão na superfície, para revelar tendências mais profundas (quais seriam as medidas a tomar para revelar adequadamente os processos inconscientes)? É lógico que nesse caso deve-se levar em conta a existência de padrões, para dar conta de certas regularidades.

tarde inevitável; mas os líderes nazistas não agiram como se acreditassem nisso; ao contrário, eles agiram como se fosse necessário a cada momento empregar a psicologia do povo”.

Os grupos sociais foram identificados por meio de questionários padronizados; os indivíduos, tirados desses grupos, estudados por meio de entrevistas clínicas. Tais entrevistas e questionários foram realizados de maneira que o material clínico pudesse ser quantificado e transformado num estudo sociológico. Ou seja, para *Authoritarian Personality* os métodos tradicionais da Psicologia Social foram mesclados aos conceitos trazidos pela teoria da personalidade da Psicanálise freudiana e aos últimos desenvolvimentos da Estatística, para que se obtivessem resultados para as análises teóricas.

Nessa integração de estudos de grupo e individuais, os autores tomaram as providências que consideraram necessárias para que não se produzissem erros: quando o indivíduo estava no foco de atenção, o propósito estava em descrever em detalhes seu padrão de opiniões, atitudes, valores e entender quais são os fatores dinâmicos subjacentes a esse padrão; quando o grupo ficava sob os *flashes*, o propósito era o de descobrir como opiniões, atitudes, valores, histórias de vida e situações sociais estão associados e fazem parte de constelações ideológicas.

Para estudar potenciais anti-democráticos no pensamento do indivíduo, é necessário em primeiro lugar identificá-los. De início, um questionário foi respondido, anonimamente, por um grande grupo de pessoas. Esse questionário continha, além de numerosas questões sobre a vida presente e passada do sujeito, uma variedade de frases que cada um era convidado a concordar ou discordar. Tais frases representavam certas tendências do fascismo, na hipótese primeira dos autores. Um número de indivíduos que mostraram o maior índice de concordância a essas frases- e, por contraste, alguns que mostraram a maior discordância, e os que ficaram no meio termo- foram estudados por meio de entrevistas baseadas em técnicas clínicas. Tendo por base esses casos iniciais, os questionários foram revistos e o processo todo refeito em larga escala.

A entrevista foi utilizada em parte para checar a validade do questionário, mas o mais importante é que os estudos clínicos forneceram os fatores mais profundos da personalidade atrás da ideologia anti-democrática, e sugeriram os meios para sua investigação num contexto mais amplo. Os autores do livro acreditavam que existiria uma continuação, quando os dados das entrevistas seriam novamente transformados em questionários.

O questionário de *The Authoritarian Personality* foi apresentado na forma mimeográfica e respondido anonimamente por pessoas divididas em grupos. Cada questionário continha questões factuais e

²¹ TAP, vol.1, pg.11- "De acordo com a teoria, as variáveis da personalidade que tem mais a ver com a

questões abertas que construíam escalas de opiniões e atitudes. As questões factuais diziam respeito aos grupos, passados, presentes e futuros, dos quais o indivíduo participa, participou ou participará: partidos políticos, igrejas, faixas de renda. Para formular essas questões, os pesquisadores partiram de hipóteses sobre o papel decisivo de fatores sociológicos na formação de ideologias; no decorrer dos estudos, progressos foram feitos no sentido de validar ou não tais hipóteses.

As questões abertas solicitavam os entrevistados a pensar e responder sobre a existência de Deus, o que eles fariam se tivessem 24 horas de vida, entre outras. Todas as questões eram os “títulos” da grande novidade metodológica do livro: as escalas. Essas escalas de opiniões e atitudes foram utilizadas para a obtenção de dados quantitativos de certas tendências ideológicas: anti-semitismo, etnocentrismo e conservadorismo político e econômico. Depois, uma outra escala foi desenvolvida para a medição de tendências anti-democráticas da personalidade. Para definir essas tendências empiricamente, foi necessário obter respostas sobre temas bastante específicos- o suficiente para cobrir as áreas mapeadas conceitualmente.

Essa abordagem diferencia *The Authoritarian Personality* das pesquisas de opinião pública: enquanto estas últimas estão interessadas na distribuição de opinião com respeito a um tema particular, a primeira se interessa, considerando uma opinião específica, como essa opinião se relaciona com outras opiniões e atitudes relacionadas. O plano foi determinar tendências ideológicas amplas, e desenvolver instrumentos para sua medição numa amostra abrangente.

O objetivo foi conseguir uma pintura do todo, com alguns detalhes significantes. Tentou-se o maior grau possível de precisão na medição; como cada escala tinha que cobrir uma área geral, foi necessário um alto grau de eficiência.

Os autores também levaram em conta que anti-semitismo, etnocentrismo e reacionarismo político-econômico são tópicos sobre os quais as pessoas não estão preparadas para falar com franqueza; os sujeitos nunca foram informados sobre o objetivo da pesquisa; apenas ficaram sabendo que estavam participando de um questionário “sobre assuntos da atualidade”. Por isso, muitas questões não eram diretamente ligadas aos temas, mas quem assinalasse certas respostas necessariamente concordaria com lemas anti-democráticos; um dos pressupostos mais centrais da pesquisa foi a da existência de uma íntima relação entre política, comportamento e ideologia.

determinação da objetividade e racionalidade de uma ideologia são aquelas que pertencem ao ego”.

Já as entrevistas foram divididas em duas partes: uma seção ideológica e uma seção clínica. Na primeira, procurou-se estimular o sujeito para falar livremente sobre vários tópicos gerais: política, religião, minorias, renda, vocação profissional; na segunda, buscou-se a obtenção de material sobre a situação contemporânea do indivíduo e o seu passado, e a expressão de sentimentos pessoais desejos, medos, e sua visão de seus pais, amigos, relacionamentos afetivos e sexuais.

Por fim, utilizou-se o Teste Temático de Acepção, TAT, uma técnica projetiva onde a pessoa é apresentada a uma série de pinturas abstratas, e é inquirida a contar uma história sobre cada uma delas. Essa técnica revela um grande número de desejos inconscientes, conflitos e mecanismos de defesa. O material do Teste Temático foi analisado em termos quantitativos de variáveis psicológicas.

O cruzamento de várias técnicas assegurou certa validade dos resultados, segundo os autores; cada técnica foi aprimorada ao longo do estudo, para que se pudesse ter, no final do processo, instrumentos efetivos para diagnosticar potenciais fascistas. De maneira geral, segundo os autores, a evolução das técnicas pode ser compreendida em termos de expansão e contração: as técnicas quantitativas expandiram-se para dar conta do maior número de variáveis possíveis, e a contração nos métodos qualitativos explica-se de acordo com o desejo de uma clareza teórica.

Os grupos estudados por *The Authoritarian Personality* foram de estudantes universitários, seus pais, membros de sindicatos, igrejas, de associações de pais e mestres, do Rotary Club, das associações de veteranos de guerra, professores, médicos e enfermeiras, presidiários e pacientes psiquiátricos em tratamento. A grande maioria dessas pessoas vivia na área da baía de San Francisco, na Califórnia, região onde a população cresceu muito depois do final da Segunda Grande Guerra. Outros grupos eram da área de Los Angeles, Oregon e Washington D.C. As idades variavam de 20 a 35 anos, na média; todos eram brancos, não-judeus, classe média.

A distribuição e o recolhimento dos questionários foram feitos com o auxílio de líderes desses grupos; líderes liberais eram mais receptivos que líderes conservadores, mas nos dois casos a pesquisa sempre foi apresentada como uma pesquisa de opinião pública- não um estudo sobre preconceito. 90% das pessoas responderam o questionário de maneira completa; 200 questionários foram enviados pelo correio, para professores e enfermeiras, com uma carta solicitando cooperação e outra pedindo autorização para os chefes; desses questionários, apenas 20% retornaram respondidos.

Para a seleção dos indivíduos para os estudos clínicos, foram escolhidos 25% do que obtiveram o mais alto índice na escala E e 25% o menor. O anonimato foi garantido, e os indivíduos foram identificados por códigos retirados de suas datas de nascimento. Todos receberam 3 dólares pelas 2 ou 3 horas que passaram nas entrevistas. Os sujeitos que tinham índices baixos, os “low scorers”, diziam que cooperariam de qualquer maneira, e se sentiam atraídos pela idéia da pesquisa. Já os dos índices altos, os “high scorers”, consideravam o dinheiro o aspecto mais fundamental. Alguns “middle scorers” também foram selecionados; eles foram os mais numerosos na primeira etapa dos estudos do livro.

2-b)A medição do potencial fascista: a escala F

Em uma carta a Horkheimer, em maio de 1945, Adorno relata a descoberta central das pesquisas de *The Authoritarian Personality*²². Os integrantes da equipe de pesquisas estavam diante de um grande desafio: descobrir como certas estruturas da personalidade estariam ligadas a potencialidades políticas. Dois temas tão complexos deveriam aparecer nos questionários de alguma forma, mas qual? Depois de muita discussão, o grupo chegou a uma idéia: talvez a medição do potencial fascista através de características psicológicas deveria ser feito indiretamente, ou seja: a partir de certas hipóteses, a equipe redigiria frases que seriam colocadas nos questionários, no meio de questões sobre política, economia, atualidades. Tais frases seriam pistas que confirmariam ou não a validação das hipóteses. Um exemplo: a partir de certos conceitos retirados das investigações da Teoria Psicanalítica, imaginou-se que o ódio aos homossexuais estaria relacionado, em primeiro lugar, a impulsos reprimidos que, distorcidos, levariam o indivíduo a odiar não só homossexuais mas outros integrantes de grupos “diferentes”.

Depois das medições das escalas A-S e E, os autores de *The Authoritarian Personality* chegaram à conclusão de que os mecanismos psicológicos de criação do preconceito são indiferentes aos objetos do ódio; portanto, não seria necessário explicitar o nome de qualquer grupo minoritário. E mais: o potencial fascista não estaria apenas nos assuntos políticos, econômicos, mas também no modo como o indivíduo se relaciona com sua família, com os amigos, nas relações com o sexo oposto, com seus valores morais. O preconceito começou a ser encarado como produto de estruturas da personalidade mais amplas e profundas, não apenas como um punhado de idéias superficiais e confusas. Essa visão de mundo é ou não anti-democrática; foi necessário criar uma nova escala que explicitasse as maneiras pelas quais isso se dá; tal escala, a mais famosa de *The Authoritarian Personality*, é a escala F²³.

A escala F buscou a quantificação de tendências anti-democráticas no nível da personalidade de maneira mais generalizante do que as escalas anteriores: o anti-semitismo e o etnocentrismo, para os autores, não seriam fenômenos isolados de atitudes superficiais mas expressões de tendências psíquicas. Das escalas, esta seria a porta para os estudos clínicos e qualitativos; seria o instrumento de medição dos índices de

²² ver WIGGERSHAUS, Rolf: *The Frankfurt School*. Cambridge, MIT Press, 1995, pg. 408

²³ TAP, vol. 1, cap. VII, assinado por todos os pesquisadores

potencial anti-democrático, identificaria os sujeitos para a segunda etapa da pesquisa do livro. Confirmaria e ao mesmo tempo refinaria os achados das escalas A-S e E.

Quando os autores começam a especificar os passos da construção da escala F, fazem uma advertência muito importante: “If the reader considers that most of what has gone before in this volume was either know or thought about before the construction of the F scale began, it will be apparent that in devising the scale we did not proceed in a strictly empirical fashion”²⁴. Quer dizer: a construção da escala F foi guiada, além dos primeiros achados das outras escalas, dos estudos dos questionários, do material das entrevistas do Teste de Apercepção Temática²⁵, por hipóteses teóricas de trabalhos anteriores dos pesquisadores de Berkeley, Frankfurt e literatura em geral sobre fascismo e anti-semitismo, além de ensaios teóricos de Psicanálise, Psicologia Social e Sociologia.

Os autores deixam claro que toda a interpretação do material recolhido foi feita com base em orientações teóricas que estavam explícitas desde o início. Toda vez que uma hipótese sobre a relação entre traços profundos da psique e o potencial fascista era levantada pela equipe, uma frase tirada de um jornal, de uma entrevista preliminar, de um fragmento de conversa se transformava num item da escala. Os itens da escala F foram “diluídos” nos questionários a ponto de parecerem muitas vezes casuais. Conforme os questionários iam sendo respondidos, os pesquisadores observavam a eficácia dos itens; as frases foram se modificando, a ponto de a escala F ter cinco versões diferentes.

Exemplos de frases da escala: “A Astrologia explica muitas coisas”, “Depois de termos vencido os alemães e japoneses, devemos nos concentrar no extermínio de outros inimigos da raça humana como ratos, cobras e germes”, “A homossexualidade é uma forma particular de delinquência e deve ser punida com severidade”, “As orgias sexuais dos antigos gregos e romanos são contos da carochinha perto da licenciosidade que existe nesse país hoje em dia”, “Obediência e respeito à autoridade são as mais importantes virtudes a serem ensinadas às crianças”, entre outras. A escala F buscava investigar os seguintes aspectos: o convencionalismo, a submissão à autoridade, a agressão autoritária, a anti-introspecção, a superstição e a

²⁴ TAP, vol. 1, pg. 225- “Se o leitor considerar que a maioria do que veio antes nesse volume foi descoberto ou pensado antes do momento da construção da escala F começar, ficará claro que na invenção da escala nós não procedemos de maneira estritamente empírica”.

²⁵ Uma das técnicas utilizadas pelos psicólogos que participaram da pesquisa de *The Authoritarian Personality* foi o Teste de Apercepção Temática, TAT. O sujeito entrevistado é apresentado a manchas de tinta em cartazes, e lhe é perguntado se aquela visão o lembra ou o faz pensar em alguma coisa. Dependendo

estereotípias, a força e a “grosseria”, a destrutividade e o cinismo, a projetividade e o sexo. Tais elementos fariam parte de um padrão da personalidade autoritária; cada um corresponde a algumas frases da escala.

O convencionalismo está ligado à excessiva adesão aos valores “certinhos”, “burgueses”; a hipótese por trás desse fator é a observação de que o potencial anti-democrático seria encontrado, quase em sua totalidade, nos setores da classe média. As investigações de *The Authoritarian Personality* demonstraram que tal observação se comprova de maneira complexa; não existe como determinar a priori que tal setor da classe média é mais autoritário do que outro; pessoas do mesmo setor podem ser exemplos opostos nesse sentido. Por exemplo, duas frases utilizadas para a investigação do convencionalismo, nas sucessivas formas da escala: “Uma pessoa com maus hábitos e maneiras não pode esperar que seja aceita por pessoas decentes”, “Se as pessoas falassem mais e trabalhassem menos, todos iriam sair ganhando”.

Já a submissão à autoridade está relacionada a certas dinâmicas existentes entre as instâncias da personalidade descobertas por Freud: id, ego e superego. Tais dinâmicas estão na raiz da obediência a líderes políticos, religiosos, aos patrões, às pessoas mais velhas, à divindade e às primeiras figuras poderosas na vida da pessoa: seus pais. Aqui, os autores citam os estudos pioneiros de Fromm, Eric Erickson e W. Reich, entre outros, que conseguiram estabelecer que, se num certo momento da socialização da criança, a relação com os pais se cristaliza de determinadas maneiras, o indivíduo apresentará um medo imenso de autoridades, uma culpa que o faz passar por cima de si mesmo para seguir quem se apresenta com soluções para seus problemas. A agressividade latente contra o líder é voltada a outro objeto: o estrangeiro, o judeu, o vizinho. Para perceber a existência de tal fator, foram escolhidas tais orações: “Ninguém pode ser completamente honrado se não sentir amor infindável e gratidão idem por seus pais”, “Todas as pessoas devem ter fé numa força sobrenatural, maior do que elas, e acatar suas decisões”, “Nenhuma pessoa sã, normal, decente deveria sequer pensar em ferir um amigo ou um parente”.

A agressão autoritária surge da repressão que o indivíduo sofre na sociedade atual; sem poder exercer muitas vezes prazeres básicos, a pessoa fica com a idéia de que os “outros estão se excedendo e precisam ser controlados”. Para evitar se encontrar com a própria insatisfação, a psique produz sentimentos sádicos de desejo de controle do outro. O sujeito autoritário, que se esforça para ser correto, de acordo com os valores convencionais, sente um desejo imenso em condenar, rejeitar e punir quem ousar ir contra esses valores.

da resposta, o entrevistado pode ter pistas a respeito da vida psicológica do entrevistado. Na capa da primeira

Assim, pode mascar um pouco a sua ansiedade (que os autores identificam, entre outras coisas, como o medo permanente que alguém descubra o lado “podre”, agressivo, e perpetre uma punição).

Por isso, homossexuais, criminosos, estrangeiros são tipos de “bodes expiatórios” preferidos de quem concorda com frases como “Nenhum insulto à honra deve ficar impune”, “Crimes sexuais, como estupro ou abuso sexual infantil, merecem mais do que a prisão; tais criminosos deveriam ser publicamente exterminados, ou coisa pior”, “Muitos dos problemas que temos hoje em dia podem ser resolvidos se forem eliminadas as pessoas imorais e ignorantes”. A agressão é produzida por frustrações que não são identificadas e acabam sendo transformadas em prontidão para condenar a falta de moralidade dos outros.

Convencionalismo, submissão à autoridade e agressão autoritária são aspectos relacionados às questões morais da vida. Os pesquisadores esperaram que os sujeitos que tivessem índices altos nestes quesitos também seriam “high scorers”²⁶ nos demais temas da escala F, já que tal resultado seria expressão de uma certa estrutura da personalidade. Esta estrutura teria como característica um lapso na integração entre as instâncias da personalidade, principalmente entre a que se ocupa dos assuntos morais, o superego, e as demais.

Os autores resumem o problema da seguinte maneira: a consciência do superego é integrada de forma incompleta ao ego²⁷ (entendido como a união das várias funções conscientes e auto-controladas do sujeito). O ego regula as relações entre a psique e o exterior, e entre as várias instâncias da personalidade; controla os impulsos de maneira a obter gratificação sem suscitar punições extremas do superego, e faz com que as atividades psicológicas sejam compatíveis com as demandas da realidade.

O superego é produto do processo de socialização. Se existe uma falha na internalização dessa instância, o ego será fraco e incapaz de gratificar impulsos sem que o superego desencadeie reações exageradas. A fraqueza do ego corresponde à tendência para o convencionalismo e autoritarismo, à oposição a introspecção e à estereotipia e o pensamento supersticioso.

edição do livro, temos uma dessas “manchas” utilizadas em TATs.

²⁶ Os entrevistados de TAP se dividem em dois grandes grupos: os que atingiram índices altos nas escalas, e que seriam os potencialmente fascistas, os autoritários, e os de índices baixos, que seriam do “time” oposto. Tais grupos foram denominados de “high scorers” e “low scorers”. Para conservar a idéia de “lados opostos”, preferimos conservar os nomes em inglês, até porque “altos” e “baixos”, como na tradução em espanhol de TAP (ver bibliografia), em português, soa estranho. Para maiores esclarecimentos, consultar o “Glossário” e a “Nota sobre tradução”, nos Anexos.

²⁷ Para os termos da Psicanálise, LAPLANCHE e PONTALIS: *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 1999

Definida por autores da Psicologia, a introspecção seria a capacidade de lidar com sentimentos, fantasias, o mundo subjetivo enfim. Seu oposto seria a extroversão, a tendência a trabalhar com fatos objetivos e condições exteriores. A ligação entre a fraqueza do ego, a introspecção e extroversão e o potencial autoritário seria uma questão a ser tratada em investigação à parte; o que é certo é que *The Authoritarian Personality* estabelece uma atitude, por parte dos “high scorers”, de anti-introspecção, uma impaciência com os assuntos da subjetividade, encarados como “problemas de quem é fútil”; o medo seria de que as emoções ficassem fora de controle. As frases que detectaram tal tendência foram, entre outras: “Livros e filmes não devem tratar do lado sórdido da vida; devem se concentrar em temas de entretenimento”, “Quando uma pessoa tem um problema, é melhor não pensar nele e se manter ocupado com coisas mais úteis”, “Existem coisas que uma pessoa não pode falar nem para os amigos mais íntimos”.

Tal tendência se mostra na postura radical de alguns entrevistados contra a reflexão, qualquer que seja ela. Na Alemanha nazista, a Psicanálise foi duramente atacada como uma ciência degenerada, judia; os “arianos”²⁸ não tinham problemas emocionais (e porque os teriam, sendo a “raça superior”, destinada a governar o mundo)?

O pensamento supersticioso, a crença em fatores místicos ou fantásticos que determinam o destino humano, e a estereotipia, a disposição de pensar o mundo em categorias rígidas, são expressões da incapacidade do ego em trabalhar com o que a realidade lhe apresenta. Isto causa tanta ansiedade que o ego cria um esquema onde tudo se encaixa e é inofensivo, o que pode se perceber na concordância com: “Ciências como a Química, a Física e a Medicina já se desenvolveram muito, mas existem coisas muito importantes que nunca poderão ser compreendidas pela mente humana”, “É perfeitamente possível que as últimas guerras e conflitos acabem na destruição do mundo por terremotos, dilúvios e outras catástrofes”, “É um erro confiar em quem fala com você sem lhe olhar nos olhos”, “É mais que uma coincidência o fato que o Japão teve um terremoto no mesmo dia do ataque a Pearl Harbor (dia 7 de dezembro de 1944)”²⁹.

²⁸ Durante os anos da República de Weimar, os consultórios dos psicanalistas e terapeutas em geral faziam grande sucesso, bem como as discussões sobre sexualidade. Os nazistas reprimiram tais manifestações violentamente; sobre esse tema, é útil consultar os trabalhos de Wilhelm Reich como *Psicologia de Massas do fascismo*. São Paulo, Martins Fontes, 1988

²⁹ Adorno, durante sua estadia nos EUA, realizou uma análise impiedosa dos textos das colunas de Astrologia do New York Times: ADORNO, Theodor: *The stars down to earth*, in *Gesammelte Schriften*, vol. 9, parte 2, Frankfurt, Suhrkamp, 1975

Os indivíduos potencialmente fascistas se preocupam em demasia com a força, a dominação. Orgulham-se de ser diretos quando na verdade são rudes, grosseiros, incapazes de reconhecer que a gentileza pode ajudá-los em seu dia-a-dia. Tal fenômeno ocorre porque existe uma ênfase exagerada nos atributos convencionais do ego. A fraqueza do ego faz com que o sujeito experimente as relações humanas como sendo sempre de dominação; o medo da fraqueza é exacerbado e líderes são apreciados. Um dos entrevistados afirmou que uma experiência digna de nota em sua vida seria “apertar as mãos do Presidente”. A divisão entre fracos e fortes também se expressa em termos de “raças”. Frases que foram feitas para a investigação da “grosseria” dos autoritários: “O que esse país precisa não são mais leis ou instituições, e sim líderes nos quais as pessoas depositem sua fé”, “As pessoas podem ser divididas em duas categorias: fortes e fracos”.

O próximo tópico que foi contemplado pela escala F denominou-se destrutividade e cinismo, ou seja, as formas pelas quais a agressividade do sujeito autoritário se expressa. Escrevem os autores: “According the present theory, the antidemocratic individual, because he has had to accept numerous externally imposed restrictions upon the satisfaction of his needs, harbors strong underlying aggressive impulses.”³⁰ Impedido de buscar a felicidade, o sujeito espera que tudo ao seu redor termine violentamente, numa hostilidade generalizada e na crença da malignidade inata do homem, o que o faz concordar com: “A natureza humana é do jeito que é, sempre existirão guerras e conflitos”, “A familiaridade gera o desprezo”, “Não importa como a gente aparentemente, os homens sempre se interessam pelas mulheres por uma única razão”, “As reportagens sobre as atrocidades de guerra na Europa foram exageradas para fins de propaganda” e “Hoje tudo é instável; devemos nos preparar para um período de constantes mudanças, conflitos e transtornos”.

Por outro lado, a frustração faz com que a pessoa pense que todos estão se “divertindo”, “fazendo coisas pervertidas”, menos ela: é o que os autores chamam de projetividade (seria a disposição para acreditar que “coisas estranhas estão ocorrendo no mundo”). O mecanismo de projeção é o mesmo da agressão autoritária: os impulsos reprimidos do caráter autoritário são projetados em objetos de ódio. A projeção é mais um sintoma da fraqueza do ego: no caso, o id se “vinga” mandando impulsos que não são convenientemente trabalhados. Outro resultado da projetividade: coisas desagradáveis são projetadas no outro, já que não se consegue admiti-las dentro de si próprio. Essa tendência é, na escala F, uma maneira eficaz de acesso a

³⁰ TAP, vol. 1, pg. 239: “De acordo com a presente teoria, o indivíduo anti-democrático, por ter que aceitar numerosas restrições externamente impostas sobre a satisfação de suas necessidades, esconde fortes impulsos agressivos inconscientes”.

características profundas da personalidade; é também uma avaliação de sentimentos e idéias paranóides. Itens da escala que contemplam tal tema: “Depois da guerra, esperamos uma onda de crimes; o controle ao crime organizado se tornará um problema social central”, “@oje em dia com tantos tipos de pessoas circulando livremente pelos lugares, temos que ser especialmente cuidadosos contra os riscos de infecções e doenças”.

O caráter autoritário, por todas as suas características citadas anteriormente, não poderia ter uma atitude saudável em relação ao sexo. Sobre essa variável, os autores explicam que também é uma conseqüência do fenômeno “ego-alien” (ego alienado, fraco). Por exemplo: uma forte inclinação para punir criminosos sexuais pode ser expressão de uma atitude geral punitiva baseada na identificação com autoridades, mas também na repressão dos desejos sexuais, com o grande risco de serem encarados como algo “fora do controle”. As frases escolhidas para averiguar os sentimentos e idéias dos entrevistados sobre o sexo já foram citadas: são as que versam sobre a punição exagerada aos criminosos sexuais, a comparação da sexualidade contemporânea com a greco-romana e o repúdio à homossexualidade.

Todas as frases cobrindo os tópicos da escala F foram modificadas, conforme sua validade ia sendo testada. Com as mais avançadas técnicas da Estatística naquela época, cada tema se transformou num “cluster” (grupo, feixe de dados) quantificado, o que permitiu a identificação de “high”, “low” e “medium scorers”. Na formulação de cada um dos itens da escala F, procurou-se fazer com que cada um deles fosse, num grau máximo, indiretos; por isso, itens como o da Astrologia valiam mais do que frases que abordassem explicitamente preconceitos. Uma segunda regra na construção da escala F foi a de que se ninguém concordava com uma frase ou o contrário, ela era retirada, justamente por não ser útil na diferenciação dos entrevistados. As frases foram apresentadas de maneira a parecerem mais racionais possíveis, de modo a que cada um raciocinasse na resposta, e não respondesse automaticamente; e cada um dos itens estava relacionado entre si, para que a escala detectasse um padrão de pensamento, o autoritarismo ou potencial fascista, que existia em hipótese no início da pesquisa. Para isso acontecer, foi necessário que cada item contribuísse totalmente com a unidade estrutural da escala: “(...) it was necessary that the item carry sufficient

meaningfulness so that any response to it could, when responses on all items were known, be interpreted in the light of our over-all theory”³¹.

Antes mesmo da publicação de *The Authoritarian Personality*, a escala F e seus pressupostos já causavam polêmica. Iray Carone, em “Teoria Crítica e Psicologia Social: o impacto do Instituto de Pesquisa Social na investigação psicossocial”³², traz um balanço bibliográfico preciso dos artigos publicados em periódicos norte-americanos especializados como *Journal of Abnormal and Social Psychology*, *American Psychologist*, *Psychological Bulletin*, entre outros. Já na década de 50, existiam 230 títulos de artigos sobre o livro, além de teses; apenas numericamente poderíamos perceber o extremo impacto dos resultados da pesquisa do “grupo de Berkeley”, mesmo quando só estavam publicados relatórios preliminares. Sobre esse universo de trabalhos, escreve Carone: “Em resumo, a literatura relacionada diretamente com *A personalidade autoritária* trata, de modo geral, de questões metodológicas e da aplicação de seus conceitos básicos e instrumentos de medida, sobretudo no estudo psicodinâmico da personalidade, normal ou patológica”³³.

Ou seja, os estudiosos que se debruçaram sobre o livro nos anos seguintes à sua publicação esforçaram-se por discutir se as escalas estavam corretas ou não, se as conclusões do “grupo de Berkeley” poderiam ser estendidas a outras amostras ou ser incorporadas a um conhecimento teórico geral sobre temas como características da personalidade, ideologia autoritária e educação infantil, autoritarismo, preconceito e psicopatologia, comportamento face à propaganda política.

Um dos pontos mais polêmicos foi o uso indiferenciado dos termos “autoritarismo”, “fascismo”, “potencial anti-democrático”, que, no capítulo sobre a escala F, aparecem muitas vezes como intercambiáveis. Durante a preparação de *The Authoritarian Personality*, Adorno escreveu a Horkheimer reclamando da mudança sucessiva do título: primeiramente, todos haviam decidido que seria “O Caráter Fascista”. Com o final da guerra, o filósofo temeu que certos colegas sugerissem o título, segundo seu ponto de vista “inócuo”, de “Caráter e Preconceito”. Em 1948, o grupo decidiu ficar com “O potencial fascista”³⁴. Tais variações

³¹ TAP, vol. 1, pg. 242: “foi necessário que o item carregasse significação suficiente para que qualquer resposta pudesse, quando as respostas a todos os itens fossem conhecidas, ser interpretada à luz de nossa teoria geral”

³² CARONE, Iray: “Teoria Crítica e Psicologia Social: o impacto do Instituto de Pesquisa Social na investigação psicossocial”, in AZEVEDO, Maria Amélia, e MENIN, Maria Suzana de Stefano: *Psicologia e Política, reflexões sobre possibilidades e dificuldades desse encontro*. São Paulo, Cortez Editora e Fapesp, 1995

³³ idem, pgs. 61-62

³⁴ WIGGERSHAUS, Rolf: *The Frankfurt School*, Cambridge, Massachussets, MIT Press, 1995, pg. 411

também apareceriam nos relatórios que os pesquisadores, como Else Frenkel-Brunswick, publicavam como artigos. No debate que se seguiu, vários especialistas norte-americanos³⁵ deixaram explícito seu desconforto com a falta de sentido único para os termos.

Percorrendo a bibliografia posterior à publicação de *The Authoritarian Personality*, percebemos não existir nenhum comentário específico à metodologia quantitativa dos textos de Adorno. A seguir, resgatando tais textos, talvez possamos perceber que a compreensão do filósofo sobre o que seria a Sociologia (ou as Ciências Sociais) fosse muito diferente do que existia então.

³⁵ a bibliografia é bastante vasta; consultar mais uma vez o artigo citado de Iray Carone.

2-c) Os estudos qualitativos de ideologia: preconceito, política, economia, religião

Os textos de Theodor Adorno, em *The Authoritarian Personality*, são, além do capítulo sobre a Escala F, a parte IV, contida no volume II, denominada “Estudos qualitativos de ideologia”, escritos em inglês, e revisados minuciosamente por Sanford. Em suas “Observações introdutórias”, o filósofo afirma que pretende trabalhar com a relação entre a ideologia “de superfície” e os traços psicológicos inconscientes dos sujeitos. Essa direção da pesquisa foi dada pela natureza mesma dos dados ideológicos que não podem ser derivados somente dos fatores externos, como o *status* econômico, participação em determinados grupos ou religião; existe um papel fundamental das forças motivacionais da personalidade na elaboração dos discursos e das idéias professadas pelos agentes sociais.

O estudo de *The Authoritarian Personality*, porém, escreve Adorno, não se move mecanicamente do ideológico para o psicológico; demonstra constantemente a unidade estrutural entre os dois fatores.

Qual é o significado das relações entre as opiniões dos sujeitos, expressas nas escalas A-S, E e PEC, quando postas à luz dos achados psicológicos, particularmente dos que derivam da escala F e das seções clínicas das entrevistas? Para responder a essa questão, afirma Adorno, é necessário dar conta de vários aspectos de um estudo que seja centrado no problema da relação entre ideologia e personalidade.

O material para se obter tal ponto foi em grande parte retirado das partes não-clínicas das entrevistas (as partes clínicas ficaram a cargo de Brunswick). Adorno afirma: “There is good reason to believe that the non-clinical sections of the interviews constitute through their inherent structure a link between ideology and personality”³⁶. Ao mesmo tempo, o foco de atenção não pode estar limitado a essa inter-relação; é necessário obter um retrato completo de várias ideologias, mais do que é possível pelos questionários estandardizados, limitados em si mesmos.

Sabendo que os dados dos questionários, do Teste Temático de Apercepção e das partes clínicas das entrevistas foram sujeitos ao tratamento estatístico, a quantificação do material, apesar de desejável, não é necessária para o autor. O objetivo é desenvolver, para os problemas da área em consideração, uma

³⁶ TAP, vol.2, pg. 603- “Existem boas razões para se acreditar que as seções não-clínicas das entrevistas constituem através de sua estrutura inerente uma conexão entre ideologia e personalidade”.

fenomenologia baseada em formulações teóricas e ilustradas por trechos das partes não-clínicas das entrevistas.

Esse é o procedimento de Adorno, e ele o chama de “suplementar”, que busca trazer mais informações sobre as estruturas específicas das ideologias e a maneira com que cada personalidade as expressa, mas também uma diferenciação maior dos conceitos teóricos básicos (a finalidade última dos escritos de Adorno em *The Authoritarian Personality* é, portanto, contribuir para o desenvolvimento da Teoria Social).

As vantagens desse “procedimento suplementar” são várias, segundo seu criador: ele permite explorar as riquezas das entrevistas em detalhes. Um elemento subjetivo, ou mesmo especulativo, escreve o filósofo, é fundamental nesse método, assim como na Psicanálise, fonte de muitas das categorias utilizadas por ele.

Adorno apresenta apenas duas observações sobre os textos que se seguem. No capítulo XVI, a conclusão tomada pelos capítulos III e IV, de que não foi preciso diferenciar as escalas A-S e E no tratamento do material das entrevistas, são analisadas em toda a sua profundidade: a existência de uma correlação entre o anti-semitismo e o etnocentrismo. Já o capítulo XIX, a discussão gira em torno da construção das síndromes encontradas nos “high e “low” “scorers”. Em todos os textos, o foco de atenção é a inter-conexão entre ideologia e personalidade. Depois do estabelecimento das síndromes por Adorno, vem a investigação qualitativa de *The Authoritarian Personality*, por Sanford.

O tema do primeiro capítulo desta quarta parte do livro é o preconceito. Adorno justifica tal escolha afirmando que o estudo de *The Authoritarian Personality* acabou ultrapassando investigações específicas sobre anti-semitismo, o primeiro objeto de estudo proposto. O objetivo da obra não ficou restrito a analisar o anti-semitismo ou qualquer outro preconceito contra minorias como fenômenos sócio-psicológicos *per se*, mas o de tratar a relação existente entre preconceito contra minorias e padrões ideológicos e caracteriológicos mais amplos. No decorrer dos trabalhos, o anti-semitismo passou a ser mais um item nos questionários; isso já havia ocorrido com os trabalhos antecedentes do Instituto, como vimos.

O anti-semitismo, para Adorno em *The Authoritarian Personality*, é um tema a ser investigado não por sua importância relativa frente aos fenômenos da base econômica, mas pelo fato de ter origens em mecanismos psíquicos e sociais que são comuns a todos os tipos de preconceito.

O ponto central das considerações de Adorno nesse capítulo é o preconceito e sua aparição nas entrevistas de Berkeley, mas algumas das idéias dos estudos anteriores do Instituto serão utilizadas como suplementos para hipóteses. O trabalho foi realizado inteiramente em Los Angeles, com colaboração de J. F. Brown e F. Pollock. O objetivo do capítulo é diferenciar, da estrutura geral do preconceito, certos padrões diferenciais que explicariam a existência de sentimentos, idéias e atitudes hostis a judeus, negros, orientais, latinos e outros.

Foi feita uma série de perguntas aos entrevistados, tocando especificamente sentimentos anti-semitas. Estas perguntas estão arroladas na página 606, e entre elas estão: “Você acha que existe uma ‘questão judaica’? Se sim, em que sentido? Você se preocupa com isso?”, “Você já teve experiências com judeus? De que tipo? Você se lembra nomes de pessoas envolvidas e outros dados específicos?”, “Você pode reconhecer um judeu? Como?”, “É verdade que os judeus têm influência no cinema, rádio, literatura e universidades?”, “O que os nazistas fizeram com os judeus alemães? O que você acha disso?”, entre outras. Nem todas essas questões foram feitas a todos os sujeitos, e as palavras foram mudadas eventualmente. Diferentemente dos questionários, nas entrevistas a regra era lançar idéias para que as pessoas pudessem desenvolver livremente seus raciocínios. Assim, pretendia-se realizar uma observação interna do anti-semitismo e dos extremos conflitos psicológicos a ele associados- esse fenômeno é chamado no capítulo V de “pseudo-democratismo”.

Um fator importante a ser considerado nas respostas dos entrevistados nos questionários é que os sujeitos preconceituosos tendem a concordar com todas as afirmações anti-semitas que lhes são apresentadas, mas não conseguem produzir idéias próprias a respeito. Todas as asserções anti-minorias precisam estar pré-concebidas; o indivíduo simplesmente concorda com elas. Adorno afirma que isso ocorre por uma consistência interna do anti-semitismo, e por uma rigidez mental dos “high scorers”, além de que o questionário, por sua própria forma, abre espaço para respostas automáticas.

O fato de que os “slogans” anti-semitas não são discutidos se explica se conseguimos compreendê-los como “antídotos” ao superego, explica o autor, que portanto estimulam a imitação mesmo nos casos que as reações dos indivíduos, se tomados sozinhos, pudessem ser menos violentas. Assim, pode-se entender porque o povo alemão tolerou as medidas anti-semitas mais drásticas, apesar de ser duvidoso que as pessoas, tomadas isoladamente, fossem mais preconceituosas do que os “high scorers” da pesquisa de *The Authoritarian Personality*.

É necessário evitar também as discussões pseudo-rationais sobre o tema, alerta Adorno. Depois de Auschwitz, falar em “questão judia” sugere, ainda que inconscientemente, que existe justificção para o que os nazistas fizeram. E, mais além, o filósofo explicita que em sua investigação não existiu nenhuma preocupação em averiguar o papel que o “objeto” do preconceito- os judeus, no caso- desempenhariam na formação das formulações anti-semitas; esse papel existe, mas a preocupação foi a compreensão de como se dão as formas de reação contra o “objeto”, não a base dessa reação no “objeto”. O preconceito tem muito pouco a ver com as qualidades para quem ele é dirigido. Adorno utiliza “objeto” nos sentidos dados pela Psicanálise: objeto seria, a partir de Freud, “aquilo pelo qual (...) o sujeito busca algum tipo de satisfação (...) é a relação entre a instância do ego e algo visado em sua totalidade (...) No sentido tradicional da filosofia e da psicologia do conhecimento, enquanto correlativo do sujeito que percebe e conhece, é aquilo que se oferece com características fixas e permanentes, reconhecíveis de direito pela universalidade dos sujeitos, independentemente dos desejos e das opiniões dos indivíduos (...)”³⁷.

O interesse deste capítulo foi centrado nos sujeitos “high scorers”, e sua organização se dá a partir da seguinte tese: de que a hostilidade surge, num processo na maior parte inconsciente, de frustrações e repressões que são socialmente desligadas de seus objetos verdadeiros, e que requerem objetos substitutos, através dos quais adquirem características realistas. Esse processo de bloqueio do relacionamento do sujeito com a realidade atinge níveis máximos na psicose. O “objeto” da destrutividade inconsciente é um verdadeiro “bode expiatório”, e precisa ter alguns traços para que possa ser identificado como tal. Deve ser o mais “atingível” possível: é construído sobretudo por um “background” histórico, ganhando assim o aval da tradição, e é um conjunto de bem-definidos estereótipos.

Algumas características do “bode expiatório” devem ser interpretadas como expressão de fraqueza ou masoquismo, fornecendo estímulos para o desejo de destruição. Os judeus através da História puderam desempenhar tal papel, mas tudo indica que poderiam ter sido outros grupos; o problema do por quê foram os escolhidos deve ser resolvido por uma teoria que não apresente nem uma causa preponderante nem uma enumeração de razões, e sim desenvolva um esquema que unifique todos os elementos consistentemente; essa teoria seria, nada mais, nada menos, do que uma teoria da sociedade moderna como um todo.

³⁷ Verbete “objeto”, in LAPLACHE e PONTALIS, *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 1999

A primeira evidência levantada por Adorno é que o anti-semitismo possui um caráter funcional; quer dizer, tem relativa independência do objeto ao qual é dirigido. O anti-semitismo, acredita Adorno, é um mecanismo pelo qual as pessoas encontram algum tipo de “orientação” num mundo frio, alienado e incompreensível. Todas as ideologias analisadas pelo filósofo oferecem essas “orientações” sobre os mais variados assuntos (política, religião, minorias, profissão, esportes, amor e sexo) através de estereótipos. As brechas entre o estereótipo e as experiências vividas são sentidas como conflito com os ideais norte-americanos da democracia e do igualitarismo, o que pode se observar claramente em muitas das entrevistas. Os desejos inconscientes ou pré-conscientes da pessoa preconceituosa são mais fortes do que sua crença nos valores democráticos oficiais, o que pode ser percebido pela extrema destrutividade das reações anti-semitas; mesmo a “apreciação” de alguns traços “tipicamente judeus” é marcada por uma forte negatividade.

Em contraste com a dinâmica dos “high scorers”, Adorno apresenta alguns “low scorers”, e consegue afirmar que o sentido mais amplo do anti-semitismo é sua negação intrínseca dos princípios da democracia norte-americana.

O caráter funcional do anti-semitismo pode ser entendido sob a chave mais geral da ambivalência dos sentimentos fascistas. O preconceito depende muito mais dos desejos e necessidades psicológicos dos sujeitos do que do objeto em si. O filósofo deduz tal hipótese do caráter amplamente funcional que o anti-semitismo ganha em muitos dos depoimentos; nessa altura do texto, Adorno começa a introduzir seu leitor no mundo dos estudantes, presidiários, donas de casa, marceneiros engenheiros, profissionais liberais e religiosos de Los Angeles. Tal estrutura se mantém nos outros capítulos: primeiro, uma introdução onde o autor expõe suas hipóteses teóricas, e depois a menção às entrevistas, entrecortada por comentários pequenos e cortantes (não convém esquecer que, nesses mesmos anos do exílio norte-americano, Adorno escrevia a *Minima Moralia*).

Os entrevistados são designados por números, e apresentados por gênero, profissão, idade, resultados nas escalas e pelos traços mais importantes de seus diagnósticos clínicos. Alguns trechos das suas falas são selecionados pelo filósofo, e interpretados sob dois prismas: um, o da análise ideológica, e outro, da teoria psicanalítica.

Um exemplo: no item referente ao caráter funcional do anti-semitismo, Adorno cita o caso de M1225a, do grupo da Escola da Marinha. Seus índices nas escalas foram médios, mas a entrevista revelou

fortes traços de anti-semitismo “manipulador”. A questão era se existiria uma “questão judaica” (pressupondo que, em caso de resposta afirmativa, a existência dos judeus é considerada um problema), e o rapaz afirmou categoricamente que sim: como os negros, os judeus “cheiram mal”.

A mania de perseguição, característica tipicamente psicótica, é fortemente observada nos sujeitos preconceituosos. Isso pode ser claramente percebido quando o objeto do ódio também é o latino, o grego, o negro, o asiático, o imigrante recém-chegado à “terra da liberdade”, o que transparece nas entrevistas. Os questionários não dão espaço ao que Adorno chama de “dialética da entrevista”, onde o sujeito exprime toda a sua raiva, angústia e hostilidade contra o diferente. Mesmo entrevistados com origem italiana ou mexicana exprimem frases carregadas de estereótipos; um caso extremo é o de um indivíduo de origem turca, cujas respostas não puderam ser avaliadas em toda a extensão por conta de sua inteligência abaixo da média. Esta pessoa entoou durante um longo tempo inúmeros “slogans” violentamente anti-semitas, para no final revelar que era judeu. Casos desse tipo reforçam a suspeita de Adorno que os preconceituosos são aqueles que de alguma maneira sentem uma pressão social, e transferem tal pressão que esmaga suas cabeças para certos tipos específicos de vítimas.

O preconceito é superficialmente relacionado com a natureza específica do objeto. Prova disso é que os judeus são concebidos, nos discursos preconceituosos, como “inimigos imaginários”. As pessoas que compartilham desse tipo de idéias trabalham com categorias estereotipadas, e são incapazes de ter experiências de vida espontâneas. Muitas vezes, mecanismos de projeção são acionados, e todos esses fatores produzem um caráter imaginário muito forte. As contradições nos discursos dos anti-semitas podem ser explicadas, segundo Adorno, como advindas de diferentes níveis das necessidades da psique, mas que são unidas na “Weltanschauung” total do indivíduo.

As fantasias estereotipadas causam uma total desproporção entre a fraqueza social relativa do objeto e sua suposta onipotência, sendo evidente a ação dos mecanismos de projeção. Duas entrevistadas (5054 e 5061a) expressam em suas falas o medo de que os judeus dominem o país, já que segundo elas sua atuação na indústria, no mercado financeiro e mesmo em Hollywood é exagerada. Para os americanos brancos de classe média, é necessário “fazer alguma coisa” contra o perigo israelita. Os judeus estão em toda a parte, detém muito poder em suas mãos, não cooperam com a democracia, são comunistas. Alguns chegam a propor uma legislação aos moldes da existente no regime nazista.

5004, uma mulher de 26 anos de idade, que obteve altos “scorers” nas escalas F, E e PEC, diz que tem medo de entrar numa sinagoga. E mais: afirma que apóia o que os nazistas fizeram com os judeus, porque estes fariam o mesmo com ela. Adorno identifica um estilo perfeitamente paranóico nessa justificativa do genocídio.

M732c, um dos veteranos de guerra, expressa seu preconceito contra os negros dizendo que nunca pode se ver um negro dirigindo um Cadillac, e que a aluna mais brilhante de sua classe, no colegial, era uma negra, mas que isso ocorria como uma compensação da garota em relação a sua inerente inferioridade. E Adorno afirma: não importa o que o negro faça, é condenado de antemão. Em muitas histórias das pessoas preconceituosas, Adorno nota uma forte regressão a padrões de comportamento infantis.

A relação entre experiência e estereótipo é complexa; o estereótipo faz com que o que o indivíduo sente, vê ou experimenta seja confortável, que as distorções provindas das necessidades inconscientes tenham um aspecto real e que a experiência seja determinada por ele. Os estereótipos seriam óculos através dos quais os indivíduos vêem o mundo. A experiência acaba se tornando inacessível; ninguém pode corrigir o estereótipo pela experiência; o sujeito precisa antes reconstituir a capacidade de ter experiências para prevenir-se contra o crescimento de idéias malignas no sentido clínico do termo.

Porque o anti-semitismo existe? Adorno, para responder esta pergunta, parte do pressuposto psicanalítico de que todos os sintomas fazem sentido, possuem uma função específica na economia psicológica do indivíduo, têm como papel reprimir sentimentos e necessidades. Como o aspecto irracional das atitudes e opiniões anti-semitas é um dado, porque são irreconciliáveis com a realidade, eles podem ser perfeitamente chamados de sintomas.

Esses sintomas não podem ser explicados pelos mecanismos da neurose; ao mesmo tempo, o anti-semita, e mais amplamente, o caráter fascista em potencial, não é completamente psicótico. As idéias preconceituosas servem para certas necessidades das vidas dos sujeitos da pesquisa de *The Authoritarian Personality*. Quais são elas?

Algumas das funções do preconceito podem ser denominadas de “racionalis”; é preciso ter algum motivo para entender porque imigrantes coreanos se tornam donos da mercearia da esquina, por exemplo. Aqui, Adorno antecipa uma das conclusões de seu próximo capítulo, sobre política e economia: que a ignorância dos entrevistados sobre os assuntos que ultrapassam seu cotidiano é total. Esse fenômeno, que o

filósofo chama de “objetificação dos processos sociais”, resulta numa total alienação do indivíduo em relação à sociedade. A alienação é sentida pelo sujeito como uma desorientação, e sentimentos de medo e incerteza são muito fortes. Os estereótipos dos preconceitos fazem a situação se tornar minimamente suportável.

Nos aspectos “irracionais” do anti-semitismo, o imaginário referente ao judeu precisa ser examinado, segundo o autor. Ele é, para a pessoa preconceituosa, totalmente estereotipado; por outro lado, é mais facilmente identificável como um “bicho papão” do que burocratas ou políticos. A dialética da experiência humana é interrompida pelo que Adorno chama de “a Grande Panacéia”, o preconceito.

Isso pode ser observado em todos os propagandistas anti-semitas: os judeus sempre são responsáveis por tudo, assim como na Idade Média mulheres eram identificadas como bruxas se seus vizinhos perdiam a colheita ou viam definhar seus porcos. A redução da figura histórico-social do judeu enquanto culpado do caos social corresponde a necessidades muito precisas: as relações grupo-não grupo, muitas vezes angustiantes, encontram compensações narcisísticas muito fortes, quebrando qualquer possibilidade de auto-crítica.

Tais são as ferramentas psicológicas utilizadas pelos agitadores fascistas, aponta Adorno; esses políticos conseguem êxito porque existe uma extrema suscetibilidade a slogans violentos por parte dos indivíduos aflitos por orientação.

O preconceituoso vê as minorias como “problemas” a serem resolvidos, numa atitude pretensamente “responsável” e “intelectual”. Dessa maneira, os sentimentos de agressividade são racionalizados por uma pretensa objetividade. Escreve o autor: “As soon the existence of a ‘Jewish problem’ is admitted, anti-semitism has won its first surreptitious victory”³⁸. Colocando a existência dos judeus como um problema, a pessoa preconceituosa se dá o papel de “juiz” da situação, podendo manipular seus ódios através de um discurso quase técnico.

Em alguns casos, não existe nem essas mediações. F116, que atingiu resultados médios na escala E, conta que odeia seu senhorio, seus patrões e seus vizinhos, judeus. Ela resolveu dar uma festa, e de madrugada sua vizinha chamou a polícia. Furiosa, F116 resolveu tomar satisfações, e a vizinha explicou que o barulho havia acordado seu bebê. F116 replicou que a criança chorava sem parar. O que seria uma mera briga

³⁸ TAP, vol.2, pg. 620- “Logo que se admite a existência de um ‘problema judeu’, o anti-semitismo ganhou sua primeira vitória furtiva”.

de vizinhança atinge conseqüências muito maiores: serve para justificar todo o discurso anti-semita da entrevistada.

Adorno retoma o ponto: os estereótipos servem como uma “pseudo-orientação” num mundo estranho, e a “problematização” das minorias transforma um indivíduo ressentido numa posição de quem avalia racionalmente o que está ocorrendo. A conseqüência desses dois fatores é a recorrência, nas entrevistas, da classificação dos judeus em “whites” e “kikes”. A dicotomia grupo-não grupo é espelhada no não-grupo: existem judeus parecidos com o resto da população, enquanto que outros são seres detestáveis.

Mais uma vez, esse recurso de pensamento está ligado ao desejo de dar à agressividade uma válvula de escape; é utilizado para dar à hostilidade um ar de objetividade, escreve Adorno, e para evitar pensamentos “proibidos”. A divisão grupo-não grupo expressa as tendências antagônicas da personalidade da pessoa preconceituosa, e a divisão dos judeus em dois grupos imaginários tapa o buraco entre o estereótipo e a experiência vivida. É necessário dar continuidade à distorção que gera o preconceito, mesmo que a pessoa tenha vivências agradáveis com judeus, porque, como o filósofo explica, o preconceito é resultado de mecanismos centrais da psique.

Um líder escoteiro, 5051, muito citado por Adorno por conta de seus altos índices em todas as escalas, afirma que tem a impressão de que os “white jews” odeiam os “kikes” tanto quanto ele os odeia. No início da ascensão do nazismo, os judeus autoctócnos foram usados como exemplos, enquanto que as levas de imigrantes semitas do Leste, que lotavam os guetos, deveriam ser expulsos. No final, porém, judeus totalmente assimilados, ricos e letrados foram mortos nas filas de Auschwitz, junto com os imigrantes. Os “whites” também podem se tornar “kikes”, e esse é o aspecto sinistro da afirmação de 5051.

F109, uma jovem estudante, explora outro lado da questão: conta que gosta de judeus quando estes não apresentam características tipicamente judias, como cabelo, nariz, sotaque. Tais elementos são vistos por ela como a razão da existência de grupos anti-semitas nos EUA, já que irritam as pessoas. Já 5013, uma enfermeira, conta que uma de suas pacientes negras lhe disse que muitos dos problemas enfrentados pelos negros vinham do fato de quererem ser iguais aos brancos, e que concordava com esse ponto de vista. A vítima do preconceito, o negro, o judeu, o armênio, o coreano, é sempre vista como culpada.

Adorno prossegue suas observações afirmando que se o preconceito é um sintoma, com uma função na “economia” psíquica do indivíduo, é necessário compreender suas causas, os conflitos profundos que

fazem com que se odeie japoneses e hispânicos. Quando um dos entrevistados faz declarações sobre as minorias, está tentando dar a sofrimentos internos terríveis algum sentido consciente suportável. Quando a experiência vivida com algum membro de uma minoria é positiva, contrariando o estereótipo, surge o que o autor denomina de “dilema do anti-semita”. É um jogo de forças permanente que age na mente do indivíduo, forças na maioria das vezes mais fortes do que sua consciência.

O “dilema do anti-semita” surge de uma intensa rigidez do super-ego, que dita leis de comportamento imperativas contrárias às leis sociais, que pregam a tolerância e a democracia. O sujeito preconceituoso não consegue abandonar os *slogans* anti-democráticos, simplesmente porque estes correspondem à urgências psicológicas muito fortes.

O conflito entre os estereótipos e os ideais oficiais de igualdade e democracia podem ser compreendidos como a luta entre tendências reprimidas do “id” e as convenções do super-ego. Adorno informa que não pode precisar tal luta em cada um dos casos individuais, pela insuficiência de dados (para a identificação de tais processos, seria necessário uma análise), mas que pode apontar certas características gerais que levam à formação do caráter potencialmente fascista.

No interior da psique do indivíduo, o judeu (ou qualquer imagem de um membro de uma minoria) é submetido à uma espécie de julgamento onde não tem possibilidade nenhuma de defesa, sendo o preconceituoso ao mesmo tempo promotor e juiz. Um exemplo de tal mecanismo metafórico descrito por Adorno são as inúmeras justificativas dadas pelos entrevistados para o genocídio nazista. M107, que conseguiu zerar seu questionário respondendo sempre questões extremas (que valiam 3 e -3) mas com índices altos nas escalas, diz: “I never understood why Hitler was so brutal toward them. There must have been some reason for it, something to provoke it. Some say he had to show his authority, but I doubt it. I suspect the Jews contributed a great deal to it”³⁹.

Se os judeus foram perseguidos e mortos, algo fizeram para merecer isso. Muitas entrevistas apresentam tal afirmação, além de teorias sobre o “exagero” dos judeus ao relatarem o que passaram durante o Terceiro Reich. Entrevistados como F103, “high scorer”, não culpam os nazistas pelo que fizeram; ao contrário, até “os compreendem”, afinal os judeus são egoístas, mesquinhos, ameaças a toda ordem social. Em

³⁹ TAP, vol. 2, pg.630- “Eu nunca entendi porque Hitler foi tão brutal com eles (os judeus). Deve ter tido uma razão para tanto, alguma coisa que provocou isso. Alguns dizem que ele teve que mostrar sua autoridade, mas eu duvido. Eu suspeito que os judeus mereceram tal coisa”.

muitos casos, Adorno percebe que as pessoas se sentem “vítimas” dos judeus, negros e orientais “maus”, que exploram o mundo em que vivem. Tal sentimento de vitimização esconde necessidades inconscientes de apropriação e posse.

Todas as representações estão num sistema de traços paranóicos, que inclui tudo e não tolera nada que não possa ser identificado por ele. A pessoa extremamente preconceituosa vive num “totalitarismo psicológico”, que é um microcosmo correspondente ao Estado totalitário. Nada passa despercebido, tudo é igualado pelo grupo rigidamente idealizado pelo ego: o não-grupo é o rival eterno. O anti-semita, escreve Adorno, não pode dormir sossegado enquanto o mundo inteiro não for transformado no mesmo “sistema paranóico” em que baseia suas opiniões e sentimentos.

Os judeus merecem uma punição muito maior do que sua “culpa”. Essa desproporção entre culpa e pena é observada em muitos dos testemunhos, e é causada por uma “expropriação” do super-ego pelo moralismo punitivo do anti-semita. Esse moralismo remove todos os obstáculos para a instalação do totalitarismo psicológico, afirma Adorno. O ódio é reproduzido de maneira quase automática, completamente compulsiva. Esse mecanismo, visto sociologicamente, demonstra a distância que existe entre as leis e a vida dos cidadãos.

Psicologicamente, a idéia da eterna culpa do judeu pode ser compreendida como uma projeção dos sentimentos reprimidos da pessoa preconceituosa; ideologicamente, é uma racionalização, um epifenômeno da alienação total em que os membros das sociedades modernas se encontram. O preconceito é o ódio de quem se odeia, a explicação falsa para quem não consegue captar nada da própria existência.

Mesmo quando o preconceituoso faz afirmações sobre as características “positivas” dos negros, judeus e poloneses, o faz de maneira hipócrita, ambígua. Se faz referência, por exemplo, à “boa vida familiar” que os judeus possuem, tem em vista afirmar sua tendência para criar “máfias” baseadas em clãs; se fala da “esperteza” judia nos negócios, é para acusar os empresários judeus de usura, e por aí vai. O mesmo sentimento dúbio que o sujeito tem a respeito do que pensa, percebe, sente, é projetado para quem é diferente.

5039, um estudante universitário de 27 anos, com um índice alto na escala E e médio nas outras escalas, identificado como uma pessoa “egocêntrica”, conta que cresceu numa vizinhança judia, e que se sentia um “estranho”. Identificava uma séria contraposição entre os princípios do cristianismo, pacifistas segundo ele, e do judaísmo, “agressivos”. Mas a declaração mais impressionante de 5039 é: “Well, if I had

been in Germany, I think I would have done the same...I suppose I could have been a Nazi...I think discipline is a good thing...”⁴⁰.

Outros entrevistados justificam o apoio às atrocidades nazistas pela idéia paranóica de que os judeus comandam setores estratégicos da nação, como as comunicações, os bancos, a indústria cinematográfica, e que um “derramamento de sangue” não seria algo tão indesejável. Um dos aspectos mais assustadores do totalitarismo, que Adorno identifica como sendo um movimento social, psicológico e político, é o desejo extremo de destruição.

Um entrevistado com índices altos em todas as escalas, 5006 é um dos mais agressivos; trata-se de um estudante com daltonismo e impotência sexual psicogênica, causada por um complexo de Édipo extremo. A agressividade contra negros e judeus em suas frases pode ser explicada pela vontade inconsciente de anular o trauma infantil do medo da castração. Conta que enganou um dono de loja judeu, trocando o preço de um casaco; considera que todos os judeus são iguais, e que não poderia ser de maneira nenhuma semita, e diz: “I think what Hitler did to the Jews was all right. When I was having trouble with a competing contractor, I often thought, I wish Hitler would come here (...) I think the time will come when we will have to kill the bastards”⁴¹.

O judeu é o objeto de ódio eterno, e nada do que faça ou diga ao seu favor anula o poder do desejo de destruição do preconceituoso. Sociologicamente, Adorno identifica que esses traços “essências” dos judeus, identificados pelos preconceituosos em seus mecanismos patológicos, na verdade ocultam conflitos de classe. O judeu é o “burguês” expropriador, não o “trabalhador” honesto ou o “aristocrata” falido. A classe média, setor de origem dos entrevistados, se sente permanentemente ameaçada por uma queda de *status*, e identifica no judeu o “camelô” de luxo, o “malandro” que vive de usura.

O fato do judeu ser ao mesmo tempo membro de uma religião e de uma nação dispersa pelo mundo reforça a imagem de “usurpador”, de “mascate” interesseiro, em contraposição aos valores da classe média branca norte-americana. Essa visão é tão forte que impediu F114, uma enfermeira de ascendência judia, de se casar com um primo, pelo qual estava apaixonada, porque ele tinha mais ascendentes judeus do que ela.

⁴⁰ TAP, vol. 2, pg. 635- “Bem, se eu estivesse na Alemanha, eu acho que teria feito o mesmo...eu imagino que poderia ter me tornado um nazista... eu acho que disciplina é uma boa coisa...”

⁴¹ TAP, vol.2, pg. 637- “Eu penso que o que Hitler fez aos judeus foi totalmente certo. Quando eu tinha um problema com um concorrente, eu freqüentemente pensava que queria que Hitler viesse para cá (...) Eu acho que chegará um tempo em que vamos ter que matar os bastardos”.

Os entrevistados que atingiram índices baixos se identificam com os judeus, percebem que esse grupo é injustiçado e difamado. Isso ocorre porque o indivíduo que se coloca contra o preconceito é capaz de compreender as humilhações pelas quais os membros de minorias passam, enfim, se colocar no lugar do “outro”.

Outro “inimigo” a ser combatido pelo preconceituoso é o refugiado de guerras. Os imensos grupos de europeus e orientais, varridos de suas pátrias pela grande guerra, são como ratos no porão. Podem “poluir” a raça branca. Alguns indivíduos sugerem legislações de segregação, expulsão ou a pena de morte.

Em alguns casos, a agressividade contra os judeus está baseada numa nítida repressão sexual. O sujeito preconceituoso vê perversões no comportamento sexual dos semitas, e faz correlações dessas perversões com a comida *kosher* muitas vezes. F118, uma enfermeira do serviço público de saúde, de 42 anos, com índice médio na escala A-S, e alto na PEC e F, diz com todas as letras que nunca imaginaria ser casada com um judeu. Conta que conheceu um homem em Nova York, ficou apaixonada, e se surpreendeu quando, no pedido de casamento, ele disse ser judeu. Contou para todas as suas amigas, e o rapaz teve que se afastar do grupo. Essa moça diz ser inadmissível para ela a idéia de carregar uma criança judia no ventre: o significado de tamanha aversão é claro, pensando em termos psicanalíticos: Adorno afirma que a condição de judeu do rapaz fez F118 retornar ao medo e aos tabus referentes à sexualidade presentes na infância.

O fato das famílias judias serem tradicionalmente patriarcais faz com que os homens fantasiem sobre a sensualidade das judias: elas “fazem tudo pelos homens”, o que mais uma vez se torna motivo de preconceito. Se os judeus se centram muito no núcleo familiar, são acusados de formarem “máfias”, e por aí afora.

Adorno encerra o capítulo fazendo algumas considerações sobre os “low scores”. As afirmações dos “anti-anti semitas” ou dos “não-antisemitas” esclarecem, por contraste, os mecanismos que levam ao ódio contra os judeus. Os sujeitos não-preconceituosos percebem que o “problema semita” está no preconceituoso, não no judeu. As questões referentes às minorias são tratadas de maneira “histórica” e “sociológica”, ao invés da hipostasiação rígida dos ódios irracionais. Explicam alguns traços culturais dos judeus, por exemplo, através de seus conhecimentos de História, Geografia, Política.

Os “low scorers” duvidam de tudo: dos “slogans” que a sociedade tenta vender de qualquer maneira e de suas próprias opiniões. Questionando-se, abrem espaço para algo que os indivíduos potencialmente

fascistas temem de maneira absoluta: a insegurança; os “low scorers” vêem dinamismo na vida. É o caso de M203, um professor chefe do departamento de inglês de uma escola secundária, com uma filosofia de vida “positivista”. Falando sobre a derrota japonesa na guerra, ele diz: “If the Germans were changed in one generation by the Nazis, then the Japanese can be changed in a democratic way in one or two generations. Anybody can become anything under the proper conditions”⁴².

Sobre o anti-semitismo, M203 afirma que só pode dizer se alguém é judeu se observa seu nome e sobrenome. Como M203 aprecia estudar semântica, adora saber da origem dos nomes das pessoas que conhece. Pergunta se o seu entrevistador é judeu; diante da resposta afirmativa, continua conversando da mesma maneira tranqüila e alegre. Adorno aponta para o fato que este homem não tem medo de se relacionar com o próximo, de se colocar no lugar do outro.

Os estereótipos, base do pensamento dos “high scorers”, são minuciosamente abandonados pelos “low”. Os últimos conseguem ter experiências positivas com indivíduos de outros grupos étnicos sem maiores problemas. 5030, um estudante de pós-graduação de 33 anos em Stanford, e que durante muitos anos foi da Marinha, explica que os negros são capazes, brilhantes como todas as outras pessoas, desde que encontrem possibilidades no meio em que vivem. E conta que, no dia anterior, teve uma boa experiência: saiu com uma colega negra, inteligente, que sempre quis conhecer. Os “low scorer” sempre se relacionam com o outro enquanto indivíduo, não como um item etiquetado numa estante (“este é negro, este é rico”, etc).

A racionalidade dos “low scorer” rejeita as projeções negativas e os julgamentos automáticos, sem cair numa frieza emocional. As atitudes desses sujeitos em relação a tudo, não só às minorias, é extremamente positiva. A noção de justiça sempre está embutida em suas observações, e a discriminação, para o sujeito não-preconceituoso, viola um princípio básico em sua ação e pensamento: a igualdade entre os homens. F129, uma jovem mulher que apresentou índices baixos em todas as escalas chega a chorar quando fala das “injustiças dos preconceitos”. Afirma que se casaria com um judeu, se se apaixonasse por um, e que os judeus são perseguidos porque algumas pessoas “precisam odiar”.

Tais observações levam Adorno a afirmar que o senso de justiça dos “low scorers” não é uma ideologia “de superfície”, nem uma gratificação narcisista. Os traços psicológicos dos “low scorers” mais

⁴² TAP, vol.2, pg.645- “Se os alemães mudaram em uma geração pelos nazistas, os japoneses podem mudar para um rumo democrático em uma ou duas gerações. Todo mundo pode ser qualquer coisa sob condições propícias”.

presentes para eles próprios são aqueles que formam um quadro de referência para as experiências cotidianas, do dia-a-dia (enquanto que, como vimos, os “high scores” evitam de qualquer maneira experiências).

Isso não quer dizer que entre os “low scorers” não existam problemas psicológicos. Muitos desses sujeitos negam a existência de “traços tipicamente judeus” e mesmo do anti-semitismo com uma veemência que lembra os “high scorers”, e que revela uma dificuldade em lidar com sentimentos agressivos. Os “low scorers”, porém, toleram as diferenças entre os grupos em sua sociedade, põem-se no lugar dos outros e não pensam no universo com fatalismo.

Nas conclusões deste capítulo, Adorno vincula o anti-semitismo com toda uma gama de sentimentos e raciocínios anti-democráticos. “Se podemos exterminar judeus, podemos exterminar todos os grupos e indivíduos que nos atrapalham e irritam”: esta é a linha encontrada nas entrevistas dos “high scorers”, e aí reside o potencial destruidor dos preconceitos contra as minorias étnicas e religiosas. A segregação é incompatível com os ideais da democracia burguesa na América, mas faz parte dos desejos de muitos dos cidadãos brancos de classe média.

O capítulo XVII é dedicado por Adorno à análise das declarações sobre política e economia dadas nas entrevistas. Tal análise foi feita por tópicos retirados das falas dos entrevistados, revelando certos traços ideológicos que nos questionários tinham sido apenas esboçados. Adorno buscou a ligação entre as opiniões e os resultados dos exames psicológicos, sem pressupor contudo que a ideologia de um indivíduo resulta de sua vida psíquica, mas tendo em vista que as irracionalidades ideológicas, assim como outras irracionalidades, são correspondentes a conflitos inconscientes. Quando alguém se manifesta sobre a última decisão do presidente da República, ou faz um comentário sobre uma lei qualquer, pode estar revelando algo da dinâmica de sua personalidade. Os dados recolhidos por *Authoritarian Personality* permitiram Adorno concluir que a personalidade pode ser vista como um dos muitos determinantes da ideologia.

De qualquer forma, a visão política não pode ser reduzida aos termos psicológicos. Por exemplo, as diferenças entre os “high” e os “low” “scorers” sobre os temas sócio-econômicos não se explicam pelas idiosincrasias de cada um. Existe o clima cultural geral onde as pessoas vivem, a influência dos meios de comunicação, da família, dos grupos religiosos, etc.

Se a principal tendência da época moderna é o da concentração tecnológica e econômica e do extremo controle social, Adorno tem por hipótese que as idéias de seus entrevistados também refletiriam a

estandardização a que as personalidades, peças do mundo social, estão sujeitas. O filósofo espera encontrar essa tendência, que é por definição indiferente à divisão entre “high” e “low” “scorers”. Os dados dão espaço a uma ampla evidência de que esse padrão ideológico abrangente existe.

A importância deste diagnóstico reside no fato de que, para se modificar a situação existente e erradicar as posturas autoritárias, não é necessário apenas tratar da psique ou da educação de cada indivíduo, mas também do clima cultural que forma, com os fatores anteriores, um padrão geral de pensamento e conduta. Metodologicamente, diz Adorno, tal exame do pensamento político e econômico dos entrevistados relativiza a distinção entre “high” e “low scorers”, porque tal distinção, tomada como um absoluto, pode “psicologizar” a discussão, negligenciando as forças objetivas e supra-individuais que operam na sociedade.

No que diz respeito à economia e à política, não existem muitas diferenças entre as respostas dos “high” e “low scorers”. A ignorância sobre o que ocorre no governo, nas indústrias, na Bolsa de Valores é geral. Seria necessário uma pesquisa mais específica para que se comprovasse que os “high” são a favor de uma política externa agressiva, e os “low” não. De qualquer maneira, o filósofo observa que alguns traços ideológicos podem distinguir os potencialmente fascistas dos cidadãos que não apresentam tais tendências.

Os dados das escalas A-S e PEC não se cruzaram, bem como os de PEC e E. Existem alguns sujeitos que obtêm índices baixos em E e A-S e altos em PEC, e vice-versa. A respeito dos dados das opiniões sobre política e economia, é impossível dizer que existe uma relação precisa. Aqui, Adorno toca num problema metodológico crucial: nem sempre as evidências estatísticas correspondem à realidade: um indivíduo poderia alcançar índices baixos nas escalas da pesquisa do livro, e ser potencialmente fascista. As técnicas quantitativas de pesquisa não cobrem a totalidade do assunto tratado.

Mesmo utilizando seu “procedimento suplementar”, Adorno reconhece a dificuldade existente em diferenciar os “low” dos “high scorers”, no que diz respeito à política e à economia; muitas vezes os dois tipos de entrevistados possuem opiniões muito similares, ou apenas superficialmente diferentes. Isso se explica pela rapidez com que, na era contemporânea, os problemas relativos a esses assuntos mudam: quando o filósofo começou a fazer suas entrevistas, em 1945, a União Soviética era aliada aos EUA; na época da publicação, a tensão da Guerra Fria já estava bastante consolidada. Muitos “high”, como Mack, na época das entrevistas, admiravam “Joe” Stalin...a ideologia política, para o autor, é algo muito sensível aos acontecimentos, e uma pessoa comum que lê os jornais apresenta mudanças de opinião bastante significativas.

O problema básico do capítulo é tratar da dicotomia existente entre padrão cultural e diferenciação psicológica. A respeito do padrão cultural, Adorno conseguiu estabelecer certas linhas gerais, que denominou de “Constituintes formais do pensamento político”. O primeiro tópico foi denominado de “Ignorância e confusão”. As afirmações dos entrevistados demonstram a falta de informações sobre os acontecimentos, desde os mais distantes até os que afetam o cotidiano imediato do indivíduo.

Essa ignorância generalizada é bastante perigosa, pensando em termos de uma provável suscetibilidade à propaganda fascista. Os “high scorers” apresentam uma tendência a aceitar blocos de informação do exterior, e insistem em se manter numa postura “anti-intelectual”; suas opiniões, conseqüentemente, tendem a excluir juízos críticos da realidade existente, que são afinal de contas as bases de um pensamento político racional. Uma pessoa educada a se identificar prontamente com o mundo não tem incentivo para distinguir “essência” de “superfície”; os “high”, além disso, sempre insistem em raciocínios pragmáticos, que excluem qualquer possibilidade de questionamento.

Todos os propagandistas extremistas apelam para a ignorância dos receptores das mensagens: manipulam os fatos a seu bel-prazer, conscientemente. A ignorância a respeito das complexidades das sociedades do chamado capitalismo avançado causa muita ansiedade e incerteza, terreno fértil para movimentos de massa reacionários. O fascismo propõe uma atitude “populista” e anti-intelectual que apazigua a alma atormentada de quem tem medo de assistir o noticiário televisivo; nenhum movimento desse tipo conseguiu estabelecer uma Teoria Social consistente. O mais impressionante é que os entrevistados de Adorno possuem um nível educacional bastante elevado; alguns reconhecem desconhecer o que se passa, ou por deficiência ou por desinteresse, e entram em auto-acusações (isso é mais comum entre as mulheres, o filósofo percebe, mas não tece nenhum comentário a respeito). Outros até sabem de algo, mas confundem muita coisa; a massa inacreditável de informação trazida pelos meios de comunicação não é processada devidamente, e esses meios também não trazem as notícias sem manipulação, o que contribui para a construção dessa Torre de Babel moderna.

Alguns afirmam ter ouvido falar que os comunistas são maus, outros, o contrário. Uma garota “low scorer”, 5035, que antes de ser prostituta estudava na Universidade da Califórnia, afirma que está bastante confusa sobre política porque conversa sobre isso com seus clientes e todos tem opiniões muito diferentes. A

ignorância vem da intransparência⁴³ da situação atual aos olhos de quem não possui o controle técnico e teórico do que se passa. Adorno escreve: “In its present phase, our social system tends objectively and automatically to produce ‘curtains’ which make it impossible for the naive person really to see what it is all about. These objective conditions are enhanced by powerful economic and social forces which, purposely or automatically, keep the people ignorant”⁴⁴.

Mas por que é necessário, para quem está no comando, essa névoa? “The very fact that our social system is on the defense”⁴⁵. O capitalismo abandonou sua trajetória progressista; os lemas do Esclarecimento⁴⁶ se tornaram perigosos demais: para a burguesia, agora classe dominante, “o feitiço virou contra o feiticeiro”. Como na época das Revoluções, saber demais virou algo subversivo. O que Adorno denomina de “nosso sistema social”, ou seja, o capitalismo, se transformou de algo dinâmico para um *status quo* conservador que luta de todas as maneiras para se perpetuar. Os que se identificam com o existente refletem em suas opiniões o sentido dessa luta; inconscientemente, não querem “saber muito” sobre o que se passa porque percebem que desse jeito conseguem manter o mundo com o qual estão acostumados. É errado atribuir a ignorância à imaturidade política do “povo”, porque a repressão na sociedade contemporânea não se aplica só à sexualidade, mas também ao pensar, percebe o filósofo.

As pessoas ficam com medo de pensar porque podem pensar “coisas erradas”, e disso para fazer “coisas erradas” já é um pulo. Esse medo é alimentado desde a infância, por um sistema educacional que elimina qualquer aspecto “especulativo”; daí surge um enorme “déficit” entre a falta de treinamento político da população e a abundância de notícias políticas nos meios de comunicação de massa. Adorno afirma que tais considerações são a respeito da condição geral do capitalismo avançado; com referência ao seu interesse na pesquisa, dois aspectos da ignorância serão enfatizados: um, o desprestígio da inteligência, da curiosidade (a importância dos assuntos é fundamental, mas ninguém se sente apto a entender; a obscuridade é a raiz do sentimento de impotência: ninguém consegue ter a mínima influência no que ocorre). O outro, o fato de que a política e a economia são tratados no mesmo tom que os esportes, a música e as fofocas das vidas das estrelas

⁴³ Adorno utiliza o termo “opaqueness”, dando este sentido de nebulosidade, de interferência na visão.

⁴⁴ TAP, vol.2, pg. 661- “Em sua atual fase, nosso sistema social tende objetivamente e automaticamente a produzir ‘cortinas’ que impossibilitam à pessoa simples ver do que realmente tratam os assuntos políticos e econômicos. Existem condições objetivas que são realçadas por poderosas forças econômicas e sociais que, propositadamente ou automaticamente, mantêm as pessoas ignorantes”.

⁴⁵ TAP, vol.2, pg. 662- “o próprio fato de que nosso sistema social está na defensiva”.

nos meios de comunicação: o espectador não tem nada a ver com o processo de produção em tais áreas. A atividade política se torna um “negócio sujo”, no qual as pessoas de bem nada podem fazer, e é melhor que não estejam familiarizadas com esse tipo de coisa.

O próximo item dos constituintes formais do pensamento político contemporâneo é denominado por Adorno, em inglês, como “Ticket thinking and personalization in politics”. “Ticket thinking” seria “pensamento em etiquetas”, a maneira pela qual as pessoas raciocinam através de rótulos. O esquema mental de referência subjacente à ignorância e confusão é o sentimento de vazio provocado pela constatação que as esferas da vida estão irremediavelmente separadas. O sujeito pensa tanto a política quanto a economia como universos impenetráveis, verdadeiros extra-terrestres poderosos que afetam sua vida profundamente, mas contra quem não se pode fazer nada. No atual estado de coisas, escreve Adorno, mesmo a pessoa mais ingênua percebe o impacto dessas esferas em seu raio de ação, mas não consegue expressar seu desconforto, e muito menos agir, porque sofre da principal marca da existência moderna, a alienação.

Todas essas sensações provocadas pela experiência truncada causam uma ansiedade intensa que ata o ego em medos e anseios infantis. O indivíduo, lidando com problemas que não entende, precisa desenvolver técnicas de orientação, verdadeiras ou não, para poder viver. Para ele, é importante utilizar um conhecimento, ou um substituto para o conhecimento, que o possibilite compreender o que é o esperado socialmente dele; assim, o sentimento de ansiedade e incerteza é compensado por essa falsa segurança intelectual.

Existem dois meios básicos de se criar esta segurança, segundo Adorno: através do estereótipo ou da personalização. Tais mecanismos são repetições de padrões arcaicos, que acompanham o indivíduo desde o início da vida. Quando a criança classifica o que vê, utiliza dicotomias como “bom- mau”, “bonito- feio”; o ideal seria que, quando crescesse, percebesse a complexidade dos processos que a cercam, ao invés de continuar rotulando tudo rigidamente. Mas não é isso que ocorre: algumas pessoas não conseguem abandonar as fantasias de onipotência da infância, e pretendem entender o universo inteiro através de suas colocações. Conclui Adorno: “The opaqueness of the present political and economic situation for the average person provides an ideal opportunity for regression to the infantile level of stereotypy and personalization”⁴⁷. O

⁴⁶ Adorno escreve em inglês “universal enlightenment”, ver Guido de Almeida e a tradução de *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985

⁴⁷ TAP, vol. 2, pg.664- “A intransparência da presente situação política e econômica para a pessoa comum produz uma oportunidade ideal para regressão ao nível infantil da estereotípi e personalização”.

cidadão comum se vê de volta à infância, onde tinha medo do “homem do saco” e ao mesmo tempo era instruído a chamar adultos semi-desconhecidos de “tio”, exemplifica o filósofo.

O problema é que tanto o estereótipo quanto a personalização impedem o indivíduo de ter experiências; a segurança do “berço intelectual” custa muito caro. O pensamento rígido organiza o que para ele é caótico, mas não permite que tentativas novas se estabeleçam. Tal tipo de pensamento é fruto de uma civilização industrial, onde todas as caixas de molho de tomate são iguais (e todas as opiniões a respeito dos assuntos do governo também tendem a se igualar); diz o autor que este é um processo “inescapável”.

Os sujeitos entrevistados pela pesquisa de *The Authoritarian Personality* demonstram as afirmações do filósofo de que os dois mecanismos, estereotipia e personalização, são inadequados a um bom entendimento da realidade. Se na estereotipia tudo é rotulado e nada vivido, na personalização os processos sociais são vistos como produtos de pessoas identificadas como “culpadas” por tudo que acontece. Compreender estes dois mecanismos é o primeiro passo, escreve Adorno, rumo ao estabelecimento do complexo pensamento “psicótico”, marca do caráter fascista. A reificação é a marca da sociedade atual, e “Stereotypy and personalization are two divergent parts of an actually nonexperienced world”⁴⁸.

Adorno passa a discorrer sobre casos de “political ticket thinking”. Para M1225a, um “medium scorer” que foi marinheiro e agora quer estudar engenharia, tudo de ruim que acontece na política dos EUA se explica pela existência dos sindicatos. Em relação à política internacional, M1225a responde com um veemente “eu não quero saber disto”, e as outras perguntas tem como respostas clichês. Outros respondem com discursos religiosos semi-prontos a qualquer coisa.

Como um exemplo de personalização, Adorno cita o caso de F114, uma “high scorer” que considera Dewey, um político da época, um homem “jovem, capaz, cujos defeitos são úteis”, e começa uma adulação que em termos psicanalíticos tem a ver com uma projeção do super-ego punitivo. Num mundo cada vez mais impessoal, é um alívio poder escolher alguém para admirar ou mesmo odiar: o objeto recebe todos os anseios, os medos, as inseguranças. A alienação à qual todos estão sujeitos é coberta pela capa da personalização, que compensa a extrema desumanização cotidiana. E a impotência que oprime o sujeito é compensada pela onipotência que as figuras públicas escolhidas como heróis exercem.

⁴⁸ TAP, vol. 2, pg. 666- “Estereotipia e personalização são duas partes divergentes do mundo real não-vivido”.

O próximo item é “Ideologia superficial e opinião real”. Adorno reconheceu nas entrevistas diferenças entre o que as pessoas professavam e seus reais pensamentos. Sentimentos considerados “indignos” socialmente, como ira, ódio, raiva, são abafados por uma cordialidade estudada, mas às vezes “escapam” em gestos, atos ou palavras. E mais: “The alienation between the political sphere and the life experience of the individual, which the latter often tries to master by psychologically determined intellectual makeshifts such as stereotypy and personalization, sometimes results on a gap between what the subject professes to think about politics and economy and what he really thinks. His ‘official’ ideology conforms to what he supposes *has to think*”⁴⁹.

A “ideologia oficial” de alguém seria o conjunto de valores imposto pela sociabilidade, desde a infância, e estaria correspondendo, interiormente, ao mundo político exterior, vivido sempre como uma esfera separada e trancada; já o que se “realmente pensa” nasce dos mais profundos desejos e necessidades, que estão sempre em conflito com a primeira ordem de coisas. Tal situação, acrescenta Adorno, é “irreconciliável”.

Partindo do pressuposto que a estrutura formal do pensamento político pode indicar a suscetibilidade ao fascismo, denominado pelo filósofo de “pseudoconservadorismo”, e que esta é marcada pelo conflito do eu com o exterior, alguns exemplos são citados. F116, uma mulher do grupo do curso de extensão da Universidade possui índices que demonstram tal situação: atingiu um “score” médio em E e F mas baixo em PEC. Na entrevista, constatou-se que F116 tinha um extremo conflito com o marido, sujeito preconceituoso e conservador. Algumas de suas frases são tiradas do discurso dele; mas em outras, o ressentimento faz com que suas próprias idéias aflorem: surpreendentemente, se diz pró-URSS, e se mostra crítica em relação às políticas internacionais dos EUA, (mesmo afirmando que o marido não gosta que ela pense assim).

Quando Adorno examinou os resultados das escalas PEC e E, notou que existiam dois grupos de pessoas: as que haviam alcançado índices altos em PEC e baixos em E, ou altos nas duas escalas. Essa diferença foi interpretada como sendo a existente entre os conservadores e os pseudoconservadores. O filósofo decidiu dedicar algumas linhas ao que chama de “pseudoconservadorismo”. O pseudoconservadorismo, em primeiro lugar, é mais um dos padrões de pensamento que ilustram a tendência

⁴⁹ TAP, vol.2, pg. 671, grifos do autor- “A alienação entre esfera política e a experiência individual da vida, que frequentemente tenta ser conduzida por substitutos intelectuais psicologicamente determinados como

geral das descobertas de *The Authoritarian Personality*, ligando-se aos traços gerais do caráter potencialmente fascista. Um sujeito realmente conservador não é potencialmente fascista, enquanto que o “pseudo” o é. Em segundo lugar, “the psychological structure that corresponds to pseudoconservatism is conventionality and authoritarian submissiveness on the ego level, with violence, anarchic impulses, and chaotic destructiveness in the unconscious sphere”⁵⁰. Esses aspectos profundos da personalidade potencialmente fascista foram investigados, além das entrevistas, através do Teste de Percepção Temática.

Os autores de *The Authoritarian Personality*, incluindo Adorno, tentaram estabelecer minuciosamente todos os mecanismos da psique potencialmente fascista. Por exemplo, a agressividade e o desejo de vingança que tais indivíduos apresentam em relação aos outros são a expressão dos conflitos internos; são produtos de uma racionalização que torna o dia-a-dia suportável, mesmo com a existência de uma imensa dor íntima. Mas, afirma Adorno, nem todos os artifícios utilizados pela subjetividade potencialmente fascista são reações aos mundos exterior e interior.

Uma das principais características do pensamento não- conservador é a junção de idéias tradicionais e modernas na criação de valores positivos que dão conta das mudanças e que permanecem gerais: um exemplo seria o dos direitos humanos. Já o fascismo cria um pensamento muito pouco articulado, mas que está de perfeito acordo com os últimos desenvolvimentos da era contemporânea: a extrema concentração de poder no Estado, as desigualdades econômicas, a separação do sujeito comum e das esferas decisórias, só para citar as mais importantes. O pseudoconservadorismo não é um fenômeno fundamentalmente moderno apenas porque pressupõe uma nova psicologia, que se forma no curso da modernidade, mas porque as condições objetivas de vida neste período possibilitam o crescimento de tal estrutura de personalidade, explica Adorno.

E o filósofo conclui: “It is one of the unpleasent results of our studies, which has to be faced squarely, that this process of social acceptance of pseudoconservatism has gone a long way- that it has secured an indubitable mass basis”⁵¹. Nas respostas sobre política dos “high scorers” tanto “slogans” conservadores quanto liberais são neutralizados e utilizados para cobrir o aspecto dos desejos repressivos e

estereotipia e personalização, às vezes resulta numa brecha entre o que o sujeito diz pensar sobre política e economia e o que ele realmente pensa”.

⁵⁰ TAP, vol. 2, pg. 675- “a estrutura psicológica que corresponde ao pseudoconservadorismo é a convencionalidade e a submissão autoritária no nível do ego, com violência, impulsos anárquicos, e destrutividade caótica ‘dentro da’ esfera consciente”.

destrutivos: o pseudoconservador é aquele que, em nome dos velhos ideais humanistas dos EUA, quer matar os imigrantes pobres de seu bairro.

O pseudoconservadorismo pode até englobar algumas idéias do socialismo: a economia de mercado, falida, seria substituída por um Estado gigantesco que protegeria os interesses dos “verdadeiros americanos”, como no caso do “high” M109. O alvo é sempre o mesmo: a tolerância democrática. Um dos internos de San Quentin, o raivoso anti-semita M661A, que interpreta em sua vida o papel do entediado decadente “que já viu tudo no mundo”, declara em alto e bom som seu ideal “aristocrático”: “I guess I really don’t believe that all men are created free and equal”⁵². Os pseudoconservadores tanto podem se nomear democratas mas frustrados com a situação atual ou anti-democratas de nascença; o discurso não muda muito.

Esse fenômeno também ocorreu na Alemanha: o Partido Nazista subiu de maneira fulminante ao poder gerando um discurso violento contra a democracia da República de Weimar. O “socialismo” proposto pelos nazistas seria a vitória da comunidade de sangue germânico contra os “parasitas agiotas judeus”, e angaria simpatias dos entrevistados de Adorno. Quase todos se dizem “indignados” com o que chamam de “extrema ênfase” nas atrocidades nazistas: os dirigentes do Terceiro Reich tinham seus motivos para fazer o que fizeram; é a justificação do genocídio, o filósofo constata.

Assim como em *Dialética do Esclarecimento*⁵³, Adorno anexa um excuro para melhor explorar o significado do pseudoconservadorismo. É necessário tomar cuidado, explica o autor, em dividir os pensamentos políticos atuais em verdadeiros e falsos; pode-se facilmente hipostaziar a situação e simplificar o fenômeno do fascismo. Como já foi dito, o pseudoconservadorismo não é apenas uma reação, mas também um novo modo de sustentar o *status quo*, através de forças agressivas e destrutivas.

Em segundo lugar, sabendo que as necessidades psicológicas são permeadas por vários tipos de identificações, é impossível para o estudioso determinar o que é mera imitação do que é genuíno, em cada indivíduo. A idéia de que cada sujeito é uma mônada intransponível é uma abstração inútil; não há nenhuma

⁵¹ TAP, vol. 2, pg. 676- “Este é um dos mais desagradáveis resultados dos nossos estudos, que deve ser encarado (...) esse processo de aceitação social do pseudoconservadorismo foi um caminho longo- e que seguramente tem uma base na massa”.

⁵² TAP, vol. 2, pg. 679- “Eu acho que realmente não acredito que todos os homens foram criados livres e iguais”.

⁵³ ADORNO, Theodor, e HORKHEIMER, Max: *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985

fronteira entre o adquirido e as idiossincrasias. E mais: sendo o pensamento político algo extremamente mutável, o pseudoconservador pode virar conservador, e vice-versa.

O conceito de pseudoconservadorismo foi criado por Adorno como um procedimento simples para dar conta de algumas características marcantes presentes em algumas entrevistas: ao mesmo tempo que o entrevistado concorda e quer manter valores existentes, assume as mais assustadoras sentenças da escala F. O autor pensa que tal procedimento não deixa de ser algo mecânico, mas que dá conta de uma diferença fundamental entre os verdadeiros conservadores e os “pseudo”: a maneira bem-sucedida ou não de identificação. Os verdadeiramente conservadores se identificam profundamente com os ideais autoritários e tradicionais, e sofrem conflitos profundos por isso. Já os “pseudo” apresentam uma superficialidade no que dizem e pensam, porque não conseguem encarar de jeito nenhum seus conflitos interiores.

Um exemplo de “conservador genuíno” é F5008, que atingiu índice baixo em E, médio em F e alto em PEC, uma dama da sociedade mais tradicional dos EUA (descendente direta de Thomas Jefferson). F5008, apesar de demonstrar traços neuróticos, revelados no Teste de Percepção Temática, em nenhum momento se vangloria de suas origens ou demonstra qualquer tipo de preconceito. Os sujeitos conservadores, no atual estado da política norte-americana, diz Adorno, são obrigados a defenderem os valores democráticos e humanistas professados na origem da nação, mesmo que esses ideais entrem em choque com suas estruturas psicológicas: estão se tornando cada vez mais “liberais”. Por essa razão, é quase impossível encontrar casos de conservadores genuínos entre os “high scorers”.

Se a hipótese de que o pseudoconservadorismo se baseia numa identificação incompleta é válida, pode-se explicar um traço desse tipo de pensamento político: a extrema identificação dos que o professam com as classes superiores. O pseudoconservador odeia o vizinho, mas admira com fervor as “locomotivas do high society”. O nazismo utilizou sem parar a frustração das massas alemãs, empobrecidas com a crise econômica do pós-guerra. Explica o autor: “This socioeconomic aspect of pseudoconservatism is often hard to distinguish from the psychological one. To the prospective fascist his social identification is as precarious as that with the father. At the social root of this phenomenon is probably the fact that to rise by the means of ‘normal’ economic competition becomes increasingly difficult, so that people who want to ‘make it’ - which

leads back to the psychological situation- are forced to seek other ways in order to be admitted into the ruling group”⁵⁴.

Os pseudoconservadores são sempre esnobes, porque se sentem no “clube dos espertos”, já que manipulam os dados em interesse próprio apesar da “fachada” de respeitáveis além de se acharem os sujeitos mais bem informados do planeta. Sua identificação com os grupos da alta sociedade permite obter certas gratificações narcisistas que não conseguiriam na realidade.

Dois exemplos de pseudoconservadores são dados por Adorno, os “highs” extremos 5006, um dos poucos entrevistados de *The Authoritarian Personality* que admite abertamente o desejo de matar judeus, e 5013, filho de um massagista, mas que se refere ao pai como “doutor”, fato que não passa despercebido ao olhar atento do filósofo (Hitler cercou-se de falsos médicos e cientistas, e incentivava todo tipo de misticismo e discurso pretensamente científico baseado em investigações não-usuais)⁵⁵.

Seguindo suas colocações sobre o pensamento político dos “high scorers”, Adorno chama a atenção para mais uma característica marcante deste pensamento: o “complexo de usurpação”. O objetivo final dos pseudoconservadores (identificados por Adorno como os “high scorers” mais elevados) é estabelecer uma ditadura dos economicamente favorecidos, baseados em promessas de “segurança” para a maioria, se esta apoiar os “eleitos”. Nesse sentido, os atuais governantes podem ser vistos como “usurpadores”, se tomam medidas contrárias a esse projeto autoritário, marcado fortemente por tons paranóicos. O governo Roosevelt e o New Deal são alvos desse tipo de crítica.

No caso do presidente Franklin Delano Roosevelt, os “high” o acusam de haver sucumbido às pressões da Suprema Corte e do Congresso para colocar em prática as políticas do New Deal (basicamente, eram políticas de criação de frentes de trabalho, de intervenção estatal na economia). Para as pessoas autoritárias, os legítimos governantes são aqueles que representam diretamente os grupos econômicos dominantes, não os que extraem seu poder das formalidades do processo político. O que não deixa de conter uma contradição, nota Adorno: sendo que as medidas de Roosevelt estabeleceram certas regras para o funcionamento da economia, mas não modificaram os fundamentos da mesma, é verdade que muito do poder

⁵⁴ TAP, vol. 2, pg. 684- “Esse aspecto sócio- econômico do pseudoconservadorismo é freqüentemente difícil de ser distinguido do psicológico. Na raiz social deste fenômeno está provavelmente o fato de que o crescimento nos termos de uma competição econômica normal se torna cada vez mais difícil, e as pessoas que querem “fazer” algo se vêem forçadas a procurar outros jeitos de serem admitidas nos grupos dominantes.”

⁵⁵ ver a explicação de Adorno em TAP, vol. 2, pg. 685

nos EUA vem de quem controla a produção; os pseudoconservadores percebem que a democracia é em grande medida falsa, e que votar não garante a defesa de seus interesses, mas o ressentimento produzido por essa situação não é voltado à contradição existente entre política e economia, mas ao sistema democrático.

A democracia seria então formada por mentiras e dirigida por quem não merece estar no posto. A freqüência da idéia da usurpação levou Adorno a estabelecer esse “complexo”, ou seja, uma configuração psicológica disseminada e estável que faz surgir essa idéia. O filósofo nota o fato de que esse problema não é discutido nos estudos de Literatura, apesar do drama da usurpação ser um dos centrais nas tragédias (e cita *Hamlet*, *Rei Lear*, *Macbeth*, *Júlio César*, *Henrique VIII*, algumas das peças mais consagradas de William Shakespeare). Algo das instituições criadas e mantidas ao longo da história da civilização ocidental traz esse perigo à tona.

No nível sócio-psicológico, a explicação não é difícil de ser encontrada: a existência do poder e de todas as suas prerrogativas (privilégios, status, riqueza, etc) causa um profundo ressentimento na grande maioria que não tem acesso a tal posição e traz uma série de sacrifícios para o resto da população; vai contra a luta antiga a favor da igualdade entre todos. Apesar disso, as pessoas são educadas a reprimir esse ressentimento e aceitar como legítimo o que é de fato ilegítimo: desse conflito entre a consciência e as esferas não-conscientes surge o complexo.

Mas Adorno enfatiza que na origem do complexo também estão mecanismos mais profundos e arcaicos, já que o problema do usurpador está sempre ligado à família. O usurpador é a figura que reivindica ser de um grupo familiar que de fato não pertence (é o caso de Édipo e de seus pais de criação, início de toda a desgraça do personagem); isso se liga a uma observação que não é feita usualmente, diz Adorno: que as crianças tem um medo terrível de não serem filhas de seus pais (medo que é aumentado com a constatação de que a origem biológica pode não coincidir com a instituição do matrimônio, e com todas as histórias de cegonhas e sementinhas que se conta para os pequenos a respeito de sua origem). O berço da civilização, a família, nunca está bem preso no chão: a incerteza é projetada na figura do usurpador.

O usurpador por excelência para os entrevistados de *The Authoritarian Personality* é Roosevelt, cujo nome evoca as mais diferentes reações de “high” e “low scorers”. Para os primeiros, Roosevelt é o representante do comunismo nos EUA. As acusações de comunista, internacionalista, esnobe, nascem do ressentimento da classe média frustrada em relação a um presidente que manteve uma política de benefício

para as classes mais baixas, ainda que essa política não contestasse, em nenhum momento, os alicerces do sistema capitalista no país. O fato de que os “pobres” pudessem usufruir de algum tipo de auxílio e pudessem “ser felizes” irrita profundamente os entrevistados do livro.

Além disso, em muitas afirmações dos “high” Roosevelt é visto como “velho demais”; o medo da própria morte ou da doença é racionalizado e inconscientemente, a morte dos mais velhos é desejada; o presidente teria que ser “sacrificado” para que as gerações mais jovens lhe tomassem o lugar. Digno de nota é que, no nazismo, os jovens foram intensamente mobilizados, em oposição aos “velhos decrepitos” da República de Weimar. Essas tendências psicóticas são muito comuns entre os “high”, observa Adorno, e nascem na mais tenra idade: a agressividade contra o pai é estendida a todos os mais velhos, assim como para os integrantes de grupos diferentes (aqui Adorno se remete mais uma vez à imagem do judeu, representado freqüentemente como um velho sinistro que mora em guetos). Sociologicamente, o ódio contra os idosos vem de um utilitarismo extremo: assim como os objetos, as pessoas quando ficam mais velhas podem ser substituídas sem nenhum problema.

Já para os “low scorers” e alguns “high”, Roosevelt é uma grande personalidade, um objeto de carinho, reconhecimento e admiração. Para M106, “high scorer”, sua admiração pelo presidente (no imaginário norte-americano, a encarnação do “grande pai”) vem do fato de Roosevelt ter sofrido de paralisia infantil, assim como ele.

Para os burocratas do governo, porém, os entrevistados não demonstram nenhum tipo de piedade. São os usurpadores por excelência, que “sugam o dinheiro dos homens honestos” como eles. Apesar desse tipo de discurso ser mais comum em “high scorers”, os “low” também o apresentam, o que demonstra a existência de uma desconfiança generalizada na população e de mais frustrações com a vida política, que são descontadas nos burocratas como bodes expiatórios (de novo, assim como aos judeus, negros e hispânicos). Os “low” que desconfiam dos políticos, burocratas, sindicatos são “antipolíticos”, o que é um terreno fértil para a propaganda fascista, avisa Adorno.

Nesse vácuo da vivência da política no cotidiano das pessoas, Adorno identifica mais um ponto problemático no pensamento político dos entrevistados: a falta de uma utopia. O existente é tão profundamente aceito que não existe escapatória, ninguém pode pensar uma superação. Com uma diferença: essa falta de utopia é mais freqüente nas falas dos “low scorers”, que justamente por serem mais realistas

podem desenvolver um pessimismo, em contrapartida com o “otimismo oficial”, um dos traços mais fortes de cinismo e que foi um ponto importante na diferenciação de “highs” e “lows” na escala F. Os últimos aceitam os fatos negativos da realidade, mas como confiam nas potencialidades das pessoas tendem a pensar que as soluções não são encontradas a curto prazo, mas depois de processos complexos.

Quando o tópico da não-existência da utopia aparece nas falas dos “high scorers”, está sempre relacionado ao cinismo. Psicologicamente, tal tópico relaciona-se com traços sadomasoquistas; politicamente, com um conservadorismo medroso que tenta defender a todo custo o panteão liberal norte-americano.

Sadomasoquismo também dá o tom em um aspecto sinistro das falas dos “high”: o pressuposto que não deva existir “nenhuma piedade para os pobres”. Algumas relações de resultados de PEC e F podem ser estabelecidas a partir da observação de que a abolição do seguro-desemprego, rejeição da interferência estatal na economia, o ditado “eles não trabalham, então não podem comer” e a defesa violenta de tópicos do liberalismo aparecem em muitos depoimentos. É interessante salientar, contudo, que as mulheres estão livres do pensamento “nenhuma piedade para os pobres”, talvez por serem educadas desde muito cedo para a maternidade.

Os que desejam humilhar os mais humildes baseiam suas opiniões em pressupostos sociológicos bastante fortes: tendência para ascender de classe, identificação com a classe dominante. Tais pressupostos são indissociáveis dos psicológicos: os pobres são identificados com as crianças, já que seu mundo parece mais limitado do que o dos “grandes”. A mesma fórmula que gera o anti-semitismo gera a vontade de punição que é destinada aos menos favorecidos.

Assim como as crianças, os pobres devem ser “educados”, não mudar de “status” social, para que, mais “maduros”, consigam entrar na vida política. A visão que a educação é uma “panacéia” está tanto nos “high” quanto nos “low scorers”, e aparece com espantosa recorrência nas falas dos entrevistados que não tiveram acesso a uma escolaridade completa. Se os “high” pensam que a educação lhes permitiria ganhar mais dinheiro, os “low” repetem os ideais iluministas de acesso irrestrito à informação.

A questão da educação remete Adorno à sua primeira colocação sobre os tópicos de política e economia nas entrevistas: que as pessoas sofrem de uma incrível ignorância em relação ao mundo que as cerca. Os “low” reconhecem isso em si próprios; os “high” projetam tal sentimento para os outros. A falta de informação é tão gritante que ficou muito difícil para Adorno examinar alguma diferença entre o discurso dos

“low” e dos “high” sobre alguns tópicos específicos como sindicatos, negócios, política interna e externa e comunismo.

Tais tópicos foram escolhidos porque apareceram com freqüência no pensamento político dos entrevistados; mas não conseguiram auxiliar de maneira mais efetiva na construção de uma tipologia dos “high” e dos “low scorers”. Por exemplo, a favor dos sindicatos são apenas alguns indivíduos politicamente conscientes e articulados de esquerda; a alienação em relação ao mundo do trabalho é um fator marcante dos sujeitos no capitalismo tardio. Os sindicatos aparecem como obstáculos à livre- concorrência e à possibilidade de cada um se tornar um “self- made man” de sucesso, assim como os astros de cinema nas capas das revistas.

Comparado ao sindicato, que requer uma participação efetiva, muitas vezes tediosa, dos trabalhadores, os grandes conglomerados industriais possuem um fascínio, o chefe traz tudo ordenado; a identificação com a empresa, por mais paradoxal que seja, é mais imediata, e esse é um elemento fascista bastante perigoso nos EUA, considera Adorno. Para os “high”, o discurso anti-sindicatos é uma expressão de uma insatisfação com a própria condição de trabalhador, e uma plataforma para uma visão de mundo reacionária, que automaticamente inclui anti-semitismo, hostilidade contra estrangeiros, ódio ao New Deal, e todas as imagens que são negativas aos olhos dos propagandistas fascistas.

A opinião corrente dos entrevistados sobre o mundo dos negócios e o governo é que a interferência estatal é um “mal necessário”, demonstrando que a experiência dos anos da guerra levou a população norte-americana a colocar em questão certos pressupostos do liberalismo. Para os “high scorers”, essa interferência se liga ao “complexo de usurpação”, mais um aspecto da arbitrariedade ditatorial do Estado.

Sobre assuntos políticos relacionados ao dia-a-dia dos entrevistados, Adorno considera incrível a distância que todos possuem de suas experiências e de seus verdadeiros interesses. Uma das questões projetivas das entrevistas era se as pessoas concordavam em que se limitasse a renda de cada um em 25 mil dólares por ano. Muito poucos acharam boa a idéia; mas a maioria não ganha isso, e nem tem previsão de ganhar...essa típica utopia norte-americana, da felicidade ligada à prosperidade material ilimitada, ainda é bastante marcante; a identificação com o “magnata que veio do nada” ajuda a perpetuar o controle dos grandes capitalistas, em termos sociológicos.

O pensamento dos entrevistados a respeito da política externa é vago, marcado por um desapontamento, e uma ansiedade. Não podemos esquecer que essas pessoas viviam no imediato pós-guerra,

quando os EUA surgiram como grande potência mundial, mas acompanhado pela URSS. É o início da Guerra Fria, o medo de um novo conflito que coloque a perder as conquistas ianques que aparece o tempo todo nas afirmações dos personagens que compõem *The Authoritarian Personality*. Todos, “high” e “low”, estão confusos, receosos do novo monstro que surge no mundo: a temível Rússia; tal horror liga-se a mais uma imagem, a do comunismo.

O “comunismo” seria uma espécie de “pântano” onde os russos atolaram, e serve de receptáculo a todo tipo de projeções hostis, muitas num nível infantilizado, parecido com a representação das forças do mal nos quadrinhos. Dessa espécie de paranóia sofrem também os “low scorers”; isso, segundo Adorno, é resultado de muitos anos de propaganda, que foi feita diretamente para mexer com os temores mais irracionais das pessoas. A propaganda identifica objetos para o ódio e reafirma esse sentimento para os que já existem no potencial anti-democrático das massas.

O capítulo seguinte, XVIII, traz as observações de Adorno sobre ideologia religiosa. A relação entre religião e preconceito ocupou um papel menor nas pesquisas de *The Authoritarian Personality*; na escolha dos entrevistados, não houve nenhum tipo de separação por grupo religioso nem foram escolhidas áreas geográficas onde se concentram populações católicas ou protestantes.

A religião, explica Adorno, não ocupa mais o papel decisivo que antes desempenhava na vida das populações ocidentais; raramente é um fator decisivo na formação de opiniões, atitudes e valores. Por isso é que alguns pregadores, em suas técnicas de persuasão, se aproximam dos propagandistas fascistas.

Apesar desse caráter muitas vezes residual, os autores do livro esperavam encontrar relações complexas entre o cristianismo e o etnocentrismo. O cristianismo é, em sua essência, oposto a uma visão de mundo preconceituosa: o amor ao próximo, o “dar a face” foi decisivo para que minorias e desfavorecidos aderissem à essa religião. A tendência a desprivilegiar o natural, os aspectos físicos (dentre eles os traços “raciais”) em detrimento ao espiritual, traços do “amor cristão”, também é outro aspecto relevante.

Por outro lado, o cristianismo, sendo a religião do “Filho”, contém em seus princípios um antagonismo explícito à religião do “Pai”, aos “assassinos de Cristo”, os judeus, que não reconheceram a queda da lei mosaica diante da renovação trazida pela encarnação do Messias. Durante séculos, os homens da Igreja tentaram esclarecer o ponto mais irracional da doutrina: o fato de Jesus ser ao mesmo tempo Deus e

homem; isso foi esclarecido com o estabelecimento de dogmas, objetos de polêmicas que muitas vezes se tornaram sangrentas.

Tais dificuldades aparecem em alguns dos temas do anti-semitismo; Adorno chega a citar uma pesquisa de Joshua Trachtenberg, que conseguiu demonstrar que a imagem contemporânea do judeu é a figura do demônio medieval “secularizada”.

Com o advento da Reforma, e mais tarde do Iluminismo, o cristianismo sofreu profundos abalos, e se tornou, nas suas mais diferentes correntes, muitas vezes um “bem de família”, um elemento tradicional que se preserva. Mas sua força ideológica não pode ser descartada, mesmo quando no discurso dos entrevistados os dogmas religiosos são diluídos. A religião é vista como um “cimento social”, uma “base”, ou seja, pode não ter o caráter que possuía antes, mas concentra em si uma autoridade, um princípio que age em favor da conservação de estruturas sociais. Uma dessas estruturas seria, segundo Adorno, a dinâmica grupo- não grupo que também está presente na formação dos preconceitos raciais. As distinções crentes- não crentes judeus e cristãos, católicos e protestantes, judeus e muçulmanos causam conflitos sangrentos e muitas vezes emperram relações diplomáticas entre países. Essa dinâmica grupo- não grupo constrói uma base propícia para as tendências fascistas: Adorno lembra da ligação existente entre o nazismo e grupos católicos tradicionais alemães.

Um caso comentado pelo autor é o de F5054, uma mulher que atingiu índices altos na escala E. Ela disse em seu depoimento que pretende se mudar para outra região, para livrar as filhas da má influência dos vizinhos, que “não vão à igreja”. Essa preocupação, tão vaga quanto uma qualquer, mostra uma característica marcante da religiosidade dos entrevistados de *The Authoritarian Personality*: a conexão entre uma religiosidade rígida, convencional, e a falta de uma experiência pessoal nesse âmbito da vida. 5057, por exemplo, diz que acredita na igreja, mas não em um Deus que pudesse ser vislumbrado por algum tipo de ascese individual.

A função da religiosidade entre os “high scorers” é parecida com as raízes do irracionalismo manipulador dos nazistas, resumido num dos ditados preferidos do Führer: “os homens podem morrer por idéias que não compreendem”. Os “high” utilizam slogans religiosos para justificar suas idéias preconceituosas. Psicologicamente, inclusive, toda a hierarquia nazista é a secularização das antigas formas eclesiásticas.

Os “high” também insistem na visão que a religião é algo “para as pessoas fracas se segurarem”, pessoas essas que não são eles próprios, obviamente. Nisso diferem frontalmente dos “low”: apesar de todos concordarem que a religião faz parte da “higiene mental”, os “low” vêem a religião como uma forma de resolver conflitos internos, diminuir angústias e ansiedades. Adorno diz que não foi encontrado um “low” que concebesse religião como algo com fins “externos” a si próprio, como os “high”.

Tal falta de vínculo entre as doutrinas religiosas e a experiência de vida expressa-se num ponto curioso da fala dos entrevistados: a crença em Deus e a descrença na imortalidade da alma. Isso ocorre porque a idéia de Deus é aceita como uma expansão da Figura paterna, mas o impulso reprimido de destrutividade faz com que haja uma reação ao possível sentimento de continuação do eu depois da morte física.

Entre os “low”, é mais comum encontrar sujeitos que são ateus ou mesmo anti-religiosos, porque o pensamento abstrato e a visão crítica das coisas impedem tais pessoas de aceitarem os “pacotes prontos” das mais diferentes correntes religiosas. M711, um “easy-going low scorer”, conta que sua curiosidade religiosa durou pouco, e que adulto, dá risadas ao ver fotos da sua primeira comunhão. Adorno só consegue compreender tal afirmação em termos psicanalíticos: tanto na infância quanto na idade adulta, M711 ligou os temas religiosos a uma sublimação do voyeurismo, da curiosidade de “ver o que não se pode ver”. Já os “low scorers” religiosos insistem nos lemas cristãos da solidariedade, da igualdade entre os homens, da necessidade de tolerância.

A conclusão geral de Adorno sobre a discussão da religião nas entrevistas é que não ficou provado que a vivência religiosa produza “anticorpos” contra o “vírus” do fascismo. A religião está ligada às prerrogativas do “status quo”, assim como a cor da pele, a renda familiar, o automóvel, o medo de quem não é do grupo; pode, em muitos casos, contribuir para o crescimento de idéias não-democráticas.

2-d) Tipos e síndromes

Para comentar o último capítulo de Adorno em *The Authoritarian Personality*, iremos dar ênfase aos problemas metodológicos enfrentados pelo autor no estabelecimento de uma tipologia da personalidade na era contemporânea. A descrição de tal tipologia, bem como os entrevistados escolhidos para ilustrá-la, encontra-se no Apêndice que se segue.

Adorno inicia o capítulo com uma constatação difícil: nenhum conceito é tão criticado na Psicologia Social quanto o de tipologia. Nessa disciplina, as generalizações não conseguiriam captar a essência dos fenômenos, além de não serem estatisticamente comprováveis nem capazes de produzir boas ferramentas metodológicas. Do ponto de vista de uma teoria dinâmica da personalidade, a tipologia seria uma jaula rígida de conceitos quase biologizantes, que negligenciaria o impacto dos fatores sociais e históricos. A Psicologia Social necessitaria de conceitos flexíveis o suficiente para dar conta da suposta fluidez dos fatos psicológicos; as tipologias, para serem válidas, teriam que se sobrepor a todo momento e possuir conceitos “mistos” que seriam, por si sós, contrários à idéia da construção da própria tipologia. No núcleo desta argumentação, aponta Adorno, está a aversão dos psicólogos à aplicação de conceitos rígidos.

O desenvolvimento das modernas tipologias psicológicas como contrastantes ao antigo esquema dos “temperamentos” teve sua origem na Psiquiatria, para facilitar o diagnóstico das doenças mentais. Mas, mesmo nesse sentido, Adorno percebe a extrema dificuldade de psicólogos, psiquiatras e psicanalistas em aceitarem o método de construção de tipologias, porque depois da divisão entre os processos patológicos e a “normalidade”, encarou-se que não era preciso construir uma tipologia para esta última. Se já é difícil classificar os doentes, cuja dinâmica psicológica é largamente dada por padrões rígidos, quanto mais identificar os “normais”, que passam suas vidas sem nenhum tipo de tratamento.

No fim, para psicólogos, psicanalistas e psiquiatras, construção de tipologia seria algo equivalente a um “tabu”, ligado de maneira próxima à idéia de que os processos psíquicos são em sua maior parte inexplicáveis. Mas, se levarmos em consideração que a teoria psicanalítica foi bem-sucedida no seu esforço de estabelecer uma classificação dinâmica das psicoses, onde a vida interior do indivíduo é completamente desintegrada e irracional, tal tabu cai por terra e não deixa nada em seu lugar.

É inegável, diz Adorno, que essa preocupação contra a “tipologização” expressa uma preocupação de humanização das práticas de tratamento, humanização esta que vai de encontro às tendências autoritárias (como as classificações nazistas e as assombrosas “experiências” de criminosos como Josef Mengele). Mais uma vez, Adorno insiste que a mentalidade potencialmente fascista é estereotipada, mesmo em suas formas “científicas”, onde achados empíricos são arbitrariamente distorcidos: “To express it pointedly, the rigidity of constructing types is itself indicative of that ‘stereopathic’ mentality which belongs to the basic constituents of the potentially fascist character”⁵⁶.

Adorno afirma ser necessário enfatizar que Freud, cuja obra foi marcada pela ênfase na dinâmica psíquica, longe de qualquer “biologismo” e pensamento estereotipado, publicou no final da vida uma tipologia⁵⁷; a tipologia freudiana, porém, passava ao largo de considerações metodológicas, e era formada pelo estabelecimento de “tipos mistos”. O filósofo considera que Freud era um pensador tão refinado que nunca iria ficar perdido em preocupações como as do “tabu da tipologia”; por outro lado, sua tipologia é muito frágil, e pesam contra ela acusações tanto de ser imprecisa demais quanto de não ter ligações com o resto da teoria psicanalítica. O que realmente conta, para Adorno, é que Freud reconheceu que uma tipologia é importante na organização de um conhecimento sobre o humano.

As dificuldades que Adorno enfrenta para estabelecer sua tipologia do homem contemporâneo são enormes: nos termos em que a pesquisa de *The Authoritarian Personality* se pôs, ou seja, no inter cruzamento da Psicologia Social e da Psicanálise para o surgimento de uma teoria dinâmica da personalidade, uma tipologia seria inaceitável. O filósofo responde que uma tipologia não pode ser construída como algo estático, como as taxonomias biológicas, mas dinâmico, um retrato com os traços gerais da contemporaneidade.

O fato das sociedades humanas serem divididas em classes (e isso tem conseqüências não só no ambiente externo, mas no mundo interno de cada um) e que o indivíduo não existe fora de relações com outros faz com que Adorno se apóie em outra disciplina para conseguir alcançar o seu objetivo: a Sociologia. Para o autor, Émile Durkheim foi o estudioso em particular que conseguiu provar que a ordem hierárquica

⁵⁶ TAP, vol. 2, pg. 746: “Para expressar isso pontualmente, a rigidez da construção de tipos é em si mesma indicativo da mentalidade ‘estereopática’ que pertence ao grupo dos constituintes básicos do caráter potencialmente fascista”.

⁵⁷ Adorno aqui faz referência aos “Libidinal types”, que Sigmund Freud estabeleceu em 1931. Os “tipos libidinais” são prolongamentos lógicos da teoria das instâncias da personalidade e da libido. No último capítulo fazemos considerações a respeito: FREUD, Sigmund: “Libidinal types”, in vol.XXI, *The Complete Works of Sigmund Freud*. Londres, Hogarth Press, 1968

social permeia o pensamento, as atitudes, e o comportamento dos indivíduos; as pessoas também fazem parte de “classes psicológicas”: a rigidez na diferença entre os “high” e “low scorers” reflete no nível psicológico a divisão da sociedade em campos opostos.

A cultura no capitalismo tardio chegou a um nível de estandardização (da produção econômica, da cultura) nunca antes visto; em outras palavras, a crítica da tipologia não deve desconsiderar que a maioria das pessoas que vivem no atual estágio do desenvolvimento capitalista não são, e nunca foram, “indivíduos” nos termos da filosofia do século XIX. O individualismo se tornou um mero “véu” ideológico de uma sociedade cada vez mais desumana, escreve Adorno.

O “ticket thinking” adorniano só é possível porque a existência é etiquetada pelos homens. A atual sociedade dá muita ênfase no ideal de indivíduo, mas pouco espaço para a verdadeira liberdade de ação individual. Pensando nestes termos, faz sentido construir uma tipologia, já que as engrenagens da sociedade produzem diferentes “tipos” de pessoas, assim como nas prateleiras de supermercado existem várias marcas de pasta de dente⁵⁸.

Adorno considera, porém, que a construção de tipos psicológicos não atende a um desejo arbitrário e compulsivo de colocar uma “ordem” na diversidade confusa da personalidade humana; tal esforço é uma conceitualização dessa diversidade, de acordo com sua própria estrutura. O filósofo lembra mais uma vez do exemplo de Freud: idéias como oralidade, caráter compulsivo, as fases do desenvolvimento da sexualidade, aparentemente derivadas de estudos altamente individualizados, fazem sentido unicamente pelo pressuposto básico de que tais estruturas são representativas das construções que são as pessoas.

A renúncia à generalização implica numa perda de fé no conhecimento que se pretende científico, fruto de pesquisa e reflexão. Além disso, Adorno vê um aspecto “pragmático” na necessidade da construção de uma tipologia: a urgência em produzir armas contra o fascismo. Os sujeitos potencialmente fascistas não irão se submeter a tratamentos; é preciso que se reconheça traços gerais de seu comportamento para guiar campanhas educativas e outras formas democráticas de aprendizado político.

⁵⁸ Lembremos de “A indústria cultural”, em *Dialética do Esclarecimento*: “As mais íntimas reações das pessoas estão tão completamente reificadas para elas próprias que a idéia de algo peculiar a elas só perdura na mais extrema abstração: *personality* significa para elas pouco mais do que possuir dentes deslumbrantemente brancos e estar livres do suor das axilas e das emoções.”, ADORNO, Theodor, e HORKHEIMER, Max: *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994, pg. 156 (grifo dos autores)

O filósofo responde que irá fazer um “fetiche” da crítica metodológica da tipologia e “agarrar” os diversos tipos de pessoas preconceituosas, extremamente diferentes entre si- basta observar como os presos de San Quentin, os “caras durões”, vivem em “planetas” que não são os dos burgueses convencionais e “respeitáveis”, que torcem a cara quando um negro entra no bar. Os tipos apresentados por Adorno são conceitos que não podem ser encontrados em toda a sua pureza em indivíduos isolados; são generalizações de traços que foram encontrados com frequência.

Adorno afirma que seguiu três critérios fundamentais na construção de sua tipologia: o primeiro deles é o fato de que não quis classificar seres humanos dividindo-os estatisticamente ou construindo “tipos ideais” (e aqui o autor escreve: “ideal types in the usual sense which have to be supplemented by ‘mixtures’⁵⁹”). Os tipos adornianos são a organização, sob o nome de cada tipo, de uma série de traços e disposições. Adorno afirma que a consistência do significado de cada tipo pode ser compreendida como certas formas básicas de conflitos psicológicos inconscientes e suas resoluções.

Adorno, em seu segundo critério, exige que sua tipologia seja crítica, isto é, que percebe que a “tipificação” dos homens tem uma função social: denunciar as engrenagens sociais que constroem “tipos” de pessoas, assim como de mercadorias. Urge refletir sobre esse fenômeno, contrapô-lo com uma tipologia que pensa seus princípios. Toda a tipologia de Adorno está baseada em uma questão: a dicotomia entre se a pessoa está “estandardizada” ou é verdadeiramente “individualizada” e se opõe à “estandardização” nas esferas da vida privada: os tipos são configurações específicas dessa divisão básica; em última instância, a diferença entre “high” e “low scorers” está ancorada nesse princípio. Mas Adorno afirma que os “low scorers” também sofrem do mal da padronização da vida. Quanto mais um indivíduo é padronizado, mais é potencialmente fascista.

O terceiro critério da tipologia adorniana é que os tipos devem ser construídos de maneira que possam ser traduzidos em padrões nos quais referências às idiossincrasias dos entrevistados não tenham importância. Tal critério, afirma Adorno, implica numa consciente superficialidade da tipologia. Esse procedimento é paralelo ao realizado num hospício, onde os pacientes são divididos em esquizofrênicos, psicóticos, paranóicos, maniaco-depressivos e assim por diante.

⁵⁹ TAP, vol. 2, pg. 749: “tipos ideais no sentido usual em que tem que ser baseados em ‘misturas’”.

A simplificação da tipologia adorniana tem paralelo também com as diferenciações estilísticas realizadas nos estudos de História da Arte: a diferença da pintura renascentista e barroca, italiana e do norte da Europa, etc. Para que a construção dos tipos não ficasse reduzida às categorias da Psicologia Social e da Psicanálise (por exemplo, observação da fixação na fase oral, anal, genital), o filósofo integra os critérios sociológicos nesses conceitos. Tais critérios referem-se à identificação dos sujeitos com grupos, e seus conseqüentes atitudes, comportamentos, valores e crenças, porque o “material” estudado pelo autor não se encontra no vácuo, e sim no espaço das relações sociais.

A tipologia organiza-se pela diferenciação de síndromes; as hipóteses foram formuladas segundo a teoria psicanalítica, onde as síndromes são entendidas como a concentração de traços ligados aos padrões dinâmicos da psique. A diferenciação em síndromes elaborada por Adorno pretende abarcar da maneira mais “natural” possível o material recolhido para *The Authoritarian Personality*; o filósofo avisa que se deve ter em mente que tal material foi estruturalmente pré-determinado pelas ferramentas de pesquisa, principalmente pelo esquema dos questionários e das entrevistas. As síndromes, porém, são organizadas porque foram encontradas potencialidades; não são escalas de medição. Adorno as compreende como meios, não como fins.

Um fator importante é que existe uma síndrome “geral”, a que divide os “high” dos “low scorers”. Existem traços gerais do potencial fascista que não se dividem por entre as diferentes síndromes: conservadorismo, agressividade, submissão autoritária, sadomasoquismo, que são o esquema geral de referência quando se fala nos “high scorers”. Para o autor, é necessário ter bem claro que a ideologia dos “high” é amplamente alimentada pela realidade objetiva da sociedade atual. O potencial fascista é o resultado do cruzamento de um clima cultural e respostas de estruturas psicológicas a esse clima; a formação do pensamento individual é condicionada por fatores econômicos, políticos e culturais, ou seja, sociais. Em outros termos, Adorno vê uma sociedade potencialmente fascista. Como os “low” também apresentam traços patológicos, tornou-se imperativo a identificação das síndromes encontradas entre eles.

O caráter potencialmente fascista é produto da interação do clima cultural e das respostas psicológicas a esse clima. Os padrões sociais objetivos na sociedade contemporânea são tão centrais que a verdadeira questão é saber como o indivíduo resiste, não como os aceita: por isso a extrema importância de entender os “low scorers”.

Toda a tipologia adorniana pretende ser dinâmica e clara em seus pressupostos, para não cair no erro das “tipologias estáticas dos tipos mistos”⁶⁰. Cada tipo é ilustrado por um perfil de um caso característico, baseado no protocolo das entrevistas de cada uma das pessoas selecionadas para a pesquisa. Para terminar, o filósofo afirma expressamente que a tipologia por ele apresentada em *The Authoritarian Personality* não é fruto da pesquisa feita para o livro somente. Tais resultados são da tradição de pesquisas realizadas pelo Instituto de Frankfurt, publicadas anteriormente ainda que precariamente, em mimeógrafo. Adorno reconhece que no ingrato trabalho de ver a face da Górgona num complicado jogo de espelhos e num reino estranho, foi guiado pelas vozes de Horkheimer, Fromm, Pollock, Neumann e Benjamin.

⁶⁰ TAP, vol. 2, pg. 751: “(...) what is usually done in a haphazard way by the ‘mixed types’ of static typologies”.

3) Theodor Adorno nos EUA

Os textos de Adorno em *The Authoritarian Personality* surgiram num momento particularmente sofrido da vida do filósofo: seu exílio nos EUA, a única alternativa de sobrevivência diante da grande tragédia da era nazista. Seu livro sobre Kierkegaard⁶¹ foi publicado em 30 de janeiro de 1933, o mesmo dia em que Adolf Hitler tomou o poder. Adorno acreditou que os nazistas seriam um fenômeno passageiro, e tentou, de todas as maneiras, permanecer na Alemanha, levando sua vida normalmente. Seu amigo e mestre Walter Benjamin publicou um comentário sobre o trabalho de Adorno num jornal liberal de Berlim a 2 de maio de 1933, dia em que a legislação anti-semita do Terceiro Reich entrou em vigor. Benjamin já estava em Paris, e Horkheimer, por medida de segurança, havia mudado o Instituto para Genebra.

Adorno perdeu seu cargo de professor em Frankfurt, e sua licença para o magistério foi cassada no dia de seu aniversário de 30 anos, por conta do seu sobrenome paterno judeu, Wiesengrund⁶². Mesmo assim, queria permanecer na Alemanha; tentou, sem sucesso, empregar-se como crítico de música em jornais que sucessivamente eram fechados. Pensou em retornar a Viena, cidade onde havia morado, anos antes, estudando com Alban Berg; mas não teve êxito ao pleitear uma vaga como professor⁶³.

Fechadas todas as portas na terra natal, o filósofo se viu obrigado a partir para a Inglaterra, onde se matriculou como estudante da pós-graduação do Merton College, Oxford. Mas retornava freqüentemente à Alemanha, para visitar seus pais e sua noiva, Gretel Karplus.

ADORNO, Theodor: *Kierkegaard: Konstruktion des Aestischen*. Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1971

⁶² A filósofa Hannah Arendt recriminou Adorno por mudar de sobrenome nos EUA. Ao invés de Wiesengrund, Adorno foi persuadido por... para usar o sobrenome materno, de origem italiana, “porque havia muitos sobrenomes judeus no Instituto” (Wiggershaus). Na verdade, o pai de Adorno converteu-se ao cristianismo na época em que o filósofo nasceu; ao contrário de outros integrantes do Instituto, como Fromm e Benjamin, Adorno não se identificava com os judeus em sua juventude. O Holocausto o fará mudar radicalmente de posição, como pudermos ver nos textos de TAP; em *Dialética do Esclarecimento* e *Minima Moralia*, existem inúmeras considerações sobre sua visão do anti-semitismo

⁶³ Susan Buck-Morss, em seu *Origen de la Dialéctica Negativa*, cita uma carta que Adorno escreveu ao amigo Ernst Krenke: “Os acontecimentos da Alemanha (...) a princípio me deixaram mudo e me fizeram retornar totalmente aos meus próprios assuntos (...) me aferrava desesperadamente às possibilidades porque queria ficar na Alemanha a todo custo (...) teria sido perfeitamente capaz de sustentar-me financeiramente na Alemanha, e tampouco teria objeções políticas (...)” (a tradução foi feita a partir da citação do livro de Buck-Morss em espanhol: BUCK-MORSS, Susan: *Origen de la Dialéctica Negativa*. Madri, Siglo Veintiuno, 1981, pgs.275-6). Buck-Morss comenta que tal atitude de Adorno se explica pela sua juventude e desejo de ser reconhecido na pátria natal, mas também assinala que muitos intelectuais, artistas e militantes políticos alemães não avaliaram a gravidade da ascensão do regime nazista em sua plenitude, no momento em que esta se deu.

No outono de 1937, o filósofo recebeu, em Londres, um telegrama de Max Horkheimer, que se encontrava na Universidade de Columbia, Nova York. Horkheimer informava da possibilidade de emigração para os EUA, se Adorno estivesse disposto a colaborar num projeto de estudos radiofônicos. Sem saber muito bem qual seria o seu trabalho, aceitou, apesar de saber que sua especialidade era a Filosofia. Adorno havia tentado, sem sucesso, alguma colocação em Oxford, e estava estudando inglês, de forma auto-didata, durante os três últimos anos. Em junho de 1937, passou algumas semanas em Nova York, a convite de Horkheimer, e conheceu a pátria que o acolheria.

Um ano antes, Adorno havia publicado, na revista do Instituto de Pesquisa Social, uma interpretação sociológica do jazz. Embora sem muitos conhecimentos específicos sobre os EUA, o texto pelo menos apontava um interesse pelo que acontecia no país. Tais conhecimentos, em especial sobre a música, poderiam ser adquiridos sem maiores dificuldades. Esse estudo sobre o jazz estava ligado teoricamente à Psicologia Social, área com a qual Adorno se familiarizou depois, e algumas de suas idéias foram confirmadas por *experts* norte-americanos como Winthrop Sargeant, mas mesmo assim diferenciava-se das concepções ideológicas americanas porque não demonstrava empiricamente suas premissas ou suas conclusões.

Tal objeção Adorno sempre escutaria, no período em que esteve nos EUA: “Where is the evidence?”, perguntavam seus colegas e conhecidos americanos, diante do que o filósofo apresentava. Isso se juntava a uma certa ingenuidade, por parte de Adorno, com relação à situação na nação. Sabia o que era capitalismo monopolista, o que eram os grandes “trusts”, mas desconhecia até que ponto o planejamento e a estandardização racionais existiam nos meios de comunicação de massa. Por exemplo, em relação ao jazz, Adorno ainda não percebia que a “espontaneidade” do ritmo era “fabricada”, organizada, manipulada. Trinta anos depois, quando republicou o ensaio, pôde verificar suas qualidades e defeitos, mas Adorno pensa que conseguiu decodificar certas coisas através de um distanciamento até “brechtiano”.

Em fevereiro de 1938, Adorno mudou-se de Londres para Nova York, e desempenhava metade de suas funções no Instituto e metade no “Princeton Radio Research Project”, dirigindo o “Music Study” deste último. O “Princeton Radio Research Project” era dirigido por Paul F. Lazarsfeld e co-dirigido por Hadley Cantril e Frank Stanton. Como pertencia ao Instituto, Adorno podia se colocar à parte das disputas externas e internas e perseguir objetivos próprios. O problema da dupla atividade foi resolvido mediante uma certa combinação dos trabalhos para os dois campos: os textos teóricos desenvolvidos para o Instituto forneciam

pontos de vista para as experiências do “Radio Research”. Esses textos eram “Sobre o caráter fetichista da música” e o “Ensaio sobre Wagner”, (iniciado em 1937, em Londres), e foram publicados de forma parcial na revista do Insituto, *Zeitschrift für Sozialforschung*.

Adorno, movido por uma sugestão vinda de norte-americanos, escreveu na década de 60 um breve ensaio onde narra o exílio: “Experiências científicas nos Estados Unidos”⁶⁴. A primeira impressão que teve, e que perdurou até o último dia de sua estadia, foi que sua condição de europeu era muito forte: o filósofo conta que não procurou negar tal fato, assim como também não minimiza o choque que sofreu, na condição de emigrado, de sobrevivente do regime de Hitler, frente à cultura norte-americana. Na época, a palavra mais usada com os emigrados era “adjustment”, ou seja, todos deveriam tentar se adaptar ao “american way of life”: diz Adorno que , por natureza e por antecedentes, era incapaz de adaptação em relação a assuntos intelectuais.

Apesar de considerar que o indivíduo se forma no processo de socialização a que está exposto durante toda a sua existência, Adorno preservava a todo custo sua identidade. As relações complexas entre indivíduo e sociedade, marcadas por uma tensão entre a autonomia e adaptação do primeiro frente à segunda, foram reveladas pioneiramente por Sigmund Freud, uma presença importante nas preocupações de Adorno naquele período. Mas, nas discussões intelectuais norte-americanas das décadas de trinta e quarenta, tais considerações inexistiam: “ ‘Adjustment’ era uma palavra mágica, sobretudo para quem fugia da Europa na condição de perseguido”⁶⁵.

Adorno conta que os primeiros trinta e quatro anos de sua vida foram caracterizados por uma orientação especulativa. Sentia que o mais adequado para si próprio era interpretar os fenômenos, não classificá-los; isso era verdade tanto para a Filosofia quanto para a Sociologia, campos que nunca conseguiu discernir, mesmo sabendo que a especialização nas duas áreas “não pode ser revogada por um mero ato de vontade”. Tanto que os seus primeiros ensaios sobre Sociologia da Música (no caso, “Sobre a situação social da música”, de 1932) eram todos orientados teoricamente.

Adorno se contrapunha ao tipo de Sociologia praticada nos EUA, que se preocupava com a constatação empírica das hipóteses teóricas; por outro lado, afirma que chegou ao país livre de nacionalismos ou arrogâncias porque “a problemática do conceito de cultura, entendida esta no sentido tradicional,

⁶⁴ ADORNO, Theodor: “Experiências científicas nos EUA”, in *Palavras e Sinais*, São Paulo, Ática, 1995

sobretudo alemão, próprio das ciências do espírito, havia-se tornado demasiado evidente para mim, para que confiasse por mais tempo em tais noções”⁶⁶. E havia o sentimento fundamental de gratidão, que Adorno sentia por ter sido salvo do genocídio nazista, e por poder trabalhar livremente. Assim, nos EUA, o autor de *Dialética Negativa* se sentia disposto a cumprir com sua parte, mas também decidido a não renunciar a si mesmo.

No período em que Adorno estava indo para os EUA, seu “Ensaio sobre Wagner” foi publicado em sua totalidade em 1952. A distância entre as propostas teóricas dessa obra e as publicações sócio-musicais de caráter empírico era grande. O ensaio apresentava a obra do grande compositor alemão através de análises sociológicas, técnico-musicais e estéticas: as primeiras iluminavam as últimas, que por sua vez deveriam ser vistas em função das primeiras.

Já “Sobre o caráter fetichista” procurava teorizar as observações feitas nos EUA, buscando apresentar um “frame of reference” (“sistema de referência”) para todas as experiências posteriores. Esse ensaio era também uma réplica ao trabalho de Walter Benjamin que havia sido publicado na *Zeitschrift: A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Enquanto Benjamin buscava salvar a Arte e a cultura dos tentáculos do modo de produção capitalista, Adorno ressaltava os efeitos devastadores e definitivos, da indústria cultural.

O “Princeton Radio Research Project” não funcionava em Princeton ou em Nova York, mas em Newark, Nova Jersey, numa cervejaria abandonada. Adorno escreve: “Quando viajei para lá, através do túnel do Hudson, senti-me um pouco como no ‘Naturtheater’ kafkiano de Oklahoma. Sem dúvida, fiquei bastante atraído pela desenvoltura na escolha do local, inimaginável para os costumes acadêmicos europeus”⁶⁷.

As primeiras impressões sobre o “Radio Project” não foram boas. Estimulado por Lazarsfeld, Adorno conversava com todos mas não compreendia muito bem o que se passava. O que conseguiu captar foi que os trabalhos estavam indo na direção de uma coleta de dados. Pela primeira vez, o filósofo participava de uma “pesquisa administrativa” (“administrative research”, termo que Adorno não se recorda ser de sua autoria ou

⁶⁵ ADORNO, Theodor: idem, pg.138

⁶⁶ ADORNO, idem, ibidem

⁶⁷ ADORNO, Theodor: idem, pg. O filósofo faz referência ao romance “América”, de Franz Kafka, onde jovens exilados europeus nos EUA não compreendem nada do que os cerca. No final do livro, um dos personagens, desempregado, tenta uma colocação no Teatro Natural de Oklahoma, onde atores vestidos de anjos e demônios dividem espaço com burocratas em repartições que ninguém sabe para que servem. KAFKA, Franz: América. São Paulo, Livraria Exposição do Livro, s/d

de Lazarsfeld), e se assombrou com a idéia de uma ciência orientada para fins práticos, o que para ele era insólito.

Lazarsfeld apresentou mais tarde a diferença entre a “administrative research” e a investigação social crítica, tal qual era realizada no Instituto, num ensaio que era a introdução do exemplar de “Studies in Philosophy and Social Sciences”, a versão em inglês da revista do Instituto, dedicado aos meios de comunicação. No “Radio Project”, observa Adorno, havia pouco espaço para a pesquisa social crítica.

A Fundação Rockefeller, que financiava o projeto, estipulou que as investigações deveriam se ater ao sistema radiofônico comercial dos EUA. Adorno afirma que não cumpriu tal exigência de maneira exata, porque pressupôs que tal sistema não poderia ser objeto de análise, sem considerar suas bases sócio-econômicas e suas conseqüências culturais. Tal pressuposto não estava baseado numa tentativa de crítica a qualquer preço, que Adorno faria sem se familiarizar com o clima cultural: o problema central estava nos fundamentos metodológicos. No sentido europeu, metodologia significava a crítica ao conhecimento, enquanto que no norte-americano “methodology” queria dizer conjunto de técnicas práticas de investigação.

Adorno havia se decidido a estudar o famoso “outro lado da moeda”, ou seja, as reações dos ouvintes. O filósofo se alegrou e aprendeu muito com uma série de entrevistas, realizadas por iniciativa própria e sua própria orientação, de maneira mais informal e assistemática possível. Desde muito jovem, o filósofo se desagravava com o que chamava de “pensar errático” (“drauflosdenken”), mas, por outro lado, parecia que, segundo a Psicologia da percepção, área que Adorno estava empenhado em constituir, não há mais do que estímulo, que é algo definido qualitativamente, “espiritual e cognoscível em seu conteúdo objetivo”.

Adorno se coloca frontalmente contra a medição das reações dos ouvintes ou espectadores sem colocá-las em relação com os estímulos vivenciados por esses indivíduos, isto é, a objetividade a que os consumidores da indústria cultural se relacionam. O que era axiomático na “social research” do “Radio Project”, ou seja, ter como ponto de partida os modos de reação dos sujeitos, para Adorno se constituía como algo mediato e derivado. Ou, como escreve o autor, colocado em termos mais cautelosos: a investigação deveria esclarecer, em primeiro lugar, até que ponto as reações dos radio-ouvintes não são espontâneas; até que ponto, por trás delas, não estão a força da propaganda e de outros mecanismos, assim como também as

condições objetivas dos meios e do material com o qual esses indivíduos se confrontam, e das estruturas sociais mais amplas, até chegar na sociedade como um todo.

Mas todas essas considerações, que no entender de Adorno vinham do fato simples que sua análise partisse das conotações objetivas da Arte e não das reações quantitativamente mensuráveis dos consumidores, foram de encontro ao positivismo que imperava, praticamente sem discussão, na ciência nos EUA.

Havia outro obstáculo, especificamente musical, que impedia Adorno de passar da teoria para a empiria: a dificuldade de verbalizar o efeito que a música produz nos ouvintes, a vivência da música no interior dos indivíduos. Um pequeno aparelho, chamado “program analyzer”, era utilizado no “Radio Project” para assinalar, por pressão, durante a execução de uma música, o que agradava o ouvinte ou não. O que, para Adorno, era insuficiente diante da gama complexa de aspectos que a música suscita nas pessoas, mesmo sendo aparentemente objetivo.

Era necessário produzir, em larga escala, o que se poderia chamar de “content analyses” (“análises de conteúdo”) das músicas, antes de entrar nos estudos de campo. Adorno se lembra da confusão que sentiu quando seu colega Franz Neumann, autor de *Behemoth*, perguntou-lhe se já havia mandado os questionários do “Music Study”, enquanto o filósofo nem sabia se era possível traduzir em questionários as perguntas que considerava essenciais. Adorno escreve: “Ainda não o sei, ainda não se fizeram os enérgicos esforços necessários. Sem dúvida, e aqui está meu mal-entendido, ninguém me pedia teorias medulares sobre a relação entre música e sociedade; esperavam de mim informações utilizáveis”⁶⁸.

Mudar sucessivamente de rumo por conta dessas necessidades externas fazia o filósofo sentir repulsas. Horkheimer, que lhe dava respaldo durante todas as horas, observava que por seu caráter, Adorno seria incapaz de realizar essas mudanças por si mesmo. Todas essas complicações deviam-se ao fato de que o autor entrou no campo específico da Sociologia da música mais como músico do que como sociólogo. Mas existia um problema sociológico de fundo que o filósofo só se deu conta muito tarde: quando referia-se às atitudes subjetivas frente à música, era defrontado todo tempo com o problema da mediação. Para Adorno, as reações aparentemente primárias e imediatas não eram uma base suficiente para estabelecer um conhecimento sociológico. A análise da motivação (terreno da Sociologia que estuda as reações subjetivas e suas generalizações) proporciona os meios necessários para corrigir essa superficialidade a que incorriam os

⁴⁶ ADORNO, Theodor: idem, pg. 145

participantes do “Radio Project”. Era necessário entender as condições prévias dos modos de reação dos indivíduos, com minuciosos “estudos qualitativos de casos” (“qualitative case studies”) complementares.

Tais propostas, no período em que Adorno esteve exilado, não existiam nos EUA. Mas esses procedimentos também são insuficientes: as motivações têm seu lugar no consciente e no inconsciente dos indivíduos, que por sua vez são influenciados pelo clima cultural e pelas estruturas sociais: “(...) nas opiniões e atitudes subjetivas, manifestam-se também indiretamente objetividades sociais (...) As opiniões e comportamentos dos sujeitos são também sempre algo objetivo (...) nas reações subjetivas cintilam objetividades sociais, inclusive detalhes concretos. Do material subjetivo é possível influir determinantes objetivos”⁶⁹. E mais: as reações subjetivas são mais fáceis de comprovar e quantificar do que as estruturas sociais: quando são estruturas “macro”, não podem ser provadas em absoluto por observações empíricas simples.

As relações indivíduo-sociedade, o tema de todas essas reflexões, não são tão automáticas quanto certos modelos sociológicos supõem, afirma Adorno. O autor concede que a Sociologia está mais bem fundada quanto começa pela averiguação dos dados subjetivos, como as equipes do “Radio Project” faziam quando coletavam dados sobre a reação dos rádio-ouvintes, mas está longe de ser demonstrado que é possível partir das reações e opiniões individuais e chegar à estrutura social: e isso, Adorno reconhece, Durkheim já percebia.

Não é casual, observa o autor, que os representantes de um empirismo rigoroso limitem a formulação das teorias sociais até o ponto de impedir a construção de um modelo global da sociedade e de suas leis. A escolha do sistema de referências, das categorias e dos procedimentos utilizados pelo cientista não é neutra, como quer o pensamento que separa método de realidade: “Quando se parte de uma teoria da sociedade e se concebe os fenômenos supostamente observáveis e comprovados como epifenômenos dela, ou que se acredite possuir nestes a substância da ciência e se concebe a teoria social pura e simplesmente como uma abstração obtida pela via da classificação, isso tem conseqüências internas abrangentes, desde o ponto de vista do conteúdo, para a concepção da sociedade”⁷⁰.

A análise motivacional obtém as reações dos indivíduos que são tiradas de forma mais ou menos arbitrária da totalidade que não opera nos homens apenas no exterior, mas que se encontra há muito

⁴⁷ ADORNO, Theodor: *idem*, pg. 146

interiorizada neles. E existe um estado de coisas fundamental para se empreender investigações sobre a comunicação nas sociedades contemporâneas, principalmente nos EUA: a estandardização, a transformação das criações artísticas em bens de consumo, da pseudo-individualização, e do que, em linguagem filosófica alemã, é chamado de coisificação.

À coisificação, corresponde uma consciência humana coisificada. Adorno explica o que é essa consciência contando uma experiência que teve no período do “Radio Project”. Entre os colaboradores do projeto, estava uma jovem, que depois de alguns dias, se sentindo à vontade com o filósofo, perguntou com amabilidade: “Dr. Adorno, would you mind a personal question?” (“Doutor Adorno, você se incomoda com uma questão pessoal?”). A resposta veio em seguida: “It depends on the question, but just go ahead” (“Depende da questão, mas vá em frente”). E a moça: “Please, tell me: are you an extrovert or introvert?” (“Por favor, me diga: o senhor é extrovertido ou introvertido?”). Foi como se a moça pensasse de acordo com as perguntas dos questionários banais das revistas femininas. O ser subsume-se a si mesmo em categorias rígidas e apriorísticas, o que acontece quando, no mundo todo, milhões de pessoas lêem horóscopos: “Mulher Sagitário, marido Áries”. Adorno vai contra toda a espécie de classificação rígida dos assuntos humanos.

Indo mais além, o filósofo afirma que a consciência coisificada não é de modo algum patrimônio exclusivo da sociedade norte-americana, mas é um produto do desenvolvimento das sociedades capitalistas. O problema é que Adorno percebeu a existência da consciência coisificada pela primeira vez nos EUA, mas ela existe também na Alemanha, na Inglaterra, na França, no Brasil, no Zaire...esse complexo de coisificação era tão grande que falar nesse fenômeno, já muito discutido na filosofia alemã, com os americanos, era um motivo de polêmica infundável. O que irritava Adorno era o círculo vicioso metodológico das normas da Sociologia empírica, que levava à análise da coisificação por métodos coisificados: o aparelho “program analyzer” é um exemplo.

O filósofo concluía, do fato de existir uma exigência de “medir” a cultura, que esta é justamente um estado que exclui a mentalidade que considera ser possível medi-lo, e se rebela contra o princípio, na época pouco criticado, de que “science is measurement”. O mandamento da primazia dos métodos quantitativos, e a visão de que os estudos teóricos qualitativos seriam suplementares precisavam ser combatidos. A tarefa de transpor suas reflexões “in research terms”, equivalia, para Adorno, à descoberta da “quadratura do círculo”.

⁴⁸ ADORNO, Theodor: idem, pg. 147

Todas essas dificuldades enfrentadas pelo pensador não eram apenas subjetivas. Baseavam-se na falta de uma homogeneidade na construção que é a Sociologia, afirma. Não existe igualdade entre as Ciências Humanas, guiadas por teoremas críticos, e as Ciências Naturais, expressão dos procedimentos empíricos. São dois tipos de ciência que têm origens históricas diferentes, e que só podem ser integradas mediante violência. Por outro lado, o autor se cansou das observações sobre a música norte-americana, de redigir teoremas e teses e não ser capaz de escrever questionários e esquemas para entrevistas. Sentia-se desamparado nas atividades que estava desempenhando, e tudo isso produzia, nos seus colaboradores, mais ceticismo que cooperação. Só o pessoal auxiliar da secretaria o atendia com boa vontade; mas, à medida em que se subia na hierarquia científica, mais precária era a situação.

Um de seus assistentes, de ascendência alemã menonita, e que tinha sido jazzista, deveria ajudar o filósofo em suas investigações sobre música leve. Com ele, Adorno aprendeu muito sobre a técnica do jazz, assim como sobre o fenômeno das “song hits”. Só que, ao invés de traduzir as questões do pensador em instrumentos de investigação, o rapaz escreveu um texto de protesto contra a especulação do filósofo. Nessa atitude, Adorno observa um certo ressentimento do seu ajudante contra seu preparo teórico- sobre o qual ele próprio não tinha ilusões- igual ao existente no século XVIII, quando a burguesia alemã via com maus olhos aristocratas franceses emigrados: “Para ele, eu era como uma espécie de falso príncipe, eu que, carente de qualquer tipo de influência, nada tinha a ver com prestígio social”⁷¹.

Adorno cita outro fato que colabora com a tese de que existiam outras dificuldades além das psicológicas, próprias de um indivíduo já formado. Um outro colaborador, qualificado em sua disciplina, perguntou ao filósofo se o jazz tinha maior aceitação no campo ou na cidade, se era ouvido entre os mais jovens ou mais velhos, crentes, agnósticos, entre outras coisas. Adorno respondeu sem nenhuma investigação prévia, apenas com o bom senso, e todas as respostas se confirmaram por pesquisas posteriores. O colaborador, um jovem, atribuiu esse sucesso à intuição “mágica” do pensador alemão, não a qualquer tipo de idéia racional que este pudesse ter a respeito do assunto. Para esse jovem, antes da observação empírica existem preconceitos que põem em risco a objetividade, e ele preferia tomar o autor por bruxo do que desrespeitar o tabu da especulação; esses tabus, escreve Adorno, se alargavam tanto que às vezes impediam

⁴⁹ ADORNO, Theodor: *idem*, pg. 150

seus conhecidos norte-americanos de pensar. Outro colega no “Radio Research Project” considerou as análises adornianas de música leve como “expert opinion”, não como frutos de uma reflexão elaborada.

Era muito difícil, para os norte-americanos, compreender a objetividade específica dos assuntos do espírito, ou seja, exatamente daquilo que Adorno estava acostumado a trabalhar. Todos os assuntos culturais eram reduzidos a meros exemplos de fatos sociais que podem ser quantificados e classificados por uma ciência baseada na experiência. Outra ocorrência desastrosa do autor na pátria do Tio Sam demonstra essa impressão: numa ocasião, Adorno vivenciou algo insólito: foi dar uma palestra sobre audição estrutural para um grupo de ouvintes de rádio. Falou da famosa melodia da primeira parte da “Sinfonia em si menor” de Schubert. Um dos integrantes da reunião, um jovem que chamava a atenção por suas roupas muito coloridas, pediu a palavra e afirmou que a exposição do filósofo tinha sido muito bonita, mas que teria sido mais eficaz se Adorno tivesse usado uma máscara e um traje, se fantasiando de Schubert e feito a exposição como se fosse o próprio...

Nos EUA, o autor logo chegou à conclusão que tudo lembrava os princípios da Sociologia de Max Weber, principalmente a teoria da burocracia. Um dos princípios de Sociologia Cultural que norteavam tal teoria era o desaparecimento progressivo do homem culto, dos humanistas da velha tradição européia. Tal tendência era plenamente desenvolvida na América.

A primeira ajuda real que Adorno recebeu na frustrada experiência do “Radio Research Project” veio de George Simpson, seu assistente. Simpson possuía uma formação teórica muito acurada, e traduzira *A divisão do trabalho social*, de Émile Durkheim, para o inglês. Incentivou o autor a escrever tão incisivamente e sem concessões quanto fosse possível, e contribuiu de todas as formas para que isso ocorresse. Entre 1938 e 40, o filósofo deixou prontos, no “Music Study” do “Princeton Radio Research Project” quatro estudos maiores, todos elaborados com a colaboração de Simpson: “A social critique of radio music”, uma conferência para todos os colaboradores do projeto, “On popular music”, publicado na *Zeitschrift* em inglês, e que era uma fenomenologia social das canções da moda, indo de encontro a uma teoria da standardização e pseudoindividualização, além de dividir precisamente música leve de séria, um estudo sobre a “NBC Music Appreciation Hour”, um programa de rádio que supostamente seria de popularização de música clássica, mas que não realizava seu intento, passando informações distorcidas, e finalmente “The Radio Symphony”, cuja principal tese era de que a música sinfônica, transmitida pelo rádio, é completamente falsificada (Adorno

afirma que, depois do surgimento de técnicas de reprodução musical de alta fidelidade, tal tese deveria ser revista).

Os quatro trabalhos eram resultado do que o filósofo pôde salvar de toda a experiência no “Radio Project”, e ilustram o fato de que Adorno não conseguiu chegar a uma sociologia e a uma psicologia social do rádio, porque não teve êxito na investigação dos ouvintes. O conceito de pseudoindividualização, esboçado em “On popular music”, e essa preocupação com a investigação dos fenômenos sociais através da observação de indivíduos foram as bases para os textos em *The Authoritarian Personality*. Uma convicção do autor ficou mais forte depois de tudo: que as investigações empíricas são legítimas nas Ciências Humanas, mas não se deve tomá-las por chaves-mestras, e mais importante: precisam culminar em conhecimentos teóricos.

Em 1941, Adorno estava fora do “Radio Research”, e se mudou com a esposa, Gretel, para a Califórnia, onde Horkheimer já estava há algum tempo. Os anos seguintes passados em Los Angeles, foram consumidos na redação em conjunto de *Dialektik der Aufklärung*. O livro foi concluído em 44, e em 45 as últimas complementações estavam prontas. Até o outono desse ano, Adorno esteve longe de um contato com a ciência norte-americana. Mas Horkheimer começou a dar prosseguimento aos estudos que o Instituto vinha realizando, desde a Alemanha, sobre os fenômenos do anti-semitismo e do autoritarismo, e o capítulo “Elemente des Antisemitismus” (“Elementos do anti-semitismo”) da *Dialética do Esclarecimento*, ditado pelos dois filósofos, foi determinante para a participação de Adorno nos estudos de *The Authoritarian Personality*.

Dialética do Esclarecimento foi publicado em 47 em alemão, pela editora Querido de Amsterdan, e ficou durante muitos anos (e na ocasião que Adorno escreve suas memórias, ainda permanece) desconhecido nos EUA, o que impediu que não ocorresse um mal-entendido que sempre cercou *The Authoritarian Personality*: os autores não pretendiam explicar o anti-semitismo, e o fascismo em geral, apenas observando a subjetividade. Adorno não pretendeu, em nenhum momento, explicar fenômenos econômicos e políticos a partir da psicologia, e por isso considera crucial afirmar que os “Elementos do anti-semitismo” colocam suas análises em *The Authoritarian Personality* no contexto de uma teoria crítica da sociedade. Escreve: “Por certo que, ao contrário de certa ortodoxia economicista, não nos tornamos ariscos em relação à psicologia, mas sim lhe outorgamos em nosso projeto o valor que lhe correspondia como um momento de explicação. Mas nunca

duvidamos da primazia dos fatores objetivos sobre os psicológicos”⁷². O pressuposto era o oposto: a predominância do sistema sobre o indivíduo é tão decisiva, na sociedade contemporânea, que se tornava urgente observar como as tendências objetivas modelam os indivíduos até em seus momentos mais íntimos. Era necessário tomar cuidado, porém, com a idéia de que esses indivíduos são tão dependentes do sistema que não vivem sem ele: porque, com isso, se torna impossível qualquer possibilidade de transcendência.

Mais uma vez, Adorno remete suas reflexões à Psicanálise de Freud, e cita a introdução de Horkheimer ao volume de 1935 do Instituto, *Autoridade e Família*⁷³, uma pesquisa sobre o modo de vida do proletariado em diversos países europeus. Horkheimer, nesse texto, fala que a “argamassa” que mantém unida a sociedade é justamente o mecanismo que amolda os indivíduos totalmente, para que não se rebelem contra uma realidade que sempre lhes frustra. A psicologia social, portanto, forneceria as mediações subjetivas de um sistema social objetivo, o que faz com que muitas críticas dirigidas a *The Authoritarian Personality* não procedam.

A primeira proposta de pesquisa surgiu de Nevitt Sanford: o estudo poderia ser sobre o fenômeno do pessimismo. Depois de muitas modificações, todos chegaram à conclusão que esse era um dos traços das personalidades autoritárias. Ao contrário do “Radio Research”, esta equipe acolheu Adorno plenamente, e o filósofo escreve que todos são, realmente, os autores. Sanford, Adorno, Frenkel-Brunswick e assistentes passavam horas numa atividade quase lúdica, criando e recriando as escalas, os itens das entrevistas, modificando suas hipóteses. A experiência de *The Authoritarian Personality*, segundo o autor, foi a mais frutífera que vivenciou nos EUA.

A base dos trabalhos, porém, não foi apenas o clima intelectual norte-americano. Além das diretrizes mais gerais terem sido estabelecidas por Horkheimer, a orientação teórica comum era Freud, e o grande problema consistia em não se ater exclusivamente a ele, e não agir como os revisionistas da Psicanálise. Aqui, Adorno reitera claramente que o interesse da investigação era puramente sociológico, o que já trazia um “certo distanciamento” da teoria freudiana. O traço psicanalítico aparecia nos estudos qualitativos, cujo responsável era o filósofo, mas os aspectos quantitativos também eram centrais. Houve bastante discussão sobre esse ponto, principalmente entre Brunswick, que desejava quantificar os resultados das entrevistas clínicas, e Adorno, que considerava que tal procedimento iria fazer com que as vantagens da análise

⁵⁰ ADORNO, Theodor: idem, pg. 160

qualitativa se perdessem. A morte de Brunswick fez com que tal debate permanecesse em aberto. Além do grupo de Berkeley, Adorno teve a oportunidade de trabalhar com a equipe do psicanalista Frederick Hacker e com Frederick Pollock.

A elaboração central de *The Authoritarian Personality*, a confluência de todos os trabalhos da equipe, foi a famosa Escala F, aplicada e modificada inúmeras vezes, não só nos EUA, mas também na Alemanha, depois do regresso do Instituto, em 1950⁷⁴. A Escala F surgiu quando a equipe percebeu que certas afirmações de pessoas conhecidas, manchetes em revistas e jornais e outros comentários cotidianos poderiam revelar traços de autoritarismo; era necessário portanto investigar os índices do potencial fascista através de perguntas indiretas, que estariam ligadas a opiniões mais específicas que permitissem a construção de uma tipologia. Esse método estava profundamente ligado ao psicanalítico, de livre associação, criado por Freud.

Adorno afirma que nenhuma das críticas a *The Authoritarian Personality* pôde afirmar que a obra foi produzida longe do arcabouço da ciência que se praticava nos EUA naquela época. Mas, mesmo assim, todas as construções da obra não tinham nada a ver com o positivismo nas Ciências Humanas. A Escala F continha em si criatividade e profundidade, era produto de uma outra visão do conhecimento; nela, existe uma perfeita combinação entre a abordagem qualitativa e quantitativa. Alguns itens da escala tiveram que ser anulados. Um, proposto pelo filósofo, tinha por pressuposto que as pessoas de caráter autoritário não aceitam arte de vanguarda; não pôde ser incluído porque o acesso à arte estava bloqueado para os sujeitos entrevistados.

The Authoritarian Personality foi preparado com rapidez, e publicado quando Adorno retornava à Europa, em fins de 49 e início de 50. Ninguém teve tempo de rever o manuscrito, e o filósofo não acompanhou o debate posterior. A inovação principal foi retomada por muitos autores ou seja, o exame de teoremas psicanalíticos através de abordagem empírica. O potencial fascista foi estudado para se pensar em como se pode combatê-lo; por isso, foi tão importante analisar como esse caráter se forma. O livro foi encarado pelos autores, segundo Adorno, como uma primeira aproximação do problema, não como um texto definitivo.

Uma crítica forte ao livro partiu de Jahoda e Christie, autores de um dos livros da série “Estudos sobre preconceito”. Esses autores argumentaram que *The Authoritarian Personality* havia caído num erro

⁷⁵ HORKHEIMER, Max: *Autoridade e Família*. Lisboa, Ápáginastantas, 1983

circular: que a teoria pressuposta pelos instrumentos de investigação deveria ser validada por estes. Tal objeção não procede, já que Adorno e seus colegas de Berkeley nunca encararam a teoria como um conjunto de hipóteses, e sim como algo que tem uma vida própria, independente. O erro circular pode ter ocorrido com a Escala F: que as frases não-implícitas precisam ser confirmadas por frases explícitas. Tal erro vinha do fato de que entre 1944 e 45 pessoas de mentalidade fascista, nos EUA, não assumiriam suas posições abertamente. Muitos comentadores também chamaram atenção para o fato de que talvez os instrumentos da investigação fossem adequados só para os indivíduos que atingiam índices altos nas escalas, os “high scorers”, as personalidades autoritárias.

Todos os percalços metodológicos vividos por Adorno nos EUA, e o esforço para superá-los, nos textos de *The Authoritarian Personality*, motivaram sua crítica filosófica do positivismo e de outros aspectos das Ciências Humanas, principalmente da Sociologia, temas pelos quais se ocuparia no regresso a sua pátria. A necessidade de investigação empírica tinha se colocado para o filósofo como algo inquestionável: como fazê-lo, sem cair num conhecimento tradicional, e sem perder a autonomia de um pensamento crítico? Um exemplo, anterior ao de *The Authoritarian Personality*, é o da análise dos discursos de um agitador fascista, Martin Luther Thomas, e “The stars down the earth”, ensaio onde o filósofo examinava dois meses do horóscopo do “Los Angeles Times”.

Nos dois casos, existia o fenômeno da personalidade distorcida: no primeiro, do próprio agitador e de seus seguidores que apresentam extrema suscetibilidade a esse tipo de líder; no outro, como o astrólogo conseguia atingir, através de um discurso vazio e estereotipado, milhões de pessoas que também possuem suas individualidades estandarizadas. Além da abordagem qualitativa, Adorno chegou a calcular a repetição dos truques usados pelo astrólogo durante o período escolhido.

No outono de 1953, o filósofo estava de volta à Alemanha, e não mais retornou aos EUA. Termina seu ensaio auto-biográfico fazendo um balanço de tudo que aprendeu no exílio: que um dos fundamentos da Sociologia é considerar toda situação humana fruto do devir histórico, e que a cultura não pode ser estudada ingenuamente; a absoluta relevância do espírito deixou de existir, para o filósofo. A falta de respeito pelos assuntos espirituais existente na América levava a um espírito crítico. E mais: para o filósofo, que estava se

⁷⁴ O jovem assistente de Adorno, Jürgen Habermas, participou dessa pesquisa que procurou estudar o pensamento político dos estudantes alemães e que foi uma continuação de TAP: HABERMAS, J., FRIEDERBURG, C., OEHLER, C., e WELTZ, F: *Student und Politik*. Berlim, Luchterhand Verlag, 1961

tornando um sociólogo, era interessante observar como a democracia existia de fato no cotidiano de milhões de pessoas. Existia, nos EUA, “um momento de amenidade, benignidade e grandiosidade, que é o extremo oposto da maldade represada e da inveja represada que explodiu na Alemanha entre os anos de 1935 e 45”⁷⁵.

Para Adorno, isso não significa que a sociedade norte-americana esteja livre de uma virada rumo a um poder totalitário, porque esse perigo é intrínseco às sociedades modernas, mas talvez a democracia norte-americana represente maior resistência a isso. E mais além, Adorno retoma a questão do “adjustment”, colocando que é um erro pensar que seja algo horrível a retirada de uma suposta espontaneidade do homem culto europeu. Goethe e Hegel já haviam criticado a idéia de que o processo de formação do indivíduo só se dá de dentro para fora, e esse ponto é retomado pelo autor: “Não nos tornamos homens livres à medida que nos realizamos a nós mesmos como indivíduos- como reza uma formulação horrível- senão na medida em que saímos para fora de nós mesmos, vamos ao encontro dos demais e, em certo sentido, nos entregamos a eles. Somente deste modo nos definimos como indivíduos, não enquanto regamos a nós mesmos como a uma plantinha (...) Uma pessoa que, pela pressão externa ou, inclusive, por interesse egoísta, é induzida à amizade, alcança em definitivo antes uma certa humanidade (...) do que outra, a qual, para ser idêntica consigo mesma- como se esta identidade fosse sempre desejável- faz cara feia e franze o cenho (...)”⁷⁶.

Observar uma sociedade capitalista extremamente desenvolvida como os EUA auxiliou Adorno na sua compreensão que a Sociologia é inseparável da Filosofia, na era contemporânea, e em sua impressão que o velho conceito de cultura alemão envelheceu e perdeu o sentido. Até que ponto as diferenças qualitativas entre os povos e os segmentos da sociedade existem, numa época em que os aeroportos e centros de compras nos cinco continentes são iguais? Mas, por outro lado, também não é evidente que as igualdades sejam decisivas e as diferenças, meros atrasos rumo ao panteão do capitalismo tardio, e não é à toa que o diferente seja arrasado pela ordem da razão instrumental. Tais reflexões complexas não existiriam, segundo o filósofo, sem a experiência norte-americana, e se algum pensamento não esbarra nelas, possui necessariamente um caráter retrógrado.

⁷⁵ ADORNO, Theodor: “Experiências científicas nos EUA”, in *Palavras e Sinais*. São Paulo, Ática, 1995, pg.174

⁷⁶ ADORNO, Theodor: *idem*, pg. 175

E mais: para poder fazer a crítica do senso comum dos EUA, Adorno precisou viver uma experiência quase etnográfica, sentir na pele, viver completamente o que lhe foi oferecido. Porque, diz, o retorno à Alemanha não apagou em nenhum momento a importância do que aprendeu “nos e dos EUA”.

4) Questões e conclusões: Polindo o elmo de Perseu

Adorno, como vimos em *Experiências Científicas nos EUA*, em seu exílio norte-americano debruçou-se sobre problemas cruciais da Teoria Social: a relação entre pesquisa empírica e teórica, a massificação dos produtos culturais, o preconceito, o comportamento político na era do nazifacismo. Mas uma questão em especial nos faz considerar o nó de seus textos em *The Authoritarian Personality*: a necessidade de investigação nas Ciências Sociais, na Sociologia mais especificamente, dos fenômenos englobados pelos conceitos de indivíduo e sociedade.

Depois da malfadada experiência no Radio Research Project e os atritos com Paul Lazarsfeld, Adorno sentiu-se bem com a equipe de Berkeley, e *The Authoritarian Personality* entrou para a história das Ciências Sociais como um sucesso. O próprio Lazarsfeld, numa carta a Horkheimer em 1947, escreveu: “It is, I think, the first time that a solution has been found for combining ideas of your group with the tradition of empirical research...(...)As a result, you win two important points at the same time: the study contributes real factual discoveries and the same time shows the value of theoretical thinking for empirical research”⁷⁷.

Em *The Authoritarian Personality*, os autores esforçaram-se por descobrir como os padrões de pensamento e conduta, adquiridos pelo sujeito no processo de socialização, entrelaçam-se com as mais profundas estruturas psíquicas. A escala F foi o produto mais acabado nesses esforços: provou ser um instrumento eficaz no diagnóstico do autoritarismo, mesmo sendo composta de perguntas indiretas que abordavam “assuntos-pistas”, escolhidos através de uma sucessão de testes entre as hipóteses iniciais. Se algo foi demonstrado por *The Authoritarian Personality*, é que o sujeito autoritário não apenas vota ou segue líderes de direita: é também preconceituoso em relação aos negros ou latinos, é machista, alimenta dentro de si ressentimento contra os vizinhos, os pais, possui uma moral muito rígida....No debate posterior à publicação de *The Authoritarian Personality*, muitos autores acusaram o livro de preconceituoso e parcial, já que não apresentava a síndrome do autoritarismo de esquerda.

⁷⁷ WIGGERSHAUS, Rolf: *The Frankfurt School*. Cambridge, MIT Press, 1995, pg. 410- “Esta é, eu acho, a primeira vez que uma solução foi encontrada para combinar as idéias de seu grupo com a tradição da pesquisa empírica (...) Como resultado, você ganha dois pontos importantes ao mesmo tempo: o estudo contribui com descobertas factuais verdadeiras e simultaneamente mostra o valor do pensamento teórico para a pesquisa empírica”. Lazarsfeld aqui obviamente se refere a Adorno; ele conhecia os estudos empíricos realizados na Alemanha pelo Instituto. Para Lazarsfeld, quem tinha dificuldades em lidar com pesquisa empírica era Adorno.

Em primeiro lugar, em sua tipologia, Adorno inclui tal síndrome: o rigid low scorer; e afirma várias vezes que os “low scorers” também apresentam comportamentos patológicos, além de eventualmente serem levados à síndrome do “maria vai com as outras”. Pode-se discutir alguns dos itens da escala F, mas hoje, depois de vários acontecimentos como ataques violentos e sistemáticos a membros de minorias étnicas e homossexuais no mundo todo, o ressurgimento de organizações de extrema direita, a vitória de um primeiro-ministro nazista na Áustria, as conclusões de *The Authoritarian Personality* nos parecem atuais e acertadas, infelizmente, o que se pode observar até em filmes hollywoodianos.

O sucesso desses “assuntos-pistas” como fatores na medição do potencial anti-democrático se deu pelo fato de que os autores do livro conseguiram “casar” os referenciais teóricos da Psicologia Social, da Psicanálise e das Ciências Sociais em suas hipóteses. No caso específico do caso do trabalho de Adorno, o filósofo empenhou-se na reflexão do problema conceitual da cisão indivíduo-sociedade, tão crucial para a Sociologia, disciplina que estava acabando de abraçar, em vários níveis de análise. Falar desses níveis seria objeto de estudo de uma tese: aqui, destacaremos dois, que nos interessaram mais de perto. Esses níveis não são “camadas geológicas”, sobrepostos, ou com uma hierarquia entre eles, mas sim notas de uma melodia.

Por outro lado, ao longo da leitura dos textos de Adorno em *The Authoritarian Personality*, pode-se perceber a existência de eixos temáticos que, num jogo delicado, aparecem ora implícita ora explicitamente. A função deste último capítulo será demonstrar que os níveis de análise dos textos de Adorno se ligam aos eixos temáticos de maneiras diversas; no nosso caso, iremos examinar as ligações que dizem respeito à questão mais ampla do par de conceitos indivíduo-sociedade. Neste último capítulo, discorreremos sobre os eixos que consideramos mais importantes para uma primeira compreensão das contribuições trazidas por Adorno à Teoria Social em seus esforços, juntamente com a equipe de Berkeley, para identificar o potencial fascista nos EUA.

No “Prefácio” e na “Introdução” de *The Authoritarian Personality*, dois primeiros problemas saltam aos olhos do leitor: os conceitos ideologia e personalidade. Personalidade seria o conjunto de forças dinâmicas e permanentes da psique, moldadas pelo exterior desde o início do processo de socialização; já ideologia, a visão de mundo de um grupo, classe ou indivíduo. Se esse sentido do termo personalidade permanece nos textos de Adorno, ideologia tem outros significados, diversos, para o filósofo. Em sua análise

dos discursos das entrevistas, por exemplo, ideologia também é a fala manipulada e manipuladora com a qual os sujeitos “acobertam” o que gostariam de dizer mas não podem, ou não conseguem, ou não querem.

Isso fica muito claro quando lembramos dos tópicos sobre preconceito nas entrevistas; muitas vezes os entrevistados faziam verdadeiros malabarismos para esconder fatos, sentimentos e idéias dos entrevistadores. Adorno afirma que não foi possível distinguir “high” e “low scorers” quando as questões eram sobre política e economia; a ignorância e a confusão a respeito desses assuntos eram gerais. A ideologia impede os homens de ver; é a “intransparência” que o filósofo diz ser uma das principais conseqüências da nova fase do desenvolvimento capitalista, as lentes que desfocam e embaçam a visão.

Jürgen Habermas, em “The tasks of a critical theory of society”⁷⁸, para fundar as bases de sua teoria da ação comunicativa, reconstrói a trajetória da Teoria Crítica; isso significa, para o autor, recolocar os temas complexos que originariamente se ocupavam os autores da Teoria Crítica, dentre eles Adorno; observar como algumas dessas intenções podem ser tomadas sem certos pressupostos filosóficos a que foram atadas depois de *Dialética do Esclarecimento*⁷⁹ e, por fim, compreender os significados de uma crítica do pensamento numa era pós-positivista.

O projeto inicial de pesquisas do Instituto, para Habermas, contemplava seis temas básicos: as formas de integração social nas sociedades pós-liberais; a socialização familiar e o desenvolvimento do ego; a mídia e a cultura de massas; a psicologia social por trás do comportamento político; a Estética; a crítica do positivismo e da ciência tradicional. Todos esses temas tinham uma linha-chave: a “racionalização como reificação”. Mas antes que Horkheimer e Adorno colocassem esse problema em linguagem filosófica, na *Dialética do Esclarecimento*, ele era o principal objeto de investigação das pesquisas empíricas do Instituto.

Para cada um dos seis temas, existiam intensos debates entre os participantes e colaboradores do Instituto. Por exemplo, a visão do nazismo que Pollock tinha era muito diferente da de Neumann; a junção conceitual capitalismo de Estado- autoritarismo político, nesses dois autores, permite interpretações diversas do que havia ocorrido na Alemanha de Hitler. As várias leituras de Freud também são outro exemplo da

⁷⁸HABERMAS, Jürgen: “The tasks of a critical theory of society”, in *Theory of communicative action*, vol. 2, cap. VII, item 3. Boston, Beacon Press, 1996

⁷⁹ Habermas, em seu capítulo sobre Adorno em *Theory of Communicative Action*, entende *Dialética do Esclarecimento* como o momento da virada da Teoria Crítica: o amplo programa de pesquisas elaborado pelo Instituto nas décadas de 30 e 40 foi substituído por uma Filosofia da História, uma teleologia da formação do mundo burguês. HABERMAS, op.cit, vol. I

riqueza dos debates da primeira fase da Teoria Crítica⁸⁰. As posições de Neumann, Kirckheimer, Fromm, Benjamin não são facilmente reduzidas a um denominador comum.

Depois de *Dialética do Esclarecimento*, porém, para Habermas tudo isso se esvanece, frente ao brilho frágil de uma Filosofia da História que transforma as relações dialéticas entre forças produtivas e relações de produção em proposições falsamente normativas de uma teleologia objetiva da História. *Dialética do Esclarecimento*, para Habermas, é formada de “observações especulativas”⁸¹. Ante o beco sem saída que a crítica da razão instrumental de Adorno e Horkheimer colocaram no caminho da Teoria Crítica, Habermas deseja que sua teoria da ação comunicativa retome os seis temas de pesquisa do período pioneiro do Instituto, e deixa o que chama de “algumas notas promissórias”, encerrando sua obra maior.

Para nós fica a pergunta: *The Authoritarian Personality* seria o último momento dessa primeira fase da Teoria Crítica que Habermas quer resgatar em seu grande edifício teórico? Ou, ao contrário, vinda ao mundo depois de *Dialética do Esclarecimento*, já traz como marca de nascença os sinais da segunda fase da Teoria Crítica, onde Horkheimer e Adorno conduzem o pensamento à aporias múltiplas, esfinges que devoram sem piedade o pensar? A resposta está no que denominamos, no início deste capítulo, como um dos eixos temáticos que constróem os níveis de análise. Esse eixo não está explícito, como ideologia e personalidade, mas perpassa as observações do filósofo, e é o centro dos comentários de Habermas, em *Theory of communicative action*, à Teoria Crítica de Adorno e Horkheimer: a racionalidade.

Em inúmeros momentos de seus textos em *The Authoritarian Personality*, Adorno chama de “racionais” ou “irracionais” atitudes, valores, opiniões dos entrevistados. Quando está explicando o mecanismo de produção do preconceito anti-semita, Adorno escreve que se o anti-semitismo é um sintoma, com uma função “econômica” na psicologia do indivíduo, também é expressão de um conflito interno, doloroso, que força o sujeito, no que diz respeito à certas áreas da vida, a abandonar o princípio de realidade; isso gera “irracionalidade”⁸². Em outro momento, fala da “racionalização” que os indivíduos preconceituosos são obrigados a fazer, para que os sentimentos hostis e “irracionais” que carregam sejam vestidos de uma certa lógica. A esterotipia, uma das bases do pensamento autoritário, também é uma forma falsa de “racionalização”.

⁸⁰ver ROUANET, Sérgio Paulo: *Teoria Crítica e Psicanálise*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1986

⁸¹ HABERMAS, op. cit, vol. 2, pg. 382

⁸² TAP, vol. 2, pg. 627

Quando Adorno inicia suas reflexões sobre a opinião política dos entrevistados, destaca o fato de que muitas vezes o discurso ideológico professado por um indivíduo pode até ser oposto aos seus interesses “racional” (aqui, o filósofo deixa claro que são os interesses econômicos). Dois exemplos disto estão na oposição dos “high scorers” aos sindicatos, mesmo que estes representem suas categorias e lutem por melhoras salariais e a resposta afirmativa deste mesmo grupo à questão que propunha um limite anual para todos os salários no país.

Quando discorre sobre o pseudoconservadorismo, Adorno afirma que os sujeitos autoritários se identificam com os estratos mais elevados da sociedade, mesmo que tenham uma condição humilde. Tal identificação é “irracional”, já que é oposta aos interesses de classe dessas pessoas. Ao invés de reivindicarem melhorias para si próprios, os pseudoconservadores são os cães ferozes dos ricos, defendendo mordomias e privilégios que nunca alcançarão. Já no capítulo que trata das questões religiosas nas entrevistas, Adorno escreve sobre a “racionalização” de certos aspectos do cristianismo que produz idéias anti-semitas; o caráter residual da religião na sociedade contemporânea se explica pelo processo de “racionalização” do mundo perpetrado pelo Iluminismo e subsequente “conquista do espírito científico”⁸³. O autoritarismo, a oposição à democracia, de uma maneira geral, aparece nos textos de Adorno como uma visão política “irracional”, em várias acepções desse termo: política, econômica, psicológica, sociológica.

O que Adorno chama de “racional” e “irracional” nos seus textos em *The Authoritarian Personality*? Ou, em outras palavras, quais são os conceitos de racionalidade que o filósofo está lidando nesses textos? Não temos a pretensão de responder a tal pergunta aqui; apenas iremos indicar dois dos sentidos de racionalidade, usados por Adorno em *The Authoritarian Personality*, para compreender parte da melodia composta pelo filósofo.

É necessário articular os textos de *The Authoritarian Personality* com um grande projeto teórico imediatamente anterior de Horkheimer e Adorno, ou seja, com os fragmentos de *Dialética do Esclarecimento*. Os dois filósofos, morando na Califórnia, ditaram juntos os “Fragmentos Filosóficos”, em meio a estudos intensivos de mitologia e Antropologia, além dos compromissos relativos ao Instituto. *Dialética do Esclarecimento* veio a público primeiramente, sob o título provisório, numa versão mimeografada, produzida pelo próprio Instituto. Em 1947, bastante modificado, o livro foi publicado em Amsterdam.

⁸³ idem, pg. 729

Não é o caso, aqui, de entrar numa discussão sobre uma obra reconhecidamente complexa e fundamental. Basta nos atermos a um ponto crucial para nossas investigações: escritas em alemão, as linhas de *Dialética do Esclarecimento* permaneceram desconhecidas para o público norte-americano até muito depois do surgimento da série “Studies in Prejudice”. Mas um dos excursos do livro é uma chave valiosa de interpretação dos textos de Adorno em *The Authoritarian Personality*: “Elementos do Anti-semitismo: limites do Esclarecimento”.

Logo de início, Adorno e Horkheimer combatem duas visões do anti-semitismo: a fascista, que vê nesse preconceito uma defesa vital contra um grupo étnico-religioso que é a encarnação de todo o mal possível de existir no mundo; e a liberal, que acredita que os judeus são apenas um grupo unido por tradições religiosas, livre de características raciais ou nacionais. Verdadeiras e falsas ao mesmo tempo, as duas visões são a encarnação do grande terror desencadeado por séculos de perseguições e pela destruição sem precedentes do Holocausto. A dominação econômica, disfarçada na ordem burguesa, em relação aos judeus se revela tal qual é: ódio: “Aos trabalhadores, que afinal são os visados, ninguém o diz na cara (e com razão); os negros, é preciso conservá-los em seu lugar; mas, quanto aos judeus, a terra precisa ser purificada deles, e o grito que conclama a exterminá-los encontra eco no coração de todos os fascistas em potencial de todos os países”⁸⁴. Tal afirmação se confirmou nas entrevistas de *The Authoritarian Personality*, como vimos: não foi um entrevistado que afirmou categoricamente ser necessário exterminar os judeus, ou que a política de extermínio de Hitler de uma maneira ou outra se justifica.

O anti-semitismo, politicamente, sempre foi um “nivelamento por baixo”, usado pelos líderes conservadores como apelo ao homem simples que está devendo na mercearia do judeu da sua cidade. Mesmo quando os governos saqueiam os bens judaicos, a população não usufrui disso; é pura e simplesmente manobra de dominação, que tem raízes profundas na psique dos indivíduos: “O comportamento do anti-semita é desencadeado em situações em que os indivíduos obcecados e privados de sua subjetividade se vêem soltos enquanto sujeitos”⁸⁵: mais uma vez, os filósofos antecipam os achados da grande pesquisa coletiva com o grupo de Berkeley; quando lemos tal afirmação, lembramos imediatamente dos entrevistados “high scorers”,

⁸⁴ ADORNO, Theodor, e HORKHEIMER, Max: “Elementos do anti-semitismo: limites do Esclarecimento”, in *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995, pg. 157

⁸⁵ idem, pg. 160

pessoas que foram destituídas de seus desejos mais profundos pelas mais diferentes contingências e que tem no preconceito uma poderosa válvula de escape.

Diferentemente do que em *The Authoritarian Personality*, Adorno e Horkheimer em *Dialética do Esclarecimento* ligam o anti-semitismo com os desdobramentos do desenvolvimento do capitalismo. Enquanto que os donos dos meios de produção, os verdadeiros exploradores, escondem sua exploração sob a capa do progresso, os judeus, que durante séculos trabalharam na esfera da circulação, são apontados como os “usurpadores”, os “agiotas” que enriquecem extorquindo. O judeu é o bode expiatório, tanto para as forças psicológicas quanto para as econômicas. Adorno deixa tal descoberta subentendida em seus textos em *The Authoritarian Personality*, centrando-se mais no primeiro ponto; rapidamente faz menção à explicação econômica, mas afirma não ser esta o ponto central de suas preocupações frente ao material das entrevistas.

Outra antecipação frente aos achados empíricos da pesquisa da Califórnia é que Adorno e Horkheimer conseguem perceber que o anti-semitismo contemporâneo não está mais ligado à religião, porque esta se transformou em um dos bens do patrimônio cultural. Como Adorno afirma em seu capítulo em *The Authoritarian Personality*, nada mais restou do cristianismo, a não ser o ódio contra quem não é cristão.

O aspecto psicológico do anti-semitismo, para Adorno e Horkheimer, se explica pela seguinte frase: “O anti-semitismo baseia-se numa falsa projeção”⁸⁶. E completam: “Segundo a teoria psicanalítica, a projeção patológica consiste substancialmente na transferência para o objeto dos impulsos socialmente condenados do sujeito (...) A projeção patológica é um recurso desesperado do ego(...)”⁸⁷. Mas, na sociedade contemporânea, “A psicologia do anti-semite foi, em grande parte, substituída por um simples ‘sim’ dado ao ticket fascista, ao inventário de slogans da grande indústria militante”⁸⁸. Um dos maiores perigos do fascismo é que as forças psicológicas estão tão fixadas que permitem a identificação automática, inconsciente e duradoura ao “ticket thinking”, às trombetas da propaganda (como os nazistas tão bem o sabiam).

Em *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer criticam implacavelmente a racionalidade filha da Razão das Luzes, burguesa, moderna, científica, que se transformou na administradora do mundo e, ao expurgar o mito, tornou-se ela própria um mito; o fascismo evidenciou isso às últimas conseqüências. Tudo vira cálculo, previsão, igualdade; o sujeito se distancia progressivamente do objeto, mas não consegue

⁸⁶ idem, pg. 174

⁸⁷ idem, pg. 179

⁸⁸ idem, pg. 187

se emancipar; muito pelo contrário, ao imaginar que domina completamente o mundo, apenas se enreda cada vez mais na dominação. Escrevem Adorno e Horkheimer: “Até mesmo aquilo que não se deixa compreender, a indissolubilidade e a irracionalidade, é cercado por teoremas matemáticos (...)”⁸⁹. A racionalidade a que Adorno e Horkheimer se referem aqui, afirma Habermas em *Theory of Communicative Action*, é uma das identificadas por Max Weber (é a racionalidade da adequação dos meios com os fins, desenvolvida no início da modernidade, o “agir racional com respeito a fins”); a racionalidade “empresarial” do capitalismo, que faz com que a produção seja uniforme, rápida e a mesma para molho de tomate, filmes e pessoas.

A estandardização do pensamento, fenômeno que Adorno identifica nos entrevistados de *The Authoritarian Personality*, certamente é produto desta racionalidade que Adorno e Horkheimer atacam em *Dialética do Esclarecimento*. Weber, em seus *Ensaio de Sociologia da Religião*⁹⁰, investiga o surgimento da racionalidade ocidental, moderna, burguesa, capitalista. Pergunta-se porque esta racionalidade não surgiu na Índia, na China, civilizações letradas, com Estados centralizados, alto grau de trocas comerciais e produção artesanal refinada, e religiões e filosofias com teodicéias e cosmogonias complexas.

Para Weber, uma série de fatores fizeram com que a Europa fosse o berço de uma nova racionalidade, que seria o perfeito ajustamento calculado entre os meios e os fins na vida econômica. Juntamente com essa racionalidade econômica, surge também uma nova religiosidade, a ética protestante. Em Weber, nenhum desses dois fatores determina o outro; eles possuem “afinidades eletivas”, e todo o processo não é uma rua de mão única. Essa complexidade, segundo Habermas em *Theory of Communicative Action*, se perde na leitura que Adorno e Horkheimer fazem do processo de racionalização em *Dialética do Esclarecimento*; os dois filósofos se atêm a apenas um dos pontos levantados por Weber. Em muitas passagens dos textos de Adorno em *The Authoritarian Personality*, também observamos o termo “rationality” sendo usado nesse sentido.

Quando Adorno fala em “racionalização”, pensa no termo introduzido no jargão psicanalítico por E. Jones em 1908⁹¹, que define um processo mental muito comum, tanto na psique normal quanto na doente, onde os comportamentos, ações e opiniões são “explicados” racionalmente. Existem dois tipos extremos, e dentre eles uma gama de variações intermediárias: aqueles em que é fácil para o observador (principalmente

⁸⁹ idem, pg. 37

⁹⁰ WEBER, Max: *Ensayos de la Sociologia de la Religión*. Madri, Taurus, s/d, 3 vols

o psicanalista no decorrer de um tratamento) ver a artificialidade da explicação, ou quando a explicação é particularmente sólida, ligada à visão da realidade que a pessoa possui. Laplace e Pontalis dão como exemplo do primeiro caso as racionalizações que encobrem sintomas neuróticos ou sádicos (homossexualismo masculino enrustido se transforma no elogio do sexo masculino, ênfase na idéia de força; os “tough guys” de Adorno ilustram bem tal exemplo; ou comportamentos compulsivos que se escondem atrás de hábitos de higiene).

Apesar de não estar arrolada entre os mecanismos de defesa relacionados pela Psicanálise e Psicologia, a racionalização se relaciona, ainda que indiretamente, com eles. A racionalização disfarça os conflitos defensivos; dá um rosto socialmente aceitável ao que não estamos prontos para lidar abertamente, ou não queremos, ou nem temos consciência.

Alguns casos de racionalização entre os entrevistados de *The Authoritarian Personality* foram fáceis de se distinguir: 5013, “high scorer” em todas as escalas, filho de um massagista, diz que seu pai é “doutor”; F114 explica seu anti-semitismo, mesmo sendo de ascendência judia, dizendo que seu primo, que quis desposá-la e possui origens judaicas mais próximas, “é ainda mais anti-semita”, assim como 5013, estudante de Enfermagem que explica seu preconceito velado contra os negros porque cuidou de uma paciente negra que lhe disse: “todos os problemas dos negros pioraram quando quiseram igualdade com os brancos”.

A presença dos referenciais psicanalíticos nos textos de Adorno em *The Authoritarian Personality* nos obriga, necessariamente, a examinar como certos textos de Freud foram referenciais para o filósofo frankfurtiano, como no caso da polêmica análise freudiana do caso de Daniel Schreber⁹². A última parte do texto de Freud, “On the mechanism of paranoia”, trata da ligação de certas formas de ultrapassagem do complexo de Édipo com homossexualismo latente, delírios de perseguição e outros sintomas, como a projeção (onde a percepção da realidade é suprimida em favor de uma distorção, ou os conflitos internos são projetados para o meio externo).

Partindo da auto-biografia de Schreber, Freud observa que existem fases no desenvolvimento da libido: a primeira fase seria a fixação, a segunda a repressão e a terceira, e a mais importante, seria a irrupção, o “retorno do reprimido”. À parte de toda a discussão que o texto de Freud sobre o caso Schreber suscita nos

⁹¹ a respeito, consultar LAPLANCHE e PONTALIS, *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 1998, verbete “racionalização”, pgs. 423-424

círculos da Psicanálise, Adorno além de utilizar o instrumental freudiano de observação da formação de sintomas, também se baseia no modelo de análise de depoimento escrito.

Além dos textos sobre o complexo de Édipo, os “Tipos libidinais” que Freud apresentou em 1931 foram importantes para Adorno quando da construção de sua tipologia do “homo autoritarius”⁹³. Em “Libidinal types”, a teoria da libido se intercrucza com a visão estrutural da mente humana desenvolvida por Freud ao longo de anos; o predomínio das demandas do id, por exemplo, faz com que a pessoa seja do tipo erótico, cujo principal interesse libidinoso está no amor, e cujo principal medo é justamente perder o amor dos outros. Adorno observa que Freud não se preocupou com questões metodológicas quando da construção de seus tipos; isso ocorre, segundo o autor, porque tais tipos eram apenas desenvolvimentos lógicos da junção de suas teorias elaboradas ao longo dos anos pelo fundador da Psicanálise.

No capítulo XIX, “Tipos e síndromes”, como vimos, Adorno enfrenta alguns percalços metodológicos para o estabelecimento de uma tipologia do *homo autoritarius*. O filósofo estava bem consciente da dificuldade enfrentada por psicólogos, psicanalistas e psiquiatras em aceitar uma “tipologização” de qualquer um dos inúmeros fenômenos da vida psíquica. Tanto que, ao propor uma generalização de traços psicológicos em tipos de pessoas, apóia-se em textos específicos de Freud e na Sociologia, citando Durkheim (e não a proposta metodológica do “tipo ideal” de Weber. Adorno chega a usar o termo para especificar que não é isso que pretende fazer)

Durkheim estabeleceu uma tipologia em sua grande obra de investigação empírica, *O Suicídio*⁹⁴. O suicídio, segundo Durkheim, é o ato que a pessoa conscientemente realiza para provocar a morte. Se é algo tão intimamente relacionado às vontades, desejos, problemas do indivíduo, por que o suicídio interessaria ao sociólogo? Porque é um fenômeno social de dimensões enormes: pode-se construir estatísticas que variam em relação ao sexo, profissão, renda, região, guerras, religião, crises econômicas (como a de 1848) com o número desses atos individuais. O suicídio não varia por causa do clima, da raça, da temperatura, muito menos se pode pensar que seja causado apenas por problemas psicológicos, já que pessoas muito diferentes com problemas muito diferentes a ele recorrem nas mais variadas situações.

⁹² FREUD, Sigmund: “Psychoanalytic notes on an autobiographical account of a case of paranoia (Dementia paranoides)”, in *The Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. Londres, Hogarth Press, 1968, vol. 12

⁹³ FREUD, Sigmund: “Libidinal types”, in vol. XXI, *The complete psychological works*. Londres, Hogarth Press, 1968

⁹⁴ DURKHEIM, Émile: *O Suicídio*. São Paulo, Martins Fontes, 2000

Durkheim estabeleceu que a maneira mais correta de se lidar com o suicídio enquanto problema sociológico era observar as causas que levam as pessoas a se matarem, descobrir padrões de causas e com eles criar tipos sociais. Posteriormente, com cautela, o estudioso pode deduzir características distintivas de cada um dos tipos (Durkheim chama esse método de “invertido”). De uma maneira geral, o suicídio cresce em regiões ou países mais economicamente desenvolvidos; Durkheim explica que o advento da modernidade faz com que as relações de integração política, social, religiosa ao grupo social como um todo ficam mais “frouxas”: num mundo laico, onde cada um precisa competir economicamente com o vizinho do lado, não há abrigo suficiente para que todos enfrentem a vida: “Só a sociedade se encontra em condições de dar ao valor da vida humana um julgamento de conjunto, para o que o indivíduo não é competente”⁹⁵.

Não vamos entrar aqui na discussão dos tipos de suicídio descritos por Durkheim, nem é nosso objetivo nos aprofundar sobre a obra do grande clássico francês. Só temos que perceber se a tipologia construída por Adorno em *The Authoritarian Personality* se aproxima, de uma maneira ou de outra, da metodologia estipulada em *O Suicídio*. Adorno deixa claro que seus tipos só existem porque padrões de comportamento e de idéias foram encontrados no material de entrevistas da pesquisa coletiva; não estavam definidos *a priori*. Os tipos adornianos são, cada um, um conjunto de características marcantes de um grupo de casos; essas características permitiram o desenho de um perfil, que depois foi exemplificado por uma entrevista específica.

Podemos nos perguntar até que ponto Adorno, nesses passos metodológicos, também não se inspira em Weber; a questão é mais profunda e seria um ótimo tema para estudo. Adorno não cita Weber em parte nenhuma de seus textos em *The Authoritarian Personality*; apenas afirma categoricamente que seus tipos não são “ideais”. Observa-se uma semelhança entre o procedimento de Adorno e o estabelecido por Durkheim, já que os tipos de suicídios também são a reunião de causas desses atos. O fato mais importante é que Adorno estava convencido da necessidade, na Sociologia, de generalizações feitas a partir de um método que fosse explicado ao leitor.

Talvez a pergunta de fundo dos textos de Adorno em *The Authoritarian Personality* seja: como estudamos a relação indivíduo- sociedade na era contemporânea? Conhecemos parte dos sentidos do desenvolvimento do capitalismo (as descobertas de *Dialética do Esclarecimento* realmente ressoam ao

⁹⁵ idem, pg. 110

fundo), sabemos que a reificação da consciência foi mais longe do que se podia imaginar. Resta saber como os indivíduos, que deveriam ser os atores da História, não conseguem parar de sustentar uma ordem injusta, perversa, que criou mecanismos de produção da infelicidade. Tal sustentação começa em suas almas marcadas, no dia-a-dia, no cumprimentar de má vontade o vizinho judeu.

Nos anos de seu exílio norte-americano, Adorno escreveu também os fragmentos da *Minima Moralia*⁹⁶, valiosas pistas para a compreensão do pensar adorniano antes e depois desse período. Os temas que vimos até aqui reaparecem nas frases argutas e muitas vezes trágicas: “Todo intelectual na emigração, sem exceção, está prejudicado e faz bem em reconhecê-lo, se não quiser ser cruelmente esclarecido a este respeito por trás das bem trancadas portas de seu respeito por si próprio”⁹⁷.

Os “tough guys”, a dificuldade com a língua inglesa⁹⁸, a paisagem norte-americana, o preconceito, a crítica à Psicanálise são temas dos fragmentos sobre a “vida danificada”. Perpassa o sentimento de espanto, de sofrimento que percebemos em “Experiências Científicas nos EUA”, e a idéia de que o atual desenvolvimento da humanidade desencadeou um horror nunca antes visto ou imaginado, mas que se “neutraliza” para as pessoas e vira o “normal”, o “certo”, o que se vive, no cotidiano. Em muitos momentos os textos de Adorno em *The Authoritarian Personality* se aproximam de *Minima Moralia*, escrita antes, durante e depois da participação do filósofo na pesquisa coletiva. Diante do terror do nazismo e das desventuras do exílio, Adorno escreve sobre sua infância, numa tentativa de descobrir as sementes do mal mesmo nas lembranças doces de sua Alemanha natal.

Adorno discorre sobre o pensamento da era do terror, sobre pesquisa científica e dominação, indivíduo e sociedade, Freud e Kafka. Se pensamos nos textos de *The Authoritarian Personality* como parte do momento do surgimento de *Dialética do Esclarecimento* e *Minima Moralia*, e como fruto das primeiras tentativas do filósofo em abraçar a Sociologia, todas as análises das entrevistas, a construção da tipologia, o pseudoconservadorismo começam a ter um sentido maior, começam a aparecer como tentativas de entendimento do mundo e mesmo de luta não-resignada frente ao que acontece.

Os temas dos textos de Adorno em *The Authoritarian Personality* aparecem nos seus trabalhos posteriores em Sociologia. Seus *Soziologische Schriften* posteriores estão marcados por estes temas; seria

⁹⁶ ADORNO, Theodor: *Minima Moralia*. São Paulo, Ática, 1993

⁹⁷ idem, pg.26, fragmento 13: “Proteção, auxílio e conselho”

⁹⁸ ver nossa “Nota sobre Tradução”

necessário mais um estudo para investigar a relação que os resultados teóricos da grande pesquisa californiana e a trajetória de Adorno sociólogo mantêm entre si.

A palavra final só poderia ser de Adorno, numa avaliação feita ao final de sua vida : “Há algum tempo, fazem de bom grado a nós, representantes do que se convencionou chamar Escola de Frankfurt, a acusação de resignação. Nós tínhamos elaborado elementos para uma teoria crítica da sociedade, mas jamais tínhamos sido capazes de tirar-lhes conseqüências práticas. Não tínhamos proposto nem programas de ação, nem mesmo apoiado as ações daqueles que se sentem estimulados pela teoria crítica... (...) O que foi pensado pode ser abafado, esquecido, dissipado. Mas não pode se ocultar o fato de que alguma coisa sobrevive a isso, porque o pensamento possui um momento de universalidade. O que foi bem pensado será necessariamente pensado em outro lugar e por alguém outro: esta certeza acompanha o pensamento mais solitário e impotente”⁹⁹.

⁹⁹ citado por JIMENEZ, Marc: *Para ler Adorno*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1977, pg. 23

5-a)Nota sobre tradução

Theodor Adorno escreveu seus textos de *The Authoritarian Personality* diretamente em inglês, e contou com a revisão de alguns dos colaboradores norte-americanos da grande pesquisa. Não existe tradução deste livro para o português, e no decorrer dos trabalhos que originaram esta dissertação de mestrado, julgou-se necessário prestar alguns esclarecimentos.

Na medida do possível, preferiu-se conservar expressões, palavras, citações e o próprio título do livro em inglês, para conservar o sentido original. Nas traduções presentes nas notas de rodapé, foram utilizados dicionários de amplo uso no Brasil.

Acredito que uma tradução da obra para o português é urgentemente necessária, ao menos dos textos de Adorno. Seria preciso a colaboração de vários profissionais, reunidos num esforço que agora ultrapassa as minhas limitações e a própria razão de ser das pesquisas realizadas por mim até agora.

5-b) Lista dos entrevistados citados por Adorno

Mostrou-se necessário um mapeamento de um elemento fundamental na elaboração do “procedimento suplementar” de Adorno, em seus textos em *The Authoritarian Personality: uma lista dos entrevistados citados pelo filósofo, sua descrição e a página onde se encontra a citação, na primeira edição da obra*. Esses casos foram escolhidos pelo autor por serem os mais representativos das idéias que pretendia construir e demonstrar.

O procedimento para o recolhimento dos dados para o livro foi o seguinte: foram escolhidos dois tipos básicos de grupos para responder os questionários; o primeiro, inicial, dos estudantes universitários, que se revelou ideal porque é facilmente localizável, está acostumado a testes e possui um nível de educação alto o suficiente para compreender os temas abordados, além de possuírem papéis de liderança em suas comunidades; o segundo, uma quantidade determinada tirada das 2099 pessoas que responderam os questionários iniciais; foram escolhidas 25% das que haviam alcançado os maiores e 25% as que obtiveram os menores “quartis” na escala E, que se revelou a melhor medição inicial de tendências anti-democráticas. O número de “high scores” foi aproximadamente igual ao de “low scores”. Foi feito um esforço para que não apenas “típicos” “low” e “high scores”, ou seja, sujeitos com índices baixos ou altos em PEC e F, mas que obtiveram índices mistos, fossem entrevistados.

Dos vários grupos onde foram ministrados os questionários, alguns se destacaram pelo grande número de entrevistados que forneceram: por exemplo, o Grupo de Prisioneiros de San Quentin, os grupos de extensão universitária, os *marines* alunos da Escola Alameda da Marinha Mercante, as mulheres e seus sindicatos (professoras da rede pública, assistentes sociais, enfermeiras), veteranos de guerra.

Cerca de 100 pessoas foram entrevistadas, mas algumas entrevistas tiveram que ser descartadas por não estarem transcritas de maneira completa. No final, foram utilizadas 80 entrevistas, 40 de homens e 40 de mulheres. Adorno utiliza algumas entrevistas que foram descartadas para os passos metodológicos finais, justamente porque seu objetivo não era a quantificação dos resultados.

5051: “high scorer”, um dos poucos líderes dos escoteiros, com fortes, apesar de inconscientes, tendências fascistas; pgs. 609 e 624

M1225a: do grupo da Escola Marítima, “medium scorer”, cuja entrevista apresenta fortes traços de anti-semitismo “manipulador”; pg. 610

5023: “high scorer”, mexicano de nascimento, descrito como “psiconeurótico com estado de ansiedade”; pg. 611

5068: de uma segunda geração de família italiana, descreve-se orgulhosamente como “italo-americano”; preconceituoso; pg. 611

5052: “entertainer”, homem anti-semita, de ascendência negro-hispânica, com fortes tendências homossexuais, “high” em F e PEC; pg. 612, 660

sem número: turco cuja entrevista não foi avaliada por causa de sua inteligência abaixo do normal. Depois de citar vários slogans anti-semitas, revelou que era judeu; pg. 612

5054: mulher de meia-idade, com índices elevados em todas as escalas; pg. 613

5061a: mulher escolhida como exemplo por ser um caso misto, tendo atingido índices médio-altos em E, e baixos em F e PEC, tida pelo entrevistador como altamente etnocêntrica; pg. 613

5018: ex-marine de 32 anos, “high” em todas as escalas, de quem o entrevistado ficou com a suspeita de ser “de alguma forma paranóico”; pg. 614

6070: mulher de 40 anos de idade, médio-alta em E, particularmente veemente em seus dizeres anti-semitas; pg. 615

5004: mulher de 26 anos, “high” em F e médio-alta em E e PEC; pg. 615

M732c: do grupo dos veteranos de guerra, “high” em todas as escalas; pg. 615

F359: mulher de 48 anos, contadora de um departamento do governo, e de acordo com o entrevistador, culta e muito bem-educada, atingiu “high quartile” em E mas índices baixos em F e PEC; pg. 616, 690, 725

105: “prelaw student”; pg. 620

5047: atingiu índices baixos em E e altos em F e PEC; pg. 620

F116: médio índice em E, mas anti-semita ao extremo; pg. 621

5039: estudante de 27 anos da Universidade da Califórnia, veterano de guerra, “high” em E, descrito pelo entrevistador como uma pessoa altamente egocêntrica; pgs. 622 e 634

5007: “high” em todas as escalas; pg. 624

M1229m: do grupo da Escola da Marinha, “high”, anti-semita; pg. 624

5003: este roteirista de rádio é descrito como “ligeiramente anti-semita” e “altamente neurótico”; pg. 625 e 711

F109: uma “high” de ascendência escocesa, irlandesa e inglesa, mas que diz não se identificar com nenhum desses grupos, apresentando forte preconceito contra negros e judeus, e que segue uma linha geral dos indivíduos preconceituosos: considerar a religião uma espécie de higiene mental; pg. 625, 734

5013: estudante de enfermagem, “high scorer”, preconceituosa; pg. 626

F340a: uma “high” em F e PEC e médio índice em E; pg. 626

5056: dona de casa de 29 anos, “high” em todas as escalas; pg. 618

M1230a: médio “scorer” do grupo da Escola da Marinha; pg. 629

5005: uma estudante, “high” em E e F, “low” em PEC; pg. 629

M107: Adorno refere-se a este entrevistado como o jovem homem que marcou em suas tabelas respostas que valiam 3 e -3, anulando-se alternadamente, mas que mesmo assim atingiu índice alto em E e médios em F e PEC; estudante de Medicina; pg. 630, 725

5064: outro dos líderes dos Escoteiros de Los Angeles, açougueiro, “high” em E e F e com índices comparativamente mais baixos em PEC, este rapaz exalta a vida no campo e o atletismo, provavelmente com base numa homossexualidade latente; pgs. 630-1, 732

5044: outro líder escoteiro de Los Angeles, 55 anos, austríaco de nascimento, mas defensor ferrenho do “american way of life”, “high” em todas as escalas; pg. 631

M359: gerente departamental de uma companhia de artigos de couro, “high” em E e PEC mas “low” em F; pg. 631

5012: oficial da marinha em início de carreira, de 21 anos, “high” em todas as escalas; pg.631

F103: mulher “high”, estudante que rumou do Serviço Social para as Artes Decorativas; pg. 632, 731

M104: estudante de Engenharia que foi para o Direito, “high”; pg. 635

F105: “high scorer” em todas as escalas, paraplégica por causa de uma paralisia infantil em sua primeira infância; pg.635

5006:estudante de Odontologia, “high” em todas as escalas, daltônico e de acordo com o entrevistador, sofrendo de impotência sexual psicogênica, causada por um grave complexo de Édipo; pg.636

F114: “high” em todas as escalas; enfermeira, e apesar de parte de sua ascendência ser judia, anti-semita; pg. 639

5055: homem de 73 anos, “low” em todas as escalas, com um ideário liberal; pg.639

5028: decorador de interiores “de alguma forma neurótico”, com 20 anos, “low scorer”; pg.640, 739

M105: “high”; pg.640

5036: músico de jazz, no momento da entrevista desempregado e no programa de auxílio do governo, “high” em E e F e com índices mais baixos em PEC; pg.640

5067: mulher de aspecto maternal, aparentando ter mais do que seus 48 anos, “high” em E e PEC; pg. 641

F118: enfermeira da rede pública de saúde, com índice médio em A-S e alto em PEC, E e F, com uma história pessoal peculiar de anti-semitismo; pg. 642

M102: “high” em todas as escalas; pg. 643

F113: jovem “high” em E mas com índices mais baixos em F e PEC, descrita como atraente e um pouco neurótica, que possui tanto o nome quanto o sobrenome de origem judia, e que queria mudá-los por conta de seu anti-semitismo explícito; pg.643

M910: estudante se preparando para ser pastor, “low” em todas as escalas, com fortes inclinações intelectuais; pg.644-5, 724

M203: professor, chefe do departamento de Inglês de uma escola colegial, “low” em todas as escalas, adepto de um pensamento positivista; pg.645, 721, 738, 739

5030: homem de 33 anos, graduado em Stanford, e que serviu na Marinha durante 4 anos, tendo se tornado tenente-comandante, julgado pelo entrevistador como um indivíduo bem-sucedido e inteligente; pg.646-648

5046: secretária executiva de uma indústria cinematográfica, no final dos 30 anos, engajada no movimento sindicalista, “low” em todas as escalas; pg.646

M113: caso de “low scorer” religioso, com tendências “higher” em F e PEC; pg.647

M320: um “low scorer” em todas as escalas, estudante de paisagismo; pg.647

F129: com baixos índices em todas as escalas, esta moça, muito sensível, chorava quando assuntos como racismo e violência eram colocados em pauta; pg.647

F126: “low” em E e PEC, mas com tendências um pouco altas em F, moça jovem, bonita, articulada e descrita pelo entrevistador como sendo dona de um charme bastante marcante, estudante de jornalismo querendo se dedicar à Literatura; pg.648, 735

M202: engenheiro civil de 35 anos, com o índice mais baixo possível em E mas índices desviantes do padrão “low” em PEC e F, descrito pelo entrevistador como “conservador mas não fascista”; pg.649, 707, 740

M310: gerente assistente de uma agência de publicidade, “low” em todas as escalas; pg.649, 740

M112: calouro universitário de 18 anos quieto, reservado, “low” em todas as escalas; pg.649 e 695

5041: atingiu índices baixos em todas as escalas; esta dona-de-casa de 59 anos estudou para ser pianista profissional; pg.650

M1206a: o entrevistado que Adorno denomina “easy-going low scorer”, do grupo da Escola da Marinha, pessoa altamente introspectiva que apresenta grande inibição frente à possível rejeição de um grupo ou de uma pessoa; pg.650, 725

F125: “low” em E e F, mas “high” em PEC, estudante que quer se tornar professora de teatro e que considera os filmes “muito estereotipados”; pg.650

M115: homem considerado como um típico membro conservador de uma fraternidade, atingiu índices muito baixos em F, médios em E e altos em PEC; pg. 650, 714, 725

F128: garota de 17 anos, estudante de Serviço Social, interessada no trabalho com crianças, “low” em F e PEC mas com tendências mais altas em E; pgs.650-1

5050: apresentador de notícias no rádio, com filiações políticas progressivas, “low” em todas as escalas;pg.651

5008: “low” em E, com índices médios em F e altos em PEC, mulher de meia-idade que trabalhou como “ghost-writer”, depois como agente literária e na época da entrevista, como secretária num “show” de rádio; pg.652

5058: “low” em todas as escalas, veterano de guerra de 29 anos, da classe média alta, e que se identifica com os “liberais” e os “intelectuais”; pg. 651, 739

M106: “high” em E, F e PEC, mas que se vê como um “democrático”; pg.653

5019: jovem trabalhador de 20 anos, “high”, caracterizado pela sua aceitação cega e autoritária de sua condição de vida humilde; pg.653

M117: “low scorer”, do grupo de Extensão da Universidade; marinheiro com pouca escolaridade e segundo o entrevistador, muito “teimoso”; se diz “socialista científico”; pg.659,669 e 701

M732c: veterano de guerra, com o ensino superior completo; pg.660

M621A: prisioneiro de San Quentin, que atingiu índices baixos em E e PEC e médios em F, e que considera a Rússia o perigo mais terrível que possa existir; pg.660

F121: “high scorer”, sempre teve dificuldades na escola, o que lhe rendeu pouco preparo intelectual; pg. 660

5016: dona de casa, com estudos superiores completos, “high” em F e E e “middle” em E, descrita pelo entrevistador como dona de uma inteligência média; pg. 660

5035: “low scorer”; antes de se tornar uma prostituta, era estudante na Universidade da Califórnia, muito interessada na atividade dos sindicatos por conta da perda de seu emprego como professora de dança; pg. 661

F128: estudante de Assistência Social de 17 anos, “middle” em E e F e “high” em PEC; pg. 661

F517: caloura de 20 anos de idade, estudante de música, “low scorer”, pg. 661

M359: do grupo de extensão universitária, gerente departamental de uma companhia de artigos de couro, “high” em E e PEC e “middle” em F; pg. 666, 668 e 694

M1225a: “medium scorer”, marinheiro que passou 18 meses no mar e está interessado em engenharia, exemplo de como os estereótipos turvam a visão política do indivíduo e estão relacionados à ignorância; pg. 667

F139: pertence ao tipo caracterizado no cap. XIX como “rigid low”, dona de um profundo ódio pelo álcool, o que demonstra tendências fortes ao alcoolismo; Adorno escreve que, para essa mulher, “seus judeus são os licores”; pg.668, 772, 773

M116: “low scorer”, mas apesar disso, tem opiniões sobre política muito parecidas com as do “high” M102, conservador, conformista; pg. 669, 717

M102: “high scorer”; possui opiniões políticas muito próximas às do “low scorer” M116; pg. 669

F114: “high”; pg. 670

F117: “high”, atingiu o índice máximo em A-S, extremamente conservadora; pg. 670

F116: mulher preconceituosa do grupo de extensão universitária, exemplo de como a “ideologia superficial” e o pensamento real da pessoa podem estar completamente em oposição, o que pode ser percebido pelo padrão desviante de seus índices: “middle” em E e F e “low” em PEC, pg. 672

M320: “low scorer”, descrito como tímido, hesitante e pacífico; pg. 673

M118: “medium scorer”, membro registrado do Partido Democrata, “middle” em A-S, “low” em F e “low-middle” em E, pg. 674, 734

M934: canadense, “medium scorer”, está estudando para ser um pastor; pg. 674 e 701

M109: “high”, “parole officer” semi-fascista, católico praticante; pg. 676, 679, 712, 729

M651a: “high”, prisioneiro em San Quentin, condenado por assassinato em primeiro grau a prisão perpétua, exemplo de como o pseudo-democratismo pode ser um aspecto do pseudoconservadorismo; pg. 678 e 713

F105: dona de casa frustrada e infeliz de 35 anos, com traços paranóicos fortes, “high scorer”; pg. 678-9

M661A: violentamente anti-semita, este preso de San Quentin foi condenado por roubo, e é descrito como o entediado decadente “que já viu tudo na vida”, tendo uma ideologia pretensamente aristocrática; pg. 679 e 680

M105: “prelaw student” “high” em todas as escalas, violentamente anti-semita; pg. 680, 696-7, 717

M108: estudante de toxicologia de insetos, fortemente fascista, tomado como exemplo do tipo “manipulador” no capítulo das síndromes; pg. 680, 688, 723, 768 a 771

M106: estudante universitário, “high” em todas as escalas; pg. 681

F133: mulher “low” em E mas “high” em F, jovem estudante de Matemática, que se auto-denomina “conservadora”; pg. 681

F5008: “low” em E, “middle” em F e “high” em PEC, descendente direta de Thomas Jefferson, não-preconceituosa; o Teste de Percepção Temática mostrou traços de um otimismo algo neurótico, que pode ser ou não produto de reação-formação; pg. 684 (citada na pg. 725 como 5008)

5006: “high” extremo em todas as escalas, um dos poucos entrevistados que admitiu abertamente ter vontade de “matar todos os judeus” (sua entrevista está no Cap. XVI, pg. 636); neto de um dentista, mas seu pai não conseguiu se formar; deseja ardentemente recuperar o *status* do avô; pg. 685

5013: “high” em todas as escalas; seu caso é parecido com o de 5006, já que descreve seu pai como médico, quando na verdade ele é um massagista, hábito muito comum entre esses profissionais; pg. 685

M1222h: acredita que os democratas estão virando comunistas e que a América está se tornando democrática muito rapidamente; pg. 687

M208: “middle” em E e F e “high” em PEC; pg. 687

M656: “high” do grupo de presidiários de San Quentin, condenado por falsificação e estelionato; pg. 687

M664c: cumprindo pena de um ano em San Quentin por falsificação e check writing, atingiu altos índices em todas as escalas; pg. 689 (o mesmo que M664C, citado na pg. 737)

F101: “high” em todas as escalas, jovem estudante universitária frustrada e infeliz; pg. 690

M1233h: da Escola Marítima, “middle scorer” em E e PEC, “high” em F; pg. 690 a 691

F117: mulher de 37 anos, casada, empregada no Departamento de Saúde Pública, “high” em todas as escalas; pg. 691

M104: “high”, homem jovem de um dos grupos de extensão universitária; pg. 691

M711: “low scorer” extremo, com muitas das características deste grupo, como suavidade, doçura, gentileza e indecisão, do grupo de funcionários veteranos do serviço de emprego do governo, identifica o poder dos sindicatos com tendências fascistas, caracterizado como “easy going low scorer”; pg. 692, 698, 705, 712, 716, 718, 740, 741, 779 a 781

M102: estudante, que foi para a universidade para não ser “um mero electricista”, “high” em todas as escalas; pg. 692

M106: “high scorer”, conseguiu subir na escala social; pg. 693

Mack: um dos dois rapazes que, no vol. 1 de TAP, foram caracterizados como típicos “high” e “low” scorers; no caso, Mack é o “high”; pg. 694

M1230a: jovem que quer estudar engenharia, atingiu índice alto em E mas baixo em F e PEC; pg. 694

F120: “high scorer”; pg. 694

M1214b: “medium scorer” da Escola Marítima, este sujeito é anti-político e tradicionalista; pg. 694

M345: “high scorer” em E e PEC mas “low” em F, do UETC; pg. 696

F340B: secretária executiva, do ETC, “middle” em E, “low” em F e “high” em PEC, cuja personalidade como um todo e suas opiniões estão mais próximas do perfil de “high scorer” do que seus índices nos questionários levam a crer; pg. 697, 705, 718

M662A: presidiário de San Quentin, cujo perfil é o da síndrome do “psicopata” apresentada no cap. XIX, “high” em todas as escalas; pg. 697, 718, 764 a 767

M619: “low scorer” do grupo de San Quentin, descrito pelo entrevistador como “um fatalista resignado”; pg. 698

M628B: “medium scoring”, preso de San Quentin por assassinato, descrito pelo entrevistador como “um homem que não tem mais nada a perder na vida”; pg. 698

M644C: “high scorer” ao extremo, preso de San Quentin por falsificação de cheques; pg. 699 e 715

M658: “high scorer” com traços paranóicos que odeia o desemprego e os japoneses e deseja a extinção dos sindicatos; preso de San Quentin, identificado como “Eugene, o cara durão”, exemplo do “psicopata”; pg. 699, 710, 716, 764 a 767

F359: “high scorer” que combina um discurso convencional com idéias paranóicas sobre os negros; pg. 699

M1230A: “high scorer” da Escola Marítima; pg. 701

F104: “high” que demarca rigidamente a diferença entre seu partido político, o Republicano, dos adversários democratas, e afirma que nunca conheceu pessoas que não fossem religiosas; pg. 701, 731

M310: membro de um dos grupos de extensão universitária, liberal e progressista; pg. 704, 720

M112: “low scorer”, calouro universitário; pg. 704

M620: “low scorer”, com idéias claras a respeito das conseqüências negativas do uso da maquinaria para o trabalho humano; pg. 704, 705

M628B: “low scorer” do grupo de presidiários de San Quentin, condenado por assassinato; pg. 706

M619: “low scorer” em E e F e “high” em PEC, preso de San Quentin, preso por crimes sexuais, caracterizado pelos psiquiatras como um “caso simples de esquizofrenia”; pg. 706, 722

M621A: presidiário de San Quentin, cumprindo pena por roubo; “low” em E e F e “high” em PEC; pg. 706, 715, 716, 720

M627: outro preso de San Quentin, “low” em E e PEC mas “high” em F, alcoólatra psicopata, preso por abuso sexual de menores; pgs. 706, 707, 716, 719

M656A: “high scorer” do grupo de San Quentin, preso por assassinato em segundo grau; pg. 707 e 716 (na pg. 737, é citado como o preso por falsificação identificado como “Robert” no cap. XXI)

F316A: jovem de 22 anos, “low scorer” que desenvolveu um discurso violento contra os sindicatos a partir de sua experiência de trabalho como química numa companhia de desenvolvimento de produtos do petróleo; pg. 708

M352: chefe de uma equipe de transportes que aumenta sua importância na firma onde trabalha, “high” em todas as escalas, exemplo da “síndrome autoritária”; pg. 709,

5031 e 5032: homem e mulher; casal que goza de um “status” sócio-econômico bastante elevado; os dois são “high” em PEC, “low” em F e “low-middle” em E; pg. 710, 716, 719

F5043: “high scorer” ao extremo, dona de casa de meia-idade, pertencente ao grupo de fascistas em potencial que sempre acham que “está tudo uma confusão”; pg.711 (a mesma que 5043, “high” em todas as escalas e que “sempre tem que discutir com os judeus da vizinhança”, dona de um ressentimento gigantesco porque desceu na escala social; para Adorno, exemplo da “síndrome do ressentimento superficial”, pgs. 754 a 756

5001: citado juntamente com 5003; pg. 711

F340A: jovem caixa de banco, “middle” em E mas “high” em F e PEC; pg. 712

M102: “low scorer” do grupo de Psiquiatria Clínica da Universidade da Califórnia; paciente que sofre de neurose ansiosa, chama a si próprio de “socialista” e acha que apesar de conservador o New Deal foi necessário; pg. 712

M664b: “cara durão” de San Quentin; pg. 713

M118: “low scorer” do grupo de extensão universitária; pg. 712

M345: engenheiro que atingiu índices médios em E, baixos em F e altos em PEC; pg. 717, 724

F515: “liberal genuína”, estudante de 21 anos que encantou os entrevistados com suas respostas francas, diretas e bem-humoradas; alegre, um exemplo de pessoa feliz e ativa, cujo caso em específico é discutido no cap. XIX; pg.719, 782, 783

5009: diretor de uma escola numa pequena cidade da Califórnia, 32 anos, “high” em todas as escalas; pg. 719

M713A: jovem veterano de guerra, estudante de paisagismo, “low” em todas as escalas; pg. 721

F111: “high” em E, “middle” em F e “low” em PEC, esta jovem quer ser diplomata porque “está brava com a Inglaterra e a Rússia”; pg. 723

M664B: “high scorer” do grupo de San Quentin, indivíduo que não recebeu nenhum tipo de educação, sofrendo de extrema ignorância; preso por crimes sexuais, “high” em todas as escalas; pg. 724

F106: “high scorer” do PSC, jovem professora; pg. 724

F5054: “high” em E; pg. 730

5057: “high scorer” em todas as escalas, soldador de 30 anos, descrito pelo entrevistador como uma pessoa charmosa, que reconhece os judeus pelos seus cabelos esquisitos e narizes e lábios grossos, que acredita na autoridade da igreja mas não na existência de uma ligação pessoal com Deus; pg. 731, 756 a 758

F201: altamente preconceituosa, esta mulher é franca ao dizer que a sociedade ideal é a mais estável possível, com as diferenças de classe altamente marcadas; pg. 733

M629: “medium scorer”, cumprindo prisão perpétua em San Quentin; pg. 735

5059: “high scorer” moderada que rejeita o ateísmo porque os “funerais ateus são muito frios”; pg.735

5009: batista devoto; pg. 736

5002: diz ser cristão e acreditar nas crenças religiosas, mas não acredita que uma volta ao antigo sistema seja válida; pg. 736

M627: preso em San Quentin por estupro, cumprindo prisão perpétua; pg. 737

M651: preso em San Quentin por assassinato, diz acreditar em Astrologia porque não acredita em Deus; pg. 738, 739

F132: “low scorer”, jovem que foi para a Índia onde seus pais eram missionários, e que pensa nos termos cristãos da igualdade e tolerância, mas que diz não gostar de Gandhi “por ele ser um radical”; pg. 742, 743

F127: jovem estudante universitária extremamente bonita, exemplo de estudante (boa aluna, chefe de torcida), exemplo de “protesting low scorer”; pg. 774 a 776

F205: exemplo de “low scorer impulsivo”, estudante universitária que sofre de tendências esquizóides e cujo fraco ego pode empurrá-la para uma psicose; de acordo com os dados, esta moça é homossexual, severamente reprimida por causa de sua sexualidade, que responde a tal tensão sendo promíscua com os homens; pgs. 777, 778

5-c)Glossário

Quando se trata de qualquer estudo do pensamento de Theodor Adorno, um fato deve ficar muito claro: não existe na obra do filósofo alemão a cristalização de nenhum conceito. Este pequeno glossário não deseja, em hipótese nenhuma, transformar as palavras do autor em pedras de gelo para consumo; apenas traz alguns dos termos mais utilizados por Adorno em seus textos em *The Authoritarian Personality*, sua tradução para o português e algumas indicações de páginas onde se encontram referências aos termos.

1) “A-S scale”: escala A-S, relacionada com as perguntas do questionário sobre Anti-semitismo. Como vimos, esse objeto de estudo inicial de TAP foi redirecionado, visto que o ódio contra os judeus nasce de uma dinâmica maior do que esse preconceito em si. O mesmo mecanismo que faz brotar a raiva contra os semitas também o faz contra os negros, os hispânicos, os orientais, o Outro enfim; TAP, vol.1, cap. III

2) “authoritarian syndrome”: “síndrome autoritária”. Tipo que para Adorno mais se aproxima de um retrato geral dos “high scorers”, e que segue o padrão clássico descrito pela Psicanálise da resolução sadomasoquista do complexo de Édipo. Adorno retoma as pesquisas anteriores do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, de Fromm e Horkheimer, sobre o caráter sadomasoquista e a repressão social externa paralela à repressão interna para explicar porque certas pessoas encontram enorme satisfação na obediência e subordinação. Para o filósofo, na sociedade contemporânea tendências tanto sádicas quanto masoquistas encontram gratificações; sendo que o amor pela mãe se tornou um tabu severo, o ódio resultante ao pai se transforma numa formação de reação a qualquer tipo de amor. O ódio ao pai é potencializado centenas de vezes e se transforma no ódio ao Outro. A estereotipia, nessa síndrome, não tem apenas a função de identificação social, mas uma função econômica na psicologia do indivíduo. A síndrome autoritária apresenta regressão à fase anal- sádica e traços compulsivos de toda a espécie; na Europa, sociologicamente, apareceria com mais frequência na baixa classe média; nos EUA, Adorno observou que tal síndrome está espalhada, acontecendo entre pessoas que tem um status social diferente do que gostariam de ter. A dicotomia grupo- não grupo demanda grandes quantidades de energia psicológica; TAP, vol. 2, pgs.759 a 762

3) “conventional syndrome”: “síndrome convencional”. Esta é a síndrome que utiliza a estereotipia como estrutura fundamental de pensamento. O superego não é bem estabelecido; assim, a personalidade precisa de barreiras externas. Esse tipo é caracterizado pelo medo extremo de ser diferente, e uma culpa enorme pelas “sujeiras” que o indivíduo considera, de maneira pré-consciente, ser o seu interior. Nas mulheres, a ênfase está na pureza e na feminilidade; no homem, o sujeito se esforça para ser o “machão” convencional. O antagonismo entre preconceito e experiência é resolvido com a vitória do primeiro, e os valores da “moral e dos bons costumes” são a cada hora lembrados e proferidos em bom som; TAP, vol. 2, pgs. 756 a 758

4) “crank type”: “tipo maníaco”. A introjeção da autoridade paterna pode trazer uma frustração extrema que faz o indivíduo reprimir sua relação com a realidade; a pessoa se torna um “ermitão”, um ser difícil de ser contentado pelos “mortais” que a cercam. Há toda uma construção de uma pseudoracionalidade e de uma agressividade para protegê-la do que mais teme: a vida. O padrão é encontrado em mulheres e homens mais velhos, cujo isolamento é reforçado pela exclusão do processo de trabalho; tanto que é raro encontrar esse tipo entre trabalhadores; pgs. 765 a 767

5) “easy-going low scorer”: “ “. Essa síndrome é o oposto do “tipo manipulador”; é caracterizada pela tendência de “deixar as ondas rolarem”. É o sujeito “maria- vai- com- as- outras”, o que representa perigo. Esse tipo não consegue tomar decisões; suas características positivas são uma certa riqueza psicológica que

lhes permite desfrutar da vida tranqüilamente e ter senso de humor. Nos termos psicológicos, essa síndrome não é marcada por nenhuma preponderância dos três constituintes da personalidade (id, ego e superego) e nem por nenhuma regressão ou resolução patológica do complexo de Édipo; para Adorno, esse tipo apresenta uma psique dinâmica, fluida. Possuem uma figura materna tão positiva que não apresentam agressividade; são o que a sociedade considera “normais”, mas são, em boa medida, imaturos. Nenhuma ação contra regimes autoritários pode ser esperada deles, e esse é o problema. Juntamente com o “low scorer rebelde”, é o tipo de “low scorer” mais encontrado pela pesquisa de TAP; TAP, vol. 2, pgs. 778 a 781

6) “ego”: a parte da personalidade que lida com a realidade; detentora da maior parte dos impulsos conscientes; liga-se diretamente aos papéis sociais destinados ao indivíduo (TAP, vol. 1, pg.11)

7) “E scale”: escala E, de etnocentrismo. Partindo do pressuposto que o preconceito nasce de uma visão fechada de mundo, onde o indivíduo, com medo, glorifica o ponto de vista do seu grupo, os autores de TAP procuraram perceber como esse recurso ocorre; essa escala se mostrou a melhor maneira de diferenciação entre os “high” e os “low scorers”; TAP, vol. 1, cap. IV

8) “F scale”: a mais completa de todas as escalas elaboradas na pesquisa do livro, a escala F foi a última a ser desenvolvida pelos pesquisadores envolvidos em TAP. Ela procurou medir as tendências anti-democráticas que antes estavam diluídas nas outras escalas; nos pontos em que PEC, E e A-S eram mais vagas e imprecisas, a escala F identificou o potencial anti-democrático indiretamente, ou seja, a partir de questões gerais que continham certos pressupostos sobre os traços do fascismo em potencial. A escala F nunca foi aplicada como as outras, em sua forma “pura”; suas questões foram “espalhadas” pelos questionários, em diferentes arranjos; teve várias versões. Depois da publicação de TAP, houve um grande debate, entre os estudiosos de Psicologia nos EUA, sobre sua construção e validade; a respeito, ver CARONE, Iray: “Teoria Crítica e Psicologia Social: o impacto do Instituto de Pesquisa Social na investigação psicossocial”, in MENIN, Maria Suzana de Stefano e AZEVEDO, Maria Amélia: *Psicologia e Política*. São Paulo, Cortez e FAPESP, 1995. Carone, depois de fazer um mapeamento preciso das publicações a respeito de TAP, chegou à conclusão que a escala F foi o ponto central discutido pelos estudiosos norte-americanos no debate do livro. Adorno sempre se referia à escala F como um dos auges em sua trajetória na Sociologia.

9) “genuine liberal”: “liberal genuíno”. É o tipo de pessoa bem-resolvida; a experiência da vida é vista sem nenhuma etiqueta, o sujeito tem um pronunciado senso de autonomia e o ego é bem desenvolvido, sem ser narcisista. O liberal genuíno partilha com o “low scorer rebelde” da identificação com os oprimidos, mas sem compulsão; como o “easy-going”, é anti-autoritário, mas com firmeza e decisão, e interesses “estéticos” ocorrem com frequência; TAP, vol. 2, pgs. 781 a 783

10) “ideology”: ideologia, para os autores de TAP, é usado no sentido mais usual do termo: conjunto de idéias que norteiam o indivíduo em sua vida social (ver TAP, vol. 1, pg.2). Mas nos textos de Adorno podemos perceber que tal termo não é tão simples assim: em muitos casos, liga-se ao fenômeno da reificação que, segundo o filósofo, é uma marca indelével da modernidade; TAP, vol. 2, pgs. 658 e 659

11) “impulsive low scorer”: “low scorer impulsivo”. Paralela aos psicopatas encontrados entre os “high”, esse tipo apareceria em casos onde o id é extremamente forte e não-reprimido, e a pessoa não apresentaria impulsos destrutivos, e se identificaria com os que acha que são reprimidos também. Se existem impulsos destrutivos, são dirigidos contra si próprio, não contra os outros. Essa síndrome pode ser encontrada nos que são taxados de “libertinos”. É interessante notar, diz Adorno, que muito poucos atores e dançarinas de cabaré se tornaram nazistas, mas essas pessoas também morreram em campos de concentração; TAP, vol. 2, pgs. 776 a 778

12) “low”, “middle” e “high scorer”: “índices baixos, altos e médios”. os entrevistados de TAP foram divididos por seus resultados às perguntas dos questionários; quanto mais alta fosse a pontuação atingida, maior a probabilidade do indivíduo apresentar tendências autoritárias, fascistas, anti-democráticas. Na tradução em espanhol de TAP (*La personalidad autoritaria*. Buenos Aires, Editorial Proyección, 1965) são chamados de “altos” e “bajos”, o que em português soaria inapropriado. Optamos por continuar com a denominação em inglês para que a idéia original, a de “times” de entrevistados, continuasse.

13) “manipulative type”: “tipo manipulador”. A mais perigosa de todas as síndromes é definida pelo uso extremado da estereotipia; as noções rígidas são fins, não meios para o pensamento, e o mundo inteiro é dividido em campos esquemáticos. O tipo manipulador tem algo de esquizofrênico, mas o fosso entre a realidade e o interior não é resolvido pela introversão, e sim por uma espécie de pragmatismo levado às últimas conseqüências. Esse padrão psíquico é encontrado com freqüência em homens de negócios, dirigentes, enfim, membros da classe dominante. Muitos homens que dirigiam a Alemanha nazista podem servir de exemplo; para eles, Auschwitz tinha uma “função administrativa”; essa compulsão psicológica pode ser entendida em termos de Teoria Social, segundo Adorno, como reificação; TAP, vol. 2, pgs. 767 a 771

14) “PEC scale”: escala do conservadorismo político- econômico. A hipótese inicial, de que os sujeitos preconceituosos também seriam os mais conservadores em relação aos assuntos de negócios, do Estado, dos sindicatos, da política externa, se mostrou errada. Não há, observa Adorno, relação entre os dados obtidos por E e por PEC; TAP, vol. 1, cap. V

15) “personality”: personalidade. A personalidade é entendida por Adorno como a reunião de forças que determinam as respostas do indivíduo frente às situações. “Personality”, nesse sentido, não é o mesmo que “behavior”: “Personality lies behind behavior and within the individual”, TAP, vol. 1, pg. 5. Não devemos esquecer, porém, que na sociedade contemporânea “As mais íntimas reações das pessoas estão tão completamente reificadas para elas próprias que a idéia de algo peculiar a elas só perdura na mais extrema abstração: personality significa para elas pouco mais do que possuir dentes deslumbrantemente brancos e estar livres do suor nas axilas e das emoções.” (DE, pg. 156)

16) “protesting low scorer”: “low scorer rebelde”. Esse tipo tem muito em comum com a “síndrome autoritária” encontrada nos “high scorers”; a diferença é que o ódio à figura paterna é substituído por uma desconfiança a toda e qualquer autoridade, ao invés da submissão sadomasoquista. A característica mais marcante dessa síndrome é, portanto, uma oposição a qualquer coisa que aparente ser uma tirania. A maior parte dos “low scorers” neuróticos encontrados pelas pesquisas de TAP exemplificam a síndrome em questão. São pessoas que bradam contra a injustiça no mundo e que apresentariam oposição a um regime autoritário em seu cotidiano; TAP, vol. 2, pgs. 774 a 776

17) “pseudoconservatism”: pseudoconservadorismo. Fenômeno que Adorno observa ser uma das características do pensamento político dos entrevistados; o filósofo criou o conceito ao perceber a diferença entre os entrevistados que haviam atingido índices altos em PEC mas baixos em E e F e os “high” em todas as escalas; enquanto os conservadores em termos de política e economia não são necessariamente fascistas em potencial, esses últimos eram os verdadeiramente potencialmente fascistas. O pseudoconservadorismo se caracteriza pelo convencionalismo e pela submissão total à qualquer autoridade; TAP, vol. 2, cap. XVII, pgs. 675 a 685

18) “rebel”: A resolução do complexo de Édipo pode ser uma “rebelião” à figura paterna; em certos casos, anula-se o aspecto sadomasoquista e o ódio se transforma em ódio a toda e qualquer autoridade. Essa síndrome foi muito comum na Alemanha nazista, segundo Adorno. Tal tipo apresentaria excessos como o de escolher profissões perigosas, correr demais de automóvel, beber demais, homossexualidade reprimida; o superego, na resolução do complexo, pode ser solapado e existe uma regressão à fantasia de onipotência da mais tenra infância. É o tipo mais infantilizado; porém, é o dos carrascos, guardas, torturadores, de pessoas como os médicos de Auschwitz, de quem faz “o trabalho sujo” nos regimes autoritários; ver também “tough guy”; TAP, vol. 2, pgs. 762 a 765

19) “rigid low scorer”: “low scorer rígido”. Tipo caracterizado pelo superego forte e pela substituição, na resolução do complexo de Édipo, da figura paterna pela do grupo social, provavelmente moldado na figura arcaica da “horda fraternal” que Sigmund Freud analisou em seus últimos textos. O tabu é qualquer violência contra o amor fraternal para com os outros. O pensamento é marcado por etiquetas, e no caso de regimes autoritários, esse tipo se reúne em pequenos grupos de oposição que são rivais entre si por questões mínimas. Usam frases prontas contra seus adversários políticos; podemos identificá-los, nos anos 90, como os “politicamente corretos”; TAP, vol. 2, pgs. 771 a 774

20) “scale”: escala. Cada escala de TAP consistiu numa coleção de afirmações, sobre as quais o sujeito era inquirido para expressar seu grau de desacordo ou acordo. Cada uma das afirmações fazia alusão a uma opinião, atitude ou valor específicos, e a base para se agrupar tais frases numa escala em particular era a concepção de que, juntas, exprimiam um padrão geral sobre áreas da vida social; TAP, vol. 1, “Introdução”

21) “surface resentment”: “ressentimento superficial”. Facilmente reconhecido pelas ansiedades em relação à vida social, justificáveis ou não, esse tipo não possui em sua constituição psicológica elementos profundamente arraigados para tal tipo de atitude. Explica Adorno que este não é um tipo psicológico, mas a condensação de manifestações racionais, conscientes ou pré-conscientes, de preconceitos. Os indivíduos que exemplificam esse tipo são “high” em todas as escalas, mas o preconceito não é algo libidinizado; fica em esferas superficiais da personalidade. Essas pessoas tendem a professar a “teoria do bode expiatório”, e seu pensamento é fortemente limitado pelas convenções pequeno-burguesas; TAP, vol. 2, pgs. 753 a 756

22) “stereotypy”: “estereotipia”. Recurso do pensamento segundo o qual o sujeito vê as pessoas segundo pré-conceitos, clichês sociais, na maior parte das vezes racistas. Por exemplo, o judeu é visto como o homem velho, de terno escuro, barba e trancinhas, além do cachecol branco com a estrela de Davi, o negro como o esfarrapado agressivo, etc. TAP, vol. 2, cap. XVI

23) “supplementary procedure”: procedimento suplementar. Assim Adorno denomina seu método em TAP, a análise metódica dos discursos das entrevistas. Tal denominação contém em si uma boa dose de uma modéstia irônica: esse passo metodológico indispensável na construção de ferramentas teóricas seria, aos olhos de cientistas norte-americanos, algo “além” da quantificação “necessária”; TAP, vol. 2, pg. 603, 604

24) “ticket thinking”: “pensamento de etiqueta”. O costume dos entrevistados em rotular o mundo chamou a atenção de Adorno e o autor criou tal conceito para expressá-lo. Luiz Eduardo Bicca, tradutor da *Minima Moralia*, explica que *ticket* é “gíria americana que significa chapa de candidatos ou programa político-partidário” (ADORNO, Theodor: *Minima Moralia*. São Paulo, Ática, 1993, pg. 115): ou seja, o modo de expressão simplificado, vago, de um panfleto de candidato a vereador. No seu último capítulo em TAP, Adorno diz que sua tipologia também é “pensamento de etiqueta”, só possível porque as pessoas, na sociedade contemporânea, pensam e vivem assim; TAP, vol. 2, caps. XVII e XIX

25) “tough guy”: “cara durão”. Adorno chama assim os homens “high” que assumem para si um modelo de masculinidade “forte”, “insensível”, “casca grossa”. O filósofo conta que “em Oxford diferenciam-se duas espécies de estudantes, os *tough guys* e os intelectuais” (ADORNO, Theodor: *Minima Moralia*. São Paulo, Ática, 1993, pg. 39). Apesar dos últimos serem taxados pelos primeiros de “efeminados”, Adorno diz que os *tough guys* sempre são homossexuais enrustidos; seu sadismo extremado mascara um masoquismo doentio, inconsciente. Na terminologia psiquiátrica, o mesmo que “psicopata”; na terminologia de TAP, o tipo mais extremado de “rebelde”. Tais características foram encontradas em grande parte nos presidiários de San Quentin; TAP, vol. 2, especialmente cap. XVII, e pg. 763 a 765

26) “type”: “tipo”. Para Adorno, existem dois conceitos de tipos, que precisam ser diferenciados. Um corresponde aos entrevistados que possuem suas personalidades “tipificadas”, ou seja, que refletem os padrões criados pelos mecanismos sociais, e outro aos entrevistados chamados de “tipos” apenas no sentido lógico, de classificação externa que o autor escolheu a partir de certas características. Escreve Adorno: “It should be stressed that two concepts of types are distinguished. On the one hand, there are those who are types in the proper sense, typified persons, individuals who are largely reflecting set patterns and social mechanisms, and on the other hand, persons who can be called types only in a formal-logical sense and who often may be characterized just by the absence of standard qualities. It is essential to distinguish the real, ‘genuine’ type structure person and his merely belonging to a logical class by which he is defined outside, as it were”; TAP, vol. 2, pg. 749

6)Bibliografia

- 1)ADORNO, Theodor W.: -*Consignas. Amarroutu, Buenos Aires, 1973*
 -“Culture and administration”, in *Telos*, 37 (Fall, 1978)
 -*La disputa del positivismo en la Sociologia Alemana. Barcelona, Edições Grijalbo, 1973*
 -*Educação e Emancipação. São Paulo, Paz e Terra, 1995*
 -“O fetichismo na música e a regressão da audição”, “Conferência sobre lírica e sociedade”, “Introdução à controvérsia sobre o positivismo na Sociologia Alemã”, in *Os Pensadores*, vol. XLVIII. São Paulo, Abril Cultural, 1975
 -*Grandes Cientistas Sociais. (org. Gabriel Cohn). São Paulo, Ática, 1985*
 -*Minima Moralia. São Paulo, Ática, 1993*
 -“On popular music”, in *Studies in Philosophy and Social Science*, IX, 1941
 -*Palavras e Sinais. São Paulo, Ática, 1995*
 -*Prismas- Crítica Cultural e sociedade. São Paulo, Ática, 1998*
 -*The Authoritarian Personality- part two. New York, Science Editions, 1964, pgs. 603 a 783*
 -*Stelle su misura. Turim, Einaudi, 1985*
 -“Sociology and Psychology”, in *New Left Review*, 46 e 47 (novembro-fevereiro 1967/8)
 -“Progresso”, in *Lua Nova*, número 27, 1992
 -*Soziologische Schriften I e II. Gesammelte Schriften 8 e 9. Frankfurt, Suhrkamp, 1975*
 -*La personalidad autoritaria. Buenos Aires, Editorial Proyección, 1965*
 e HORKHEIMER, Max: *Dialética do Esclarecimento. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994*
 -*Temas Básicos de Sociologia. São Paulo, Cultrix, 1978*
 -“Prejuicio y carácter”, *Sociedad en transición: estudios de Filosofia Social, Barcelona, Ediciones Península, 1976*
 -*Sociologica. Madrid, Taurus, 1971*
- 2)AMARAL, Mônica do: *O espectro de Narciso na modernidade: de Freud a Adorno. São Paulo, 1997*
- 3)ARATO, Andrew e GEBHARDT, Eike: *The Essential Frankfurt School Reader. Nova York, Continuum, 1992*
- 4)ARON, Raymond: *As etapas do pensamento sociológico. São Paulo, Martins Fontes, 1999*
- 5)AVITABLE, Lucia: “Su La personalitá autoritaria”, in *Rivista internazionale di filosofia del diritto, ottobre-dicembre 1997*
- 6)BAHR, Ehrhard: “The anti-semitism studies of the Frankfurt School: the failure of critical theory”, in BERNSTEIN, Jay: *The Frankfurt School, critical assessments. Londres, Routledge, 1994, vol.1*
- 7)BENJAMIN, Jessica: “The end of internalization: Adorno’s Social Psychology”, *Telos*, 32, summer 1977
- 8)BERTONHA, João Fábio: “Será o inconsciente humano fascista? Um comentário ao texto de Edward Luttwak”, *Revista de Cultura Vozes, set-out 1995*
- 9)BOBBIO, Norberto, MATTUCCI, Nicola, e PASQUINO, Gianfranco: *Dicionário de Política. Brasília, Editora UnB, 1995, verbetes: “Anti-semitismo”, “Autoritarismo”, “Fascismo”, “Totalitarismo”*
 - *Direita e esquerda- razões e significados de uma distinção política. São Paulo, Editora da Unesp, 1995*

- 10) BREUER, Stefan: "Adorno's Anthropology", in BERNSTEIN, Jay: *The Frankfurt School: critical assessments*, Londres, Routledge, 1994
- 11) BUCK-MORS, Susan: *Origin of negative dialectics*. Sussex, Harvester Press, 1977
- 12) CANETTI, Elias, e ADORNO, Theodor W.: "Diálogo sobre as massas, o medo e a morte", tradução de Otacílio Nunes Jr, São Paulo, *Novos Estudos Cebrap*, número 21, julho de 1988
- 13) CARONE, Iray: "Teoria Crítica e Psicologia Social: o impacto do Instituto de Pesquisa Social na investigação psicossocial", in AZEVEDO, Maria Amélia e MENIN, Maria Suzana de Stefano (orgs.): *Psicologia e Política: reflexões sobre possibilidades e dificuldades desse encontro*. São Paulo, Cortez, 1995
 -"De Frankfurt à Budapeste: os paradoxos de uma psicologia de base marxista", in *Psicologia-USP*, vol. 2 (1/2), 1991
- 14) CHRISTIE, Richard, e JAHODA, Marie (orgs): *Studies in the scope and method of The Authoritarian Personality*. Glencoe, Illinois, The Free Press, 1954
- 15) COHN, Gabriel: "Difícil reconciliação: Adorno e dialética da cultura", in *Lua Nova*, número 20, 1990
 -"Esclarecimento e ofuscação: Adorno e Horkheimer hoje", in *Lua Nova*, número 43, 1998
 -"A atualidade do conceito de indústria cultural", in *Sociedade Global: Cultura e religião*, org. MOREIRA, Alberto da Silva. Petrópolis, Vozes, 1998
 -"Adorno e a Teoria Crítica da sociedade", in COHN, Gabriel (org): *Theodor W. Adorno, Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo, Ática, 1986
 -"Introdução", in COHN, Gabriel (org.): *Max Weber, Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo, Ática, 1997
 -"Crítica e resignação: fundamentos da Sociologia de Max Weber". São Paulo, T.A Queiroz Editor, 1979
 -"Perfis em Teoria Social: Tocqueville e Weber, duas vocações", in AVRITZER, Leonardo, e DOMINGUES, José Maurício: *Teoria Social e modernidade no Brasil*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2000
- 16) CROCHIK, José Leon: "A personalidade narcisista segundo a Escola de Frankfurt e a ideologia da racionalidade tecnológica", in *Psicologia-USP*, vol. 1, 1990
- 17) CUNHA, Jurema Alcides (org.): *Dicionário de termos de Psicanálise de Sigmund Freud*. Porto Alegre, Editora Globo, 1978, verbete: "Personalidade"
- 18) DUARTE, Rodrigo: *Adornos: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1997
- 19) DUBIEL, Helmut: *Theory and politics*. Cambridge, EUA, MIT Press, 1985
- 20) DURKHEIM, Émile: *O suicídio*. São Paulo, Martins Fontes, 2000
- 21) FREITAG, Bárbara: "Teoria Crítica e pesquisa social. As pesquisas empíricas da Escola de Frankfurt", in WAIZBOBT, Leopoldo (org.): *A ousadia crítica, ensaios para Gabriel Cohn*. Londrina, Ed. UEL, 1998
 -*Teoria Crítica ontem e hoje*. São Paulo, Brasiliense, 1985
- 22) FREUD, Sigmund: *Group psychology and the analysis of the ego*, vol. XVII, *The complete psychological works*. Londres, Hogarth Press e Institute of Psycho-analysis, 1968
 -"Psycho-analytic notes on an autobiographical account of a case of paranoia (Dementia Paranoides)", vol. XII, *The complete psychological works*. Londres, Hogarth Press e Institute of Psycho-analysis, 1968
 -"Medusa's head", vol. XVIII, *The complete psychological works*. Londres, Hogarth Press e Institute of Psycho-analysis, 1968

-“The dissolution of the Oedipus complex”, vol. XIX, *The complete psychological works*. Londres, Hogarth Press e Institute of Psycho-analysis, 1968

-“Libidinal types”, vol. XXI, *The complete psychological works*. Londres, Hogarth Press e Institute of Psycho-analysis, 1968

-“Why war? Einstein and Freud”, vol. XXII, *The complete psychological works*. Londres, Hogarth Press e Institute of Psycho-analysis, 1968

-“A comment on anti-semitism”, vol. XXIII, *The complete psychological works*. Londres, Hogarth Press e Institute of Psycho-analysis.

23)FROMM, Erich: *O medo à liberdade*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara-Koogan, 1983

24)HABERMAS, Jurgen: “The tasks of Critical Theory”, in *Theory of communicative action*, vol. 2.

-“Theodor W. Adorno- pré-história da subjetividade e auto-afirmação selvagem”, in *Grandes Cientistas Sociais* (org. FREITAG, Bárbara e ROUANET, Sérgio Paulo). São Paulo, Ática, 1980

-“From Lukács to Adorno: rationalization as reification”, in *The theory of communicative action*, vol. I. Boston, Beacon Press, 1996

-“O entrosamento entre o mito e o Iluminismo: Horkheimer e Adorno”, in *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1998

25)HADDAD, Fernando: “Habermas leitor de Weber e a economia neoclássica”, in *Lua Nova*, número 38, 1996

26)HARRIS, Marvin: “Cultura y personalidad: la fase prefreudiana” e “Cultura y personalidad: la fase freudiana”, in *El desarrollo de la Teoría Antropológica, una historia de las teorías de la cultura*. Madrid, Siglo Veintiuno Editores, 1997

27)HELD, David: *Introduction to Critical Theory: Horkheimer to Habermas*. Berkeley, University of California Press, 1980

28)HOBBSAWN, Eric: *Era dos Extremos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996

29)HONNETH, Axel: “Adorno’s Theory of society: the definitive repression of the social”, *The critique of power: reflective stages in a critical social theory*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press, 1991

30)HORKHEIMER, Max: “Notes on Institute activities”, in *Studies in Philosophy and Social Science*, IX, 1941

31)HUGHES, H. Stuart: *The sea change: the migration of Social Thought, 1930-1965*, Nova York, Harper & Row, 1975

32)HULLOT-KENTOR, Robert: “Back to Adorno”, in *Telos*, 81, fall 1989

33)JAMESON, Fredric: *O marxismo tardio: Adorno, ou a persistência da dialética*. São Paulo, Editora da Unesp e Boitempo Editorial, 1996

-“Adorno: or, historical tropes”, *Salmagundi*, 5, spring 1967

34)JAY, Martin: *The dialectical imagination*. Londres, Heinemann, 1973

-*As idéias de Adorno*. São Paulo, Edusp e Cultrix, 1984

-“The jews and the Frankfurt School: critical theory’s analysis of anti-semitism”, *New German Critique*, 19, fall 1980

-“Adorno in America”, *New German Critique*, 31, winter 1984

-“The Frankfurt School in exile”, *Perspectives in American History*, VI, 356, 1972

-“The permanent exile of Theodor W. Adorno”, *Midstream*, XV, december 1969

35)JIMENEZ, Marc: *Para ler Adorno*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1977

- 36) Instituto de Pesquisa Social: "Research Project on anti-semitism", *Studies in Philosophy and Social Science*, IX, 1941
- 37) KAFKA, Franz: *América*. São Paulo, Livraria Exposição do Livro, s/d
- 38) KELLNER, Douglas MacKay e BRONNER, Stephen Eric (orgs.): *Critical Theory and society, a reader*. Londres e Nova York, Routledge, 1989
- 39) KOTHE, Flávio: *Benjamin & Adorno: confrontos*. São Paulo, Ática, 1978
- 40) KRAHL, Hans-Jürgen: "The political contradictions in Adorno's Critical Theory", in BERNSTEIN, Jay: *The Frankfurt School: critical assessments*. Londres, Routledge, 1991, vol. IV
- 41) LAPLACHE e PONTALIS: *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 1999
- 42) LAZARSFELD, Paul: "An episode in the history of social research: a memoir", in BAILYN, Bernard, e FLEMING, Donald: *The intellectual immigration: Europe and America, 1930-60*, Cambridge, Harvard University Press, 1969
 -"Remarks on administrative and critical communications research", in *Studies in Philosophy and Social Science*, IX, 1941
- 43) LÖWY, Michel e VARIKAS, Eleni: "A crítica do progresso em Adorno", in *Lua Nova*, número 27, 1992
- 44) MAAR, Wolfgang Leo: "Lukács, Adorno e o problema da formação do sujeito", in *Lua Nova*, número 27, 1992
- 45) MANNHEIM, Karl: *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1986
- 46) MERQUIOR, José Guilherme: *O véu e a máscara, estudos sobre cultura e ideologia*. São Paulo, TA Queiroz, 1997
- 47) MORRISON, David: "Kultur and Culture: the case of Theodor W. Adorno and Paul Lazarsfeld", in *Social Research*, 45, summer 1978
- 48) NEUMANN, Franz: *Behemot*. Fondo de Cultura Economica, s/d
- 49) NOBRE, Marcos: *A Dialética Negativa de Theodor W. Adorno: a ontologia do estado falso*. São Paulo, Fapesp e Editora Iluminuras, 1998
- 50) ORTIZ, Renato: "A Escola de Frankfurt e a questão da cultura", in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, número 1, vol. 1, 1986
- 51) PERRON, Roger: *História da Psicanálise*. Porto, Rés Editora, s/d
- 52) PIÉRON, Henri: *Dicionário de Psicologia*. Porto Alegre, Editora Globo, 1977 (verbete: "Personalidade", pg. 329)
- 53) RASMUSSEN, David: *The Handbook of critical theory*. Oxford, Blackwell, 1996
- 54) REIJEN, Wilhem van: *Adorno: an introduction*. Philadelphia, Pennbridge Books, 1992
- 55) RICHARD, Lionel: *A vida cotidiana na República de Weimar*. São Paulo, Companhia das Letras e Círculo do Livro, 1988
- 56) ROSE, Gillian: *The melancholy science: an Introduction to the thought of Theodor W. Adorno*, Londres, MacMillan, 1978

-“How is Critical Theory is possible? Theodor Adorno and concept formation in Sociology”, in BERNSTEIN, Jay: *The Frankfurt School: critical assessments*. Londres, Routledge, 1991

57)ROUANET, Sérgio Paulo: *Teoria Crítica e Psicanálise*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1986

58)SILVA, Josué Pereira da: “A quem fala a Teoria Crítica? Reflexões sobre o destinatário de um discurso”, in WAIZBORT, Leopoldo (org): *A ousadia crítica, ensaios para Gabriel Cohn*. Londrina, Editora UEL, 1998

59)WAIZBORT, Leopoldo (org): *Bibliografia Émile Durkheim- Max Weber- Th. W. Adorno*. São Paulo, FFLCH-USP, 1993

60)WEBER, Max: “Rejeições religiosas do mundo e suas direções”, in *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1971

-“Religião e racionalidade econômica”, in *Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo, Ática, 1997

-*Economía y sociedad*. México, Fondo de Cultura Económica, 1997

-*A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo, Pioneira, 1989

61)WIGGERSHAUS, Rolf: *The Frankfurt School: its history, theories, and political significance*. Cambridge, Massachusetts, MIT Press, 1995

62)WOHLFAHRT, Irving: “Presentation of Adorno”, *New Left Review*, 46, January 1968

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE